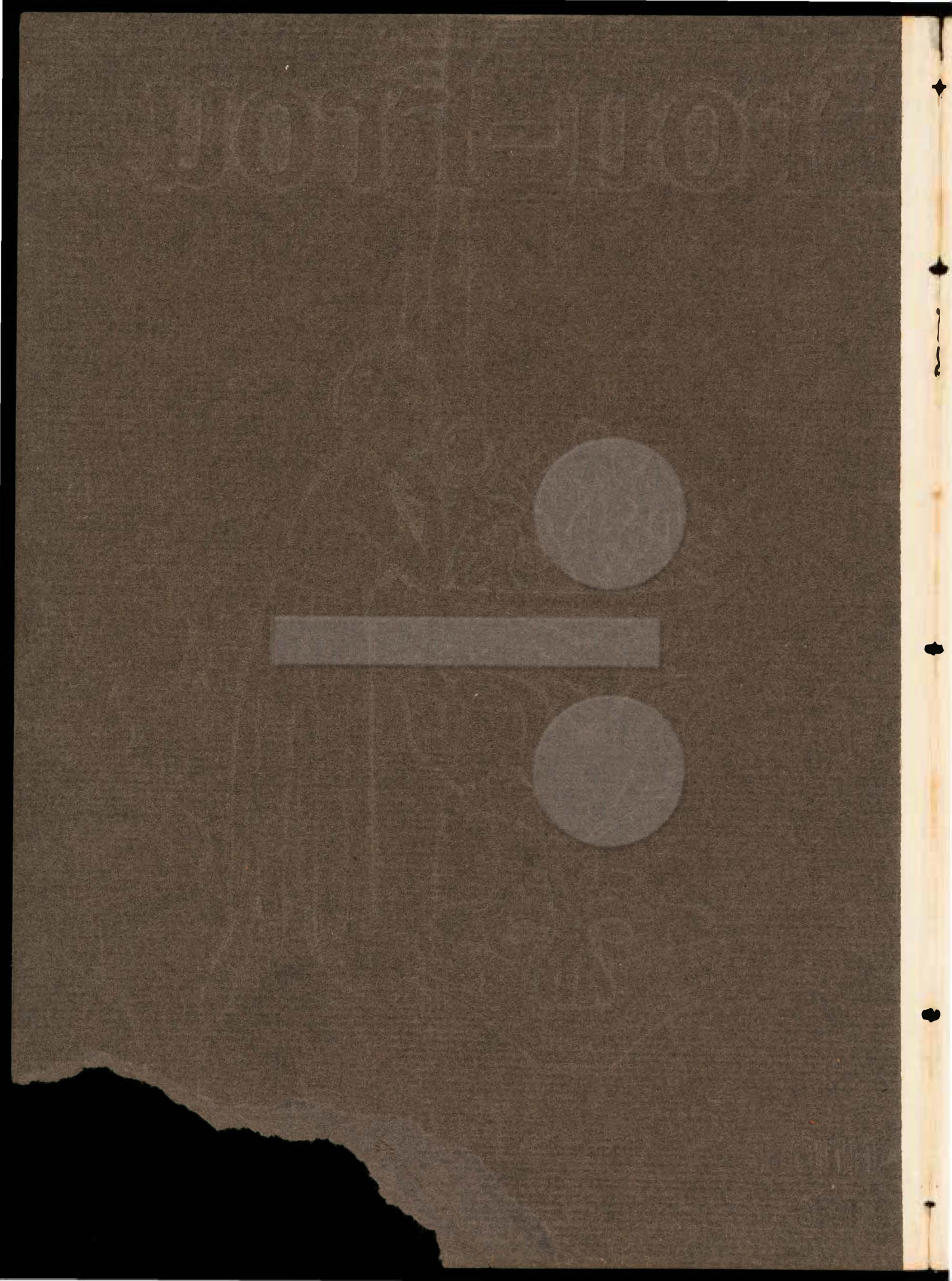
Frou-Frou...

ANNO I
Nº 6



SIMPLICIDADE,

ELEGANCIA,

GRAÇA,

DISTINCÇÃO

Attractivos que as Senhoras invariavelmente conquistam, quando as favorece a collaboração de ELEGANCIA que offerece a todas as suas freguezas o

Parc Royal

RADIO-TELEPHONIA

O maior e mais completo stock de artigos para Radio-Telephonia
Pessoal habilitado para execução de installações.
Peças avulsas francezas e americanas para amadores.

ESTAÇÕES RECEPTORAS COMPLETAS DAS MARCAS

RADAK ✻ TUSKA ✻ PEKAM

Transmissores PEKAM para amadores

F. R. MOREIRA & C.IA

Caixa Postal n. 522 — Avenida Rio Branco, 109 — RIO DE JANEIRO

Seis annos para fazer um vestido de casamento

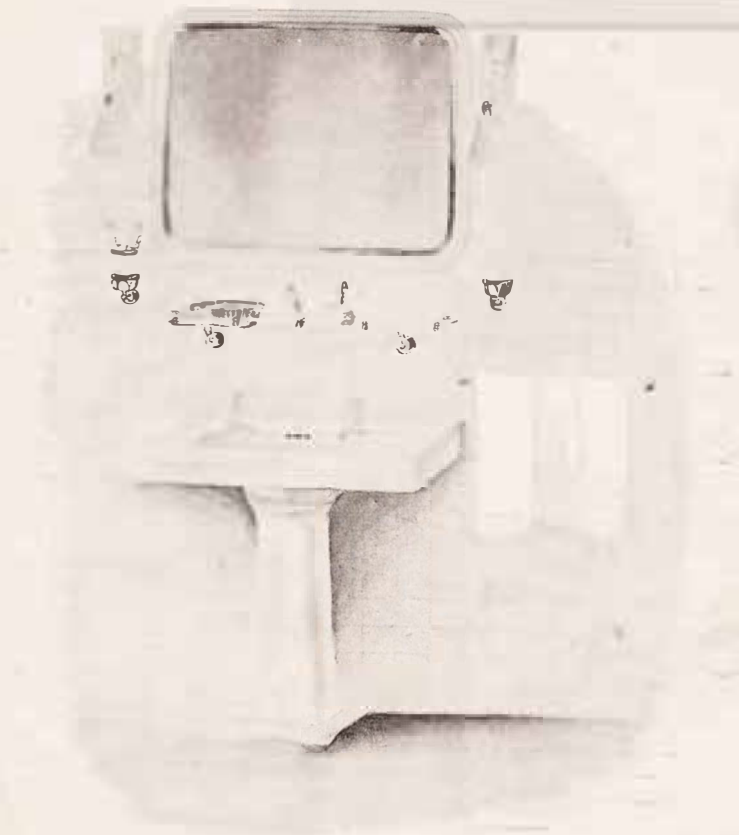
Na ilha de Mondura, possessão das Indias Hollandezas, as moças casam muito novas. Os doze annos são a edade, mais ou menos admittida, para que a mulher contráia a responsabilidade que é como quem diz o compromisso, e se, aos quatorze, uma mandureza não se casou ainda toda gente sabe que ella ficou para tia...

Ás mães, pelo motivo apontado, têm que começar a fazer o vestido do casamento das meninas antes do anno em que ellas entram na metade da edade precisa para o compromisso, visto que em Mandura o vestido nupcial é bastante complicado.

Primeiramente, quando as meninas ainda brincam com bonecas e mal sabem falar começa a mamãe a tecer as peças de seda solida que formam a base do vestido do casamento. Base é, realmente, a palavra adequada mas talvez fosse mais acertado dizer-se alicerces, porque aquillo não é mais que o começo do edificio.

Depois de tecido esse formoso "material", continua a fastidiosa obra do bordado, que consome tempos sem fim pois não póde fazer-se rapidamente por maior que seja o esforço nesse sentido, por se empregarem em tal trabalho milhares de pózinhos ou agulhas, e serem intricados e laboriosos os desenhos, salpicada a seda com as mais bellas côres. Mas, até ahi, ainda se não começou a dar o supremo toque da decoração final. Agora entra o oiro, na cinta e nos hombros, que as mães fazem gala de empregar, seja com que sacrificio fôr, para que sua filha vá o mais linda possivel na maior cerimonia da sua vida, a do casamento.

E' com essas exigencias que em Mandura as mães gastam todas as horas livres de seis annos e, ás vezes, mais, para confeccionar um desses sumptuosos vestidos de casamento.



Esplendida installação de lavatorio que faz parte do grande mostruario da "A SANITARIA" a rua da Carioca n. 45.

Esta casa possue o maior e mais completo sortimento de artigos sanitarios, ladrilhos, azulejos e executa quaesquer trabalhos em marmore.

AMARAES PIMENTEL & C.IA

PÓ DE ARROZ

LADY

É o melhor e não é o mais caro.

PREÇOS:

Caixa grande	2$500
Pelo correio.	3$200
Caixa pequena	$500

À venda em todo o Brasil

PERFUMARIA LOPES

Praça Tiradentes Ns. 36 e 38 e Rua Uruguayana N. 44 / RIO

J. Lopes & C.

Grandes exportadores de perfumarias nacionaes e estrangeiras

Para dar brilho e rosar as unhas
só o "ESMALTE ORIENTAL"

Carta de um pae a sua filha

Querida Filha — Vaes deixar a casa de teu pae para entrares na de teu marido. Ao conceder-lhe a tua mão, transferi para elle toda a minha autoridade. Quer dizer: ha um instante ainda era minha a faculdade de ordenar e teu o dever de obedecer-me. Agora, não. Neste momento só me fica o direito do conselho. Lembra-te bem disto sobre todas as coisas: a tua felicidade é a do teu marido. Uma sem a outra não podem existir. Ou ambos felizes ou ambos desgraçados. Evita sempre que nasça entre vocês dois o primeiro desgosto, porque muitos outros lhe podem succeder. Usa, com o teu companheiro, de toda a condescendencia imaginavel. Conforma-te com os seus gostos rasoaveis. Não penses nada que não lhe possas dizer, e não faças coisa alguma que elle não possa ver. A moça que sabe zelar a sua conducta respeita-se e faz-se respeitar, do contrario não chega nunca a saber demonstrar a estima e o carinho que deve ao marido. Peço-te, minha filha, que não tomes resoluções precipitadas, e que, se as tomares, perguntes a ti propria: "Que pensaria de mim meu pae... se me visse... se me ouvisse... se elle soubesse".

Filha! Deixo-te partir com o coração despedaçado, com profunda pena. Fico só. Segue teu homem a quem deves adorar. Emprega a manhã nos teus arranjos domesticos. Se eu fosse varios dias seguidos a tua casa, sem te encontrar, ficaria seriamente desgostoso, mas, se te encontrasse, nas tuas occupações de dona de casa, o meu coração saltaria de contente. Não rasgues esta carta. Guarda-a, para repetires algumas vezes a sua leitura. E, agora, adeus! Faço votos porque o homem que tu escolheste seja tão bom, tão affectuoso como tu és.

AO MAR

Soledade, extensão, silencio...

E o mar surge como a esphynge, sobre a areia ardente, a sacudir nos ares a melena de espumas. Intangivel e eterno vencedor, tu deslumbras na variedade dos teus aspectos e attraes no teu respirar de vertigem. Sente-se nos teus bracos o palpitar de uma alma, e levas a gente para o abysmo na tua enganadora caricia... Traidoras aguas! Serenas á superficie, brancas e azues a reflectirem os céos, guardam em seu seio os tragicos segredos das suas violentas commoções, a murmurar incomprehendidas melodias...

Mar formoso! Radiante! Com a tua estranha seducção em linguagem de infinita doçura offereces-nos perolas, e com o embriagante e amargo beijo das tuas ondas arrastas a gente, sem remissão, para os teus phantasticos palacios!

A maior parte dos homens emprega metade da vida a preparar a infelicidade da outra metade — **La Bruyére.**

A mulher é o mais bello defeito da Natureza — **Milton.**

A Mulher é manjar digno dos deuses.. quando o não cozinha o diabo — **Shakespeare.**

A vida é uma viagem, a idéa o itinerario — Victor

UMA PROVA DE AMOR

(Lenda japoneza)

Havia, uma vez uma mocinha a quem, contrariamente ao uso japonez, se havia permittido escolher marido. Muitos foram os galanteadores, numerosos foram os pretendentes á sua mão, que lhe levaram presentes e poemas, e lhe deixaram cair no ouvido doces phrases de amor. A cada um desses candidatos, a menina falou, dizendo :

— Só me casarei com o homem que fôr sufficientemente corajoso para se prestar á prova a que eu quero submettel-o e, seja qual fôr essa prova, exijo delle, sob sua palavra de honra de guerreiro, o mais absoluto segredo.

Os cavalleiros acceitaram as condições, mas, um a um, abandonaram suas pretenções á mão da mocinha, levando pintada no rosto a mais evidente expressão de horror. Acabaram-se-lhes desse modo os galanteios, e, honrando o seu juramento, jamais disseram palavra a alguem.

Um dia, apresentou-se um pobre samurai, cuja espada era o seu unico bem, e disse á donzella que elle era capaz de qualquer empresa para merecer o seu amor.

Ella mandou-o entrar. A' meia noite em ponto, toda vestida de branco, convidou-o a acompanhal-a, percorrendo numerosas ruas e travessas da cidade até que se detiveram num logar com todo o aspecto de um cemiterio.

Entraram. A donzella ia indicando o caminho e o samurai seguia-a de mão no punho da espada. Pararam em certo sitio. Ahi, o galanteador viu com assombro pegar a joven numa enxada e começar a cavar, até que ficou á vista a lousa que servia de tampa de um sepulchro. Um relampago deixou-lhe ver logo depois o cadaver de uma creança e a mulher arrancou-lhe facilmente um braço para lh'o estender para elle, dizendo : — Se em verdade me amas e és valente, ajuda-me a comer esta deliciosa carne.

O samurai hesitou um instante, mas logo depois começou a comer aquelle estranho manjar. Chegou mesmo, para provar que não tinha medo, a dizer :

— Delicioso ! Não poderias dar-me um pouco mais ?

Ella então fallou-lhe :

— Come sem medo samurai ! Não é cadaver o que tu vês, mas um boneco de deliciosa carne, como tu dizes, que eu mandei fazer propositadamente para pôr á prova o amor dos meus adoradores. Foste tu o unico que te atreveste a comer !

Escusado é accrescentar que a joven se casou com o samurai, dahi a poucos dias, e a ti, homem timido, isto se conta para que algum dia possas imitar o valente guerreiro.

UMA BREVE HISTORIA ROMANTICA

Os jornaes de Londres dão laconicamente uma noticia que á primeira vista parece historia, mas que é pura realidade: o principe Sarath Ghosb morreu de amor !

Nem mais nem menos. O principe hindu' Sarath Ghosb, o famoso compilador da conhecidissima obra "As mil e uma noites", morreu de amor por uma loira yankee que lhe repelliu as propostas matrimoniaes, numa das "tournées" que o nobre indio fez pelos Estados Unidos.

Profundamente triste, o enamorado principe recolheu-se a Londres, em cujos circulos aristocraticos era muito estimado, e os seus amigos mais intimos, as exquisitas bellezas cujo trato frequentava na sociabilidade, não puderam dissuadil-o do seu empenho em afastar-se do bulicio mundano. Encerrado em seus aposentos, foi peorando paulatinamente, até morrer.

Não sabemos se a desdenhosa e loira belleza, que involuntariamente lhe causou a morte, irá depositar flores de saudade na sepultura do desventurado Sarath Ghosb, mas este caso de romantismo, tão raro no seculo em que vivemos, commoveu profundamente a sociedade londrinense, que, altamente representada no dia do enterro, rendeu respeitosa homenagem á memoria do arrogante principe indio que morreu de amor.

TINTOL

Tinge em qualquer côr com toda a segurança e rapidez

NÃO MANCHA AS MÃOS NEM SUJA OS UTENSILIOS

M. Gonçalves & C.

Rua Municipal, 13

RIO DE JANEIRO

Frou-Frou

ANNO I - NUM. 6 | MAGAZINE MENSAL | NOVEMBRO DE 1923

Propriedade de S. SANTOS & COMP.

Preço: Rio e Estados 2$500
Numero atrazado..... 3$000
Assignatura (um anno) 36$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Avenida Rio Branco n. 110
RIO DE JANEIRO
End. Tel. FROUFROU - RIO

Director-Gerente: **Manoel Santos**
Correspondencia á Caixa 572
Composta e impressa nas officinas do "Jornal do Brasil"

CINEMATECA BRASILEIRA BIBLIOTECA

O ELOGIO DE MONIQUE LERBIER

Minha dôce amiga, — Li o seu nome no abaixo-assignado que trezentas senhoras dirigiram ao chefe de policia, protestando contra a exhibição de "La Garçonne". Só, então, soube eu que o romance barulhento de Victor Marguerite corria agora, o mundo soh o rotulo da "Gaumont", e que a minha adoravel Monique deixára de ser a personagem inanimada de uma grande tragedia, para viver, silenciosa embora, a vida do gesto e da attitude, numa "pantalla" burgueza de cinematographo. Você não extranhe que eu, ao contrario das suas duzentas e noventa e nove magnificas amigas, não tivesse ainda tomado conhecimento do facto sensacional. Mas é que, na minha edade, minha deliciosa confidente, o bicho homem apenas se preoccupa com os assumptos sérios. E o cinema é um assumpto tão frivolo, tão banal!...

Continuando, porém, o fio desta carta sem poesia, nem interesse, confesso-lhe que não gostei de ver o seu lindo nome sob aquelle memorial, horrivel como todos os memoraes, e, sobretudo, não gostei por este simples motivo: a minha excellente amiga praticou uma cruel injustiça, condemnando assim tão impiedosamente a obra maravilhosa de Marguerite.

Você — não o negue, que estou a sentir a verdade nos seus olhos lindos — leu, releu e releu a historia commovente da filha dos Lerbier. Si ha um typo de romance, antigo ou moderno, que não seja immoral, esse é, precisamente, o de Monique. Producto do meio corrompido, victima da atmosphera maldita que rodeava, ella caiu por uma série de circumstancias alheias á sua vontade, por um sem numero de factores independentes do seu querer.

Entre a lama da sociedade e a lama das ruas, ella preferiu esta ultima, e essa sua escolha reflecte um symptoma da energia hoje latente na carne, no espirito e no coração de todas as mulheres.

Ella desprezou a hypocrisia, a mentira convencional, o egoismo, a revoltante miseria de uma plutocracia dourada, e, seronamente, sem uma queixa, suffocando na garganta os soluços da sua dôr, abriu os olhos para o mundo e ergueu as mãos até o céo, acceitando o desafio do destino, com um heroismo que eu não sei dizer si foi sublime ou si foi bello, simplesmente...

A sua quéda é uma ascensão para a immortalidade. O seu crime é um canto de gloria. Ha no seu peccado um aroma de innocencia.

Nessa pobre creatura, que atravez uma existencia abominavel teve um só sonho — ser mãe e um só ideal — ser bura, eu vejo a doce Santa Maria Egypciaca do nosso seculo, resgatando o erro com o proprio erro, corrigindo o vicio com o horror do vicio — cheia de abnegação, cheia de coragem, sem um desfallecimento, sem um ai desdenhosa, soberba, no nudo e doloroso arcama da sua desventura cruel. Ha outros personagens do romance, que, esses, sim, minha boa amiga, são realmente immoraes.

Aquella Nanette, em que os "potins" do "boulevard" descobriram maldosamente a Mistinguett que você e as outras duzentas e noventa e nove signatarias do memorial tanto applaudiram, nos espectaculos da "troupe" ingenua de Mme. Rasimi; aquelle Max; aquelle Peer Rys; a mãe de Monique são, não ha duvida, creaturas immoraes no sentido nobre do termo, e não no que de commum empregam os inimigos implacaveis — "et pour cause"... — da "nudez forte da Verdade".

Victor Marguerite não inventou, nem mesmo siquer exaggerou, ao tracar-nos, em sua novella, o quadro do Paris nervoso de depois de 914. Não é de hontem, minha amiga, a dissolução, ou melhor a perversão de costumes. Ella é uma consequencia fatal do amor do luxo, do refinamento das elegancias, da Moda, em summa. E esta, como você bem o sabe, não nasceu outro dia: vem do principio do mundo.

Agora mesmo, por exemplo, tenho deante dos olhos um alfarrabio curioso. Leio a data: Março de 1613. Leio a assignatura: — Luiz XIII, rei de França. E leio estas frias palavras com que, no severo edicto, o descendente dos Capetos prohibe "à toutes personnes, de quelque sexe et qualité qu'elles soient, de porter des habits sur lesquels il y ait aucun or ou argent, fin ou faux, de quelque manière que ce soit".

Como, pois, condemnar Victor Marguerite por ter pintado, com côres reaes, embora fortes, um quadro authentico da vida real? Porventura, no tempo em que vivemos o delirio do luxo não empolga todas as vontades, manchando todos os caracteres e corrupendo todas as consciencias, insaciavel nas suas ambições sem freio? E porventura "la garçonne", que vemos diariamente ao nosso lado, em Paris, em Londres, em New York, no Rio de Janeiro, em Buenos Aires, onde quer que as "andorinhas" de Paquin ou os commis-voyageurs de Doubigant tenham levado a voluptia dos vestidos, das "fourures" e dos perfumes caros porventura "la garçonne" não é uma resultante logica dessa anarchia social e moral?

No livro de Margueritte, mesmo as passagens escabrosas não são mais do que complementos necessarios do encadeamento da acção. Elle não as descreveu, com crueza, porque, o quizesse. Mas sim, porque a tal o obriga a a perfeição do seu trabalho, digamos — a nitidez do seu "cliché".

Literatura perversa é a de quem se compraz despudoradamente, em fazer alarma dos seus vicios, cantando-os em prosa e em verso...

A outra, a dos Rabelais, a dos Zola, a dos Eça de Queiroz, essa não corrompe — ensina, não destróe — constróe, não degrada — purifica.

E já que lhe estou a falar nessas cousas, minha amiga, vou lembrar-lhe, aqui, uma phrase interessante de Macaulay. Está na pagina 146, capitulo X, dos "Essays", e é a a seguinte:

"Custa a crer que num mundo cheio de tantas tentações, como o nosso, um homem, que teria sido virtuoso si não tivesse lido Aristophanes e Juvenal, se julgue "viciado" pelo simples facto de os ter lido. Aquelle que, á mercê de todas as influencias de um estado social como esse em que vivemos, receia expôr-se ás influencias de alguns versos gregos e latinos assemelha-se muito ao réo que pedisse permissão aos "scheriffs" para cobrir-se com um guarda-chuvas, da porta da prisão de Newgate até á forca, porque a manhã estivesse chuvosa e elle temesse constipar-se".

Você, minha dôce amiga, digo-lh'o sem galanteio — é intelligente e forte demais para que tenha medo de constipar-se, como o heróe de lord Macaulay...

Não queira, portanto, á infeliz Monique Lerbier. Ella não merece a sua condemnação: antes merece a sua piedade, que é infinita.

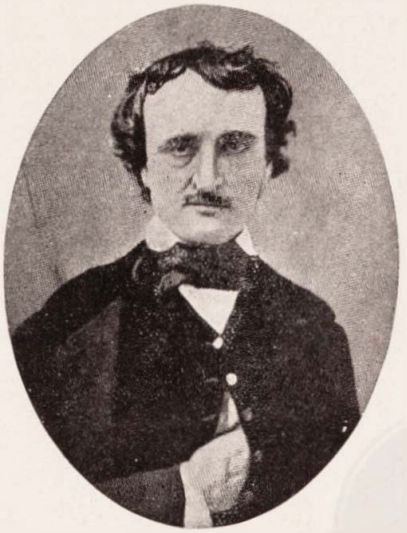
Beija-lhe a mão o mais humilde dos seus servidores.

B. B.

Onde Pöe viveu e amou

ESPIRITO ardente e intensamente tragico, Pöe é o grande poeta da America do Norte mais profundamente admirado e querido na America do Sul.

A voluptuosidade da dôr, que elle, como talvez nenhum outro dos seus compatriotas intellectuaes, soube sentir e cantar em versos tão scintillantes, tão luminosos, tão emotivos, parece ter crepitado muito mais intensa em sua alma, do que em qualquer outro coração de poeta, amante e imaginoso, do seu tempo.



Uma das mentalidades mais fecundas da moderna litteratura norte-americana, Charles Hanson Towne, prestando um bello e triste depoimento sobre a vida accidentada do immortal Poeta do amor e da desventura, diz que, na sua infancia, levado por parentes seus, varias vezes visitou, num arrabalde de New York, que se lhe afigurava muito antigo, com a sua paisagem velha e o seu conjuncto estragado pelo sol, pelas chuvas e pelos luares, a pequenina e modesta casa de campo, onde o grande Pöe viveu e amou.

E, desde menino, começou C. H. Towne a se interessar pela lenda indescriptivelmente triste, que envolve a vida do Poeta, cujos versos muito fundamente lhe lanceavam a alma.

— A quem não agradaria viver numa casinha como a de Pöe?, — pergunta Towne, num desabrochar espontaneo de sentimento evocativo?

Quem não desejaria se installar junto aquellas janellas toscas, baixas, estreitas, para ler ou escrever, sentindo em torno e em tudo, no ambiente, o perfume fugitivo do amor que outr'ora alli palpitara?

Quem não almejaria aquelle recanto de sonho, onde talvez paire ainda o mesmo calor da presença dos dois amantes, que foram tão felizes, em meio de sua immensa pobresa honrada?

Conta Charles Towne que, passada a sua infancia, e havendo alcançado já a edade exuhere de rapaz, toda a vez que voltava a visitar a linda e acanhada vivenda, punha-se lá a pensar, durante horas inteiras, naquella mulher, toda belleza moral, resignação, divindade e amôr, que, ao lado do Poeta, soffreu com elle a mesma sorte cruel, cheia de miserias, de tormentos atrozes; naquella mulher, synthese da bondade, que punha remendos nas roupas andrajosas do esposo e, á noite, tomada de frio e sem agasalho confortador, levava, resignada, as mãos de fada ao lume tenue de um fogareiro mediocre; naquella mulher, modello vivo de virtudes, que preparava, ella propria, as refeições escassas para o bem amado, — quando escassas refeições havia a preparar—; naquella Mulher emfim, que, após um rosario de soffrimentos indiziveis, morreu num leito pauperrimo, só e tristemente forrado de palhas, leito que ainda hoje se conserva como reliquia preciosa e evocativa...

Quando Virginia Pöe falleceu, o sobretudo do seu marido foi o manto unico que o Poeta lhe poude dar, resguardando do frio o corpo delicado e frio da infeliz...

* * *

Teve, porem, o casal, por fortuna, alguns bons amigos que o alliviaram na miseria

Alem disto, Mrs. Clemm, a mãe de Virginia Pöe, costumava passar tempos a fio, ao lado de sua filha, de coração bonissimo, e de seu genro querido, o Poeta de espirito ardente e intensamente tragico

Demonstrava mesmo grande dedicação e amisade aos dois jovens. Tinha, para ambos, verdadeira ternura maternal

E, quando outros parentes se oppuzeram ao matrimonio do Poeta com a encantadora Virginia, allegando a extrema juventude da noiva, foi Clemm quem interveio, destruindo todos os obstaculos que sombreavam o sonho excelso das duas almas apaixonadas, dos dois corações amantes.

E, foi na realização do seu consorcio que Pöe encontrou os albores radiosos do seu primeiro romance.

Um homem como Pöe, possuindo um coração de menino e um rosto candido como o de um anjo, estava, com effeito, destinado a attrair os amores de uma Virginia e a benevolencia de uma senhora honrada, como Clemm.

Apezar das historias diffundidas acerca das fraquezas do Poeta, testemunho algum não existe de que, durante a vida da sua adorada esposa, tenha elle, accaso, frequentado uma tasca, levado pela loucura da embriaguez.

Mas, depois da morte da jovem, num dia tristissimo de fevereiro de 1847, quem o poueria censurar por se haver entregue, d'ahi por diante, a uma vida desastrada?

Durante longos annos batalhara no sentido de dar aos seus pensamentos, vertidos em prosa ou versos, as expressões fortes e vivas, com que os concebia. Sentiu, porem, que, no arduo campo da literatura, lhe faltava sempre a mulher, que lhe fosse lidima fonte de inspiração.

Quando, porem, na estrada da vida, Virginia e Pöe se encontraram, numa apparição subita, ambos se sentiram desde logo reciprocamente e instinctivamente attraidos um para o outro.

Esse encontro symbolisava um desses romances de idealismo, de espiritualidade, de sonho emotivo e bom, que ambos experimentaram ao mesmo tempo, porem que nenhum delles jamais soube explicar.

Miraram-se nos olhos, tão profunda e tão mysteriosamente, e isto foi o bastante para que, a partir daquelle instante, os dias adquirissem uma significação nova, mais elevada, mais transcendente, mais rica de belleza e de amor.

Clemm perquiriu tudo isto no recondito dos corações dos dois apaixonados e percebeu que seria inevitavel a união entre Pöe e Virginia.

Por sua vez, tambem lhe despertara espontanea sympathia o romantico mancebo, de olhos tristes e ardentes, olhos que pareciam penetrar o porvir e mirar, alem dos horizontes do tempo e do azul dos céus...

E foi effectivamente decisiva a intervenção de Clemm em favor dos dois jovens.

Para Edgar Pöe, Clemm foi uma segunda mãe, havendo elle lhe dedicado uma das suas mais ternas Poesias.

Essa familia de trez, vivia pobremente, um para o outro.

E Pöe constantemente dizia:

— Não conheço outra mulher, nem mais feiticeira, nem tão feiticeira como a minha linda mulhersinha!

* * *

A pequenina casa de campo era localisada em Fordhm, e ainda hoje lá existe, embora não exactamente no mesmo sitio, onde fôra edificada. Porque as remodelações feitas em torno dão ao sitio um aspecto completamente differente do que fôra. E ha tambem o barulho constante dos vehiculos, que vão e que vêm, bem assim do fallatorio confuso da vida em movimento.

Alem disto, a trepidação dos carros, dos automoveis, dos bonds abalam os humbraes daquellas portas e janellinhas toscas, baixas

BASTOS BARRETO

UM CONTO MEDIEVAL

No Mundo Artistico

A ARTE na Photographia

NINGUEM poderá ficar indifferentes diante de um retrato de traços perfeitamente distinctos, que realçam as mais insignificantes particularidades da imagem fixada. O retrato, sendo o mais admiravel auxiliar do artista e o documento fiel de um facto, lembra o passado e obriga a pensar no futuro. O retrato traz um turbilhão de recordações, nas quaes bailam todos os sentimentos humanos, como que revolvendo coisas que pareciam esquecidas. O amor e o odio, a alegria e a tristeza, a bajulação e a infamia, despertam de seu somno ephemero diante da imagem chimicamente fixada no papel sensivel.

Quem não se lembrará das grandes descobertas do seculo XV, vendo um retrato, embora presumido, do grande navegador Christovão Colombo? As photographias de Pedro I recordam os episodios da Independencia do Brasil, assim como a do ex-imperador Guilherme II, todos os horrores da grande guerra. O retrato de uma pessôa de familia lembra momentos felizes e momentos tristes da existencia.

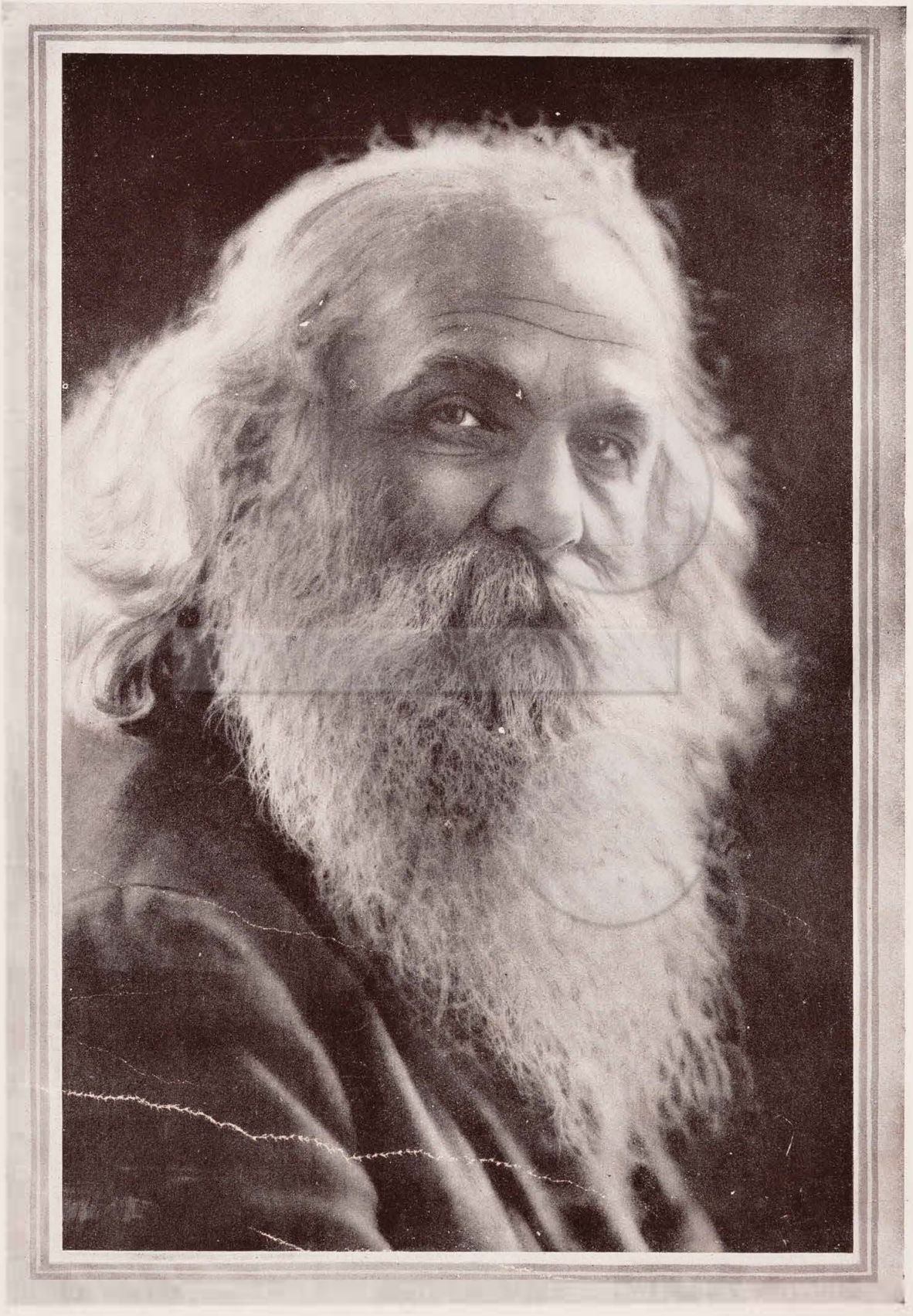
Uma paysagem, um trecho de rua, um objecto qualquer, quando representados photographicamente, são tambem motivos de uma serie de recordações que fallam á alma, fazendo brotar saudades, e melancolias.

Diante da paysagem representando a terra natal distante, todos são tomados de uma subita nostalgia, de uma vontade inexplicavel de voltar ao passado, de fruir novamente uma existencia que não volta mais. O trecho de rua tem qualquer coisa da historia viva, por que lembra factos desenrolados em outros tempos, os quaes os chronistas registraram pallidamente. O objecto, como a paysagem e como o trecho da rua, não é indifferente ao homem que tem uma alma profundamente emotiva.

Emfim a photographia é o documento fiel, é a verdade irrefutavel, é o registro que não se trahe pelas interpretações variadas que cada um lhe queira dar, como pode succeder facilmente com a chronica escripta, sujeita sempre ás paixões do chronista ou do observador.

"Frou-Frou..." tem a honra de apresentar neste numero, aos seus innumeros leitores, mais quatro maravilhosos aspectos photographicos, que naturalmente serão muito apreciados, a julgar-se pelos seus traços altamente artisticos. A paysagem "Pôr do Sol" (arredores de Curityba), que nos foi enviada pelo amador Sr. Annibal Requião, é um verdadeiro primor, que não pode deixar de fallar á alma sensivel de todos os paranaenses domiciliados no Rio de Janeiro.

Depois do flirt



SOL DE INVERNO

Pôr do Sol — Arredores de Curityba

(Photographia enviada pelo distincto amador Snr. Annibal Requião)

OCULOS E PINCE-NEZ

Para qualquer defeito da vista

Apparelhos e Artigos para Photographia

REVELAÇÃO — IMPRESSÃO — AMPLIAÇÃO

Binoculos para Theatro e Campo — Ultimos modelos

LUTZ. FERRANDO

& CIA. LDA.

RUA GONÇALVES DIAS 40

PROXIMAMENTE NO EDIFICIO PROPRIO

RUA DO OUVIDOR, 88

SORRISO DE EVA

(Clichés gentilmente cedidos pela Kodak Brasileira Limitada)

NOSTALGIAS QUE MATAM

"Mamãe ! Já não posso mais, vem buscar-me ! O collegio é bom, mas é muito triste. Faltas-me tu aqui. Mamãe ! São tantas as lagrimas que eu choro, que não posso estudar. Abro o livro, e do que leio não comprehendo palavra, com a attenção lá longe, muito longe, onde tu estás, e quando a professora explica na aula procuro fixar toda a minha attenção para saber, para aprender, para comprehender o que ella diz, mas dentro em pouco se afasta dali meu pensamento, e a voz da professora me parece a tua, mamãe, e ella propria me parece tu ! E de noite ? Que triste, que triste é o dormitorio ! Um salão enorme, onde ha quasi cem camas. Ceamos, rezamos e deitamo-nos. O meu somno, porém, não é aquelle somno agradavel, que eu tinha quando estava ahi em casa. E que falta me faz, tambem, o beijo que tu me davas ao deitar ! A's vezes, uma ou duas horas depois de me deitar, começo a pensar em ti, nas tuas caricias, nos tens beijos que tanto bem me faziam e ao recordar-me de tudo isso choro muito. Mamãe ! Como eu me sinto só aqui ! Quando estou deante das Irmãs e entre as minhas companheiras, sinto ás vezes desejos de chorar, e o não poder chorar livremente, como eu desejaria, augmenta-me a mágua e a vontade de chorar. Vem buscar-me mamãe, vem, sim ?"

Era esta a carta que Margarida mandava, tres mezes depois da sua entrada no collegio, para mamãe, e de que não obteria resposta, certamente, visto que a superiora a interceptára, como fazia com muitas outras.

Eram cartas commovedoras, em que ella manifestava em exclamações de dôr, e com lagrimas, todo o seu amor de filha. Continham mesmo, ás vezes, phrases admiraveis pela grandeza do sentimento em que se inspiravam. Um dia, escreveu "sinto-me morrer lentamente, como uma flor sem ar, sem agua, sem luz", e estranhando o silencio de mamãe pela sua dor que deixava sem conforto, pedia-lhe "por amor de Deus, mamãe querida, uma palavra, só uma palavra, que me prove não estar eu apenas com a minha dôr, com a minha mágua".

A verdade, porém, é que mamãe não recebia nem uma das suas cartas. Depois de as ler, a Superiora deitava-as no fogo, e fazia seguir outras suas com vagas noticias optimistas da saude e da applicação ao estudo, de Margarida.

"Todas as companheiras e professoras lhe querem bem, pois a menina além de estudiosa é muito boasinha", assim terminava a ultima carta da Superiora, a socegar o coração da amorosa senhora.

Pobre mãe ! Enganavam-n'a !

Prepara o coração para uma agonia divina, pobre Mater Dolorosa ! A tua filha soffre, agoniza, morre ! Na sombria, na escura enfermaria, essa creaturinha de treze annos está sendo devorada pela febre, a repetir apenas : "Mamãe ! Mamãe ! Agua, Mamãe ! Quero agua !" E' o epilogo do seu drama de lagrimas, dores e nostalgias, iniciado com a sua entrada no collegio !

Faltou-lhe o apetitte e depois o somno. Seccou-se-lhe o pranto nos olhos, apagaram-se-lhe os gemidos na garganta, e desvaneceu-se-lhe a côr das faces.

Quando pediram por telegramma a presença de mamãe no collegio, só um milagre poderia salvar a menina, e esse milagre não se realizou...

GRANDE ACONTECIMENTO!

Participamos ás Exmas. Familias, que a

CASA NUNES
REGISTRADA

está vendendo com grandes reducções nos preços o seu colossal stock de :

TECIDOS — mercerisados e de seda

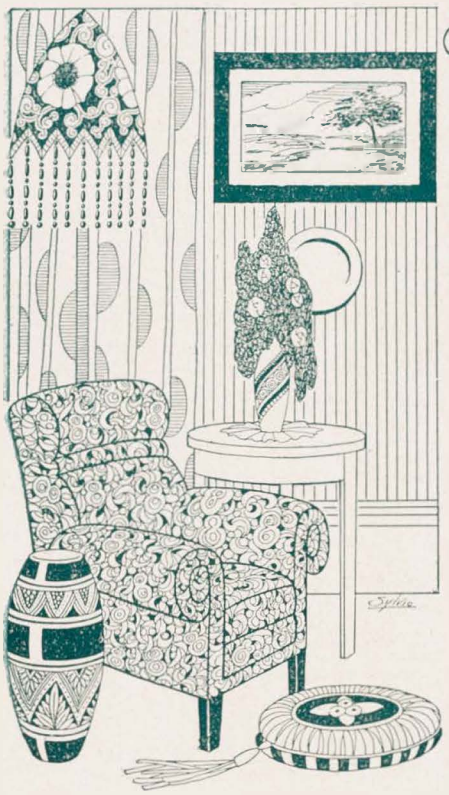
CRETONES — lindissimos

CORTINAS FINAS — o mais variado sortimento.

TAPETES — verdadeiras surpresas, avelludados, lã, reversiveis, persas, pellucia, etc.

VISITEM AS NOSSAS EXPOSIÇÕES

65, Rua da Carioca, 67 — Rio



Mobiliario e decorações

A PINTURA DECORATIVA

A ARTE, a literatura, a musica, a dança, etc., tem seus ciclos e modalidades que se transformam e renovam através dos seculos.

Não pode, portanto, deixar de estar sujeita a estas leis a arte decorativa.

As pinturas decorativas, que tiveram origem no Oriente e no Egypto, foram exageradamente usadas pelos gregos, phenicios e romanos, que chegaram a applical-as nos monumentos funerarios.

Na Edade Media a arte decorativa dos egypcios entrou em decadencia, afim de dar logar á renascença italiana, que em pouco tempo invadiu a França onde adquiriu grande desenvolvimento e importancia, principalmente até o reinado dos ultimos Bourbons, quando teve um eclypse que durou até surgir o primeiro imperio.

Emquanto os gregos usavam para o interior dos edificios, moveis, etc., a ornamentação polychroma, em Pompeia os decoradores grego-latinos crea-

UM PSYCHOLOGO

O GAROTO— *Almofadinha endireitando a gravata na rua?! E' rabo de saia que se aproxima.*

vam estylos que mais se adaptavam com o gosto moderno, que se caracterisava por suas phantasticas perspectivas de assumptos mythologicos, paysagens e themas floraes.

Os francezes usaram a pintura decorativa como meio de evitar a monotonia da madeira entalhada, usada então com exagero.

No reinado de Henrique II começou-se a decorar as vigas dos tectos, com arabescos, figurasgeometricas e paineis scenicos, tomando a pintura decorativa um notavel impulso, até attingir a sua edade de ouro no reinado de Luiz XV.

Durante esse periodo, Hurt, pintou o famoso salão de Sieges no castello de Chantilly e Boucher executou as melhores scenas de amor popularisadas pela lithographia, e Fragonard compoz quatro albuns para o pavilhão de Louveciennes de Mme Dubarry.

Na Inglaterra a pintura decorativa tambem teve grande exito, durante os ultimos annos do seculo XVIII, tendo sido ella muito applicada na ornamentação do mobiliario em substituição ao entalhe.

Estas pinturas sobre moveis executam-se na madeira em branco, sobre que se passa depois varias camadas de verniz, para assegurar-lhes uma conservação permanente.

A pintura decorativa adapta-se a todas as dependencias de uma casa, inclusive a "nursery" que pode ser ornamentada com caricaturas de themas infantis.

Para quartos de senhoras ou moças são muito apropriados os estylos Adam Heppleronhite ou Luiz XV, com cores a pastel. Para locaes mais solemnes, no emtanto, como bibliothecas e "halls" prestam-se mais os estylos hespanhoes e italianos que, podem tambem com muita propriedade ser adaptados a salas de visita e de jantar.

Casas modernas

As pessôas de poucos recursos, nestes tempos de economia que vão correndo, são obrigados a escolher cuidadosamente a sua mobilia.

Quando não se pode ter uma casa mobiliada segundo estylo e epocas, o melhor é dar preferencia aos moveis de grandes superficies planas que têm tambem a sua belleza e possuem além disso a enorme vantagem de não destoarem extraordinariamente de qualquer estylo que se vá introduzindo pouco a pouco nos quartos.

As paredes das casas vulgares, são, em geral, completamente lisas.

Sempre seguindo a mesma ordem de ideias, convem pintal-as de côres desmaiadas; verde muito pallido, azul ou côr de camurça.

A nota alegre da côr, que todo o interior deve ter, será dada por almofadas, cortinas, quebra-luzes e estofos da mobilia.

Tomadas estas precauções a casa não dará nunca a impressão de um armazem de objectos desapparelhados.

João Vidal & C.ia

Ouvidor, 87 = Rio

MOVEIS DE ESTYLO

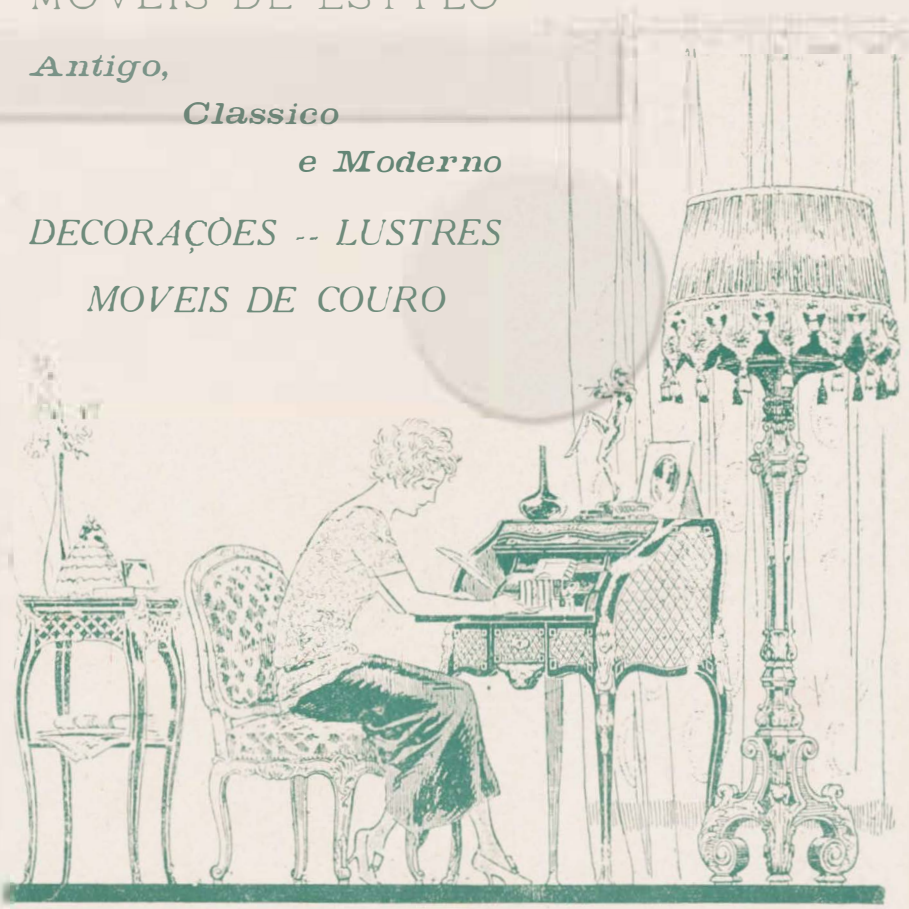
Antigo,

Classico

e Moderno

DECORAÇÕES -- LUSTRES

MOVEIS DE COURO



Os nossos collaboradores

WENCESLAU BRANDÃO

Wenceslau Brandão, que hoje inicia a sua collaboração em "Frou-Frou", é um dos novos e bellos poetas paulistanos.

Senhor de um estylo rico e fluente, onde as imagens fulgem e rebrilham e onde a ideia nunca fica offuscada pelo scintillar da forma, Wenceslau Brandão que vae entrar na arena litteraria, em breve, com a publicação de seu livro "Bailado das Sombras" é, sem favor nenhum um poeta destinado a ser um vencedor.

Como uma surpreza aos seus admiradores publicamos hoje um conto de sua autoria, por onde se verá que o joven bardo manja a prosa tão dextramente como o verso.

CASSIANO RICARDO

Inicia hoje sua collaboração em nossas columnas, o admiravel poeta paulista, Cassiano Ricardo, cujo estro aprimorado, é um dos mais justos orgulhos das nossas letras.

Pantheista emocional, o grande poeta de "Atalanta" é senhor de uma nervosa originalidade que nos encanta e o glorifica.

"Atalanta", a mentirosa de olhos verdes, — seu ultimo livro, collocou-o numa plana inconfundivel onde a sua lyra de oiro, oiro de lei, resôa arrebatadora e suave, a volupia infinitamente casta da Flora, a dôr incomprehendida dos vegetaes, as canticas e as glorias da Natureza quase sempre, no evocativo rendilhado das lendas.

Cassiano Ricardo não sagra no seu verso cantante e lindo, a belleza ephemera e aloucadora das mulheres: divinisa, com o seu esplendido poder de expressão, as maravilhas eternas do Céo e as magnificencias duradoiras da Terra.

A lyra, em suas mãos, é um accorde extrahumano de pureza e encantamento.

LIVROS

"MUSICA EXTINTA"

"Musica Extinta", que o sr. Cid Franco acaba de publicar em São Paulo, é um livro de "alegrias de dor", de "saudade" e de "resignação", segundo elle mesmo o qualifica nos quatro capitulos em que o divide. Parecerá extranha, á primeira vista, essa fusão de sentimentos tão varios e desencontrados, sobretudo num poeta, que é, por excelencia, o traductor sincero das suas proprias emoções. Quem todavia, aprendeu no convivio amavel dos mestres subtis a verdadeira philosophia da vida, ha de reconhecer que o sr. Cid Franco tem toda razão, quando colloca a "alegria" ao lado da "dôr" e a "saudade", que é um "delicioso pungir de acerbo espinho", ao lado da "resignação", que é uma virtude digna tão só dos heroes, dos martyres e dos sabios. Não erraremos, no entretanto, si affirmarmos que a Musa do sr. Cid Franco, mesmo ao cantar a "alegria", veste a tunica negra da tristeza e chora amargamente, ou sorri com infinito tedio, ao envez de rir o doce riso da felicidade e da innocencia.

Vamos reler alguma cousa", convida o poeta á amada, nessas suas horas de "jubilo interior". E sabem que leitura lhe suggere? "Versos de Poe", a quem elle chama

"o homem que perguntava ao corvo negro e triste
si ainda podia ver a sua amante morta"

"Musica Extinta" não chega a ser um grande livro, mas é, fora de qualquer duvida, um livro delicioso. Ha nelle um suave perfume de simplicidade, que embala os corações.

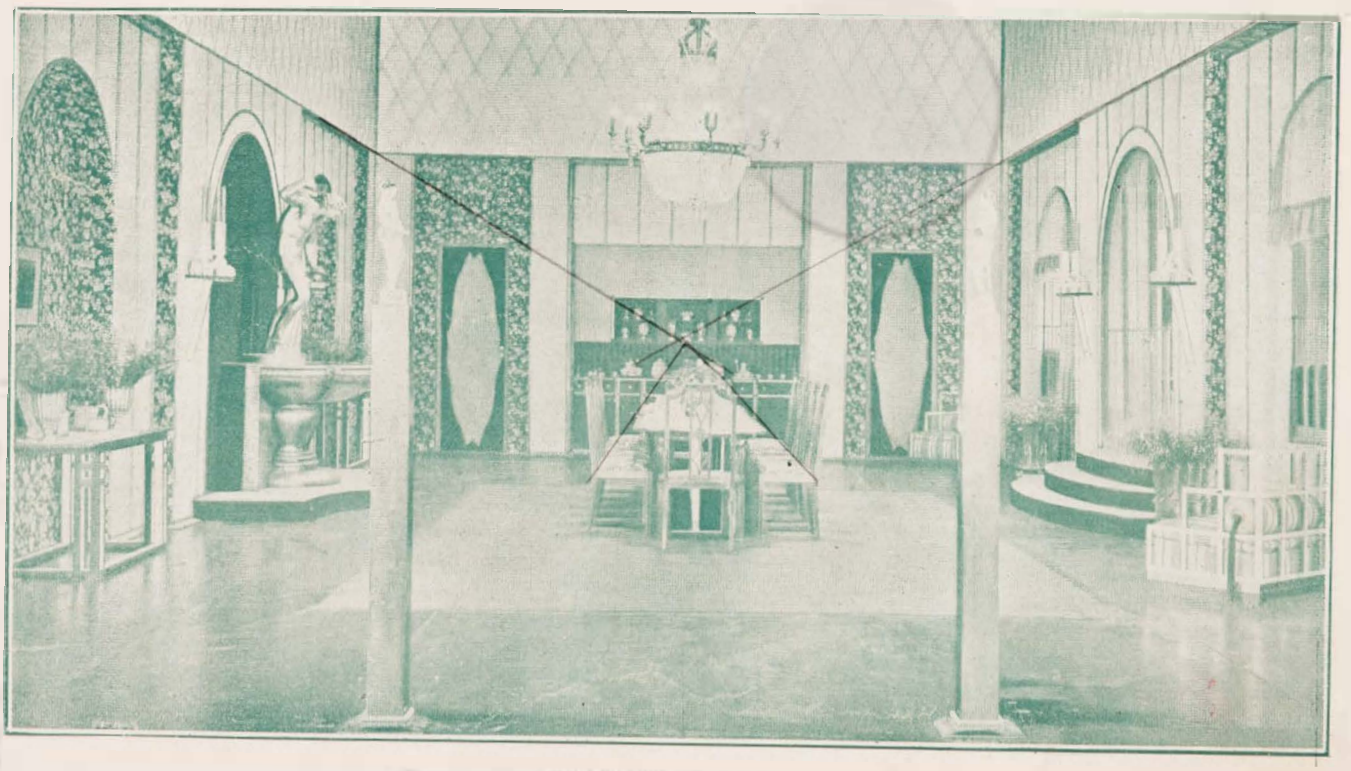
Os prestimos do Rei Sol

Mostrava Philippe IV, da Hespanha, os seus aposentos a um embaixador de França, quando o conduziu, insensivelmente, ao salão de vestir, onde o diplomata viu, á parede, um retrato de Luiz XIV.

Sire, — observou o embaixador, — Vossa Magestade não poderia fazer melhor cousa para a saude do que collocando aqui o retrato do Rei meu Senhor.

Por que?

Porque, quando Vossa Magestade estiver constipada, pode ficar bôa neste aposento. Luiz XIV faz suar todos os monarchas da Europa!



SALA DE JANTAR (Estylo americano)

— Então a senhora ouviu dizer-me que não lhe causo o menor effeito ?
— Ora ! Já que o senhor é um homem todo d'effeito... ouso !

Moveis finos
e decoração
de interiores

Tapeçarias,
cortinas, sedas
e tapetes

MOVEIS DE COURO

Georg Hirth, Laubisch & C.ia

86, RUA DO OUVIDOR, 86

Telephone Norte 3128

As "partidas" de Marigold

O escriptorio de Falconer, dizia-se tinha parecenças com o dono. Quando começamos esta narrativa, estão no referido escriptorio o proprio Falconer e um seu amigo, de nome Jimmy Turner, que matuta nessa extravagante idéa, procurando descobrir em que ponto residirá a tal engraçada semelhança entre Falconer e aquellas quatro paredes. Será nos moveis, bem escolhidos e bem dispostos, ou na papelada tão enidadosamente arrumada?

Olhou para Falconer.

— O que é que ha commigo? indagou este intrigado. Jimmy riu-se, dizendo:

— Comtigo não ha nada nunca. A unica coisa que ha comtigo é que estás sempre irreprehensilmente escovado. E deve ser ahi que está a semelhança que se diz existir entre ti e o teu escriptorio. Vocês dois estão sempre admiravelmente aceados e em ordem.

Falconer não pareceu achar o assumpto digno de consideração, respondendo emquanto se levantava:

— Isto não é pôr-te na rua, mas tenho uma entrevista ás onze horas, e...

Jimmy porém, continuava:

— Agora mesmo, por exemplo, estás mais impeccavel que nunca. Esse chapéo que...

— Este chapéo é o melhor que eu tenho atalhou Falconer despreoccupadamente. Vou visitar uma das minhas tias.

— Pobrezinho! disse Jimmy com ar de compadecido. Até o teu genio é sempre o mesmo. Suave e limpo...

As tias de Falconer eram um eterno motivo de gargalhada para os amigos delle. Muito prosas e muito tolas por terem um advogado na familia, que era Falconer, ellas chamavam-n'o constantemente para conferencias sobre assumptos da mais importante insignificancia.

— Esta tia de hoje, disse Falconer, mirando todo o escriptorio, antes de sahir, é differente das outras.

— E' a tal que tem dinheiro e é muito sabida? perguntou Jimmy.

Falconer fez um signal de approvação com a cabeça, e fallou:

— Ella já fez mais proezas com o dinheiro do tio Tony, depois da sua morte, que elle em toda a vida.

— Ouve cá... E ella disse-te que podias nutrir esperanças? perguntou Jimmy, emquanto desciam as escadas. Creio que pensas em te casar.

Mas Falconer não respondeu. Meneou a cabeça, sorriu, apertou a mão do Jimmy e afastou-se todo elegante.

— Empregado de mais! pensou Jimmy vendo-o afastar-se. Escovado do mais... satisfeito de mais... Considerar-o-ia perdido se o não soubesse um rapaz de temperamento.

E seguiu o seu rumo convencido de que aquelle temperamento que elle conhecia no seu amigo Falconer, é que o havia de salvar.

Falconer, de seu lado, pouco se preoccupava com essa coisa da sua salvação. Proseguindo no caminho ia reflectindo em que tivera algum trabalho com a sua apparencia e que felizmente a tia Madeline era dessa especie de senhoras que apreciam o cuidado com a toilette. Não se lembrava mais, ao certo, onde ella morava, mas ia crente de que havia de dar com a casa.

A' esquina de uma travessa silenciosa parou a reflectiu um pouco ainda, mas as suas cogitações terminaram ahi, de maneira um pouco brusca. Todos os seus sonhos e projectos, que elle vinha architectando se chocaram num turbilhão formidavel. Sentiu primeiro amassar-se-lhe o chapéo e correr depois, pelo corpo a baixo, abundante jacto de agua. Quando voltou a si da surpresa, deu um pulo de tal ordem que o faria admirar-se de si proprio, mesmo dez annos antes.

Atrás delle, a agua continuava a cair ainda, mas, agora, menos vultuosa. Tirou o chapéo, e, nesse momento, ouviu uma risadinha abafada. Olhou então, para cima.

Viu uma casa garrida, bem conservada, de cujo segundo andar a agua pingava, da varanda, onde havia uma especie de canteiro de plantas, todo elle folhas verdes Lobrigou, tambem, um rosto de mulher emmoldurado numa cabelleira de oiro fulvo em caracoes, de expressão de mofa.

— Ainda se ri á minha custa! murmurou Falconer um tanto desesperado.

Como se tivesse ouvido taes palavras a dama retirou-se rapidamente.

— Com esta é que eu não contava! pensou Falconer.

Olhou para o chapéo, ou, antes, uma ruina de chapéo. O paletot, encharcado, e o collarinho feito uma massa molle, a escorregar-lhe do pescoço.

Olhou depois para as pequenas placas existentes na porta do predio, e leu que no segundo andar morava alguem com o nome de Amstrong. Não hesitou. Tocou a campainha

— E' bom que ella saiba a minha opinião a respeito desta brincadeira! disse elle num berro.

Uma creada, muito limpa, veio abrir a porta

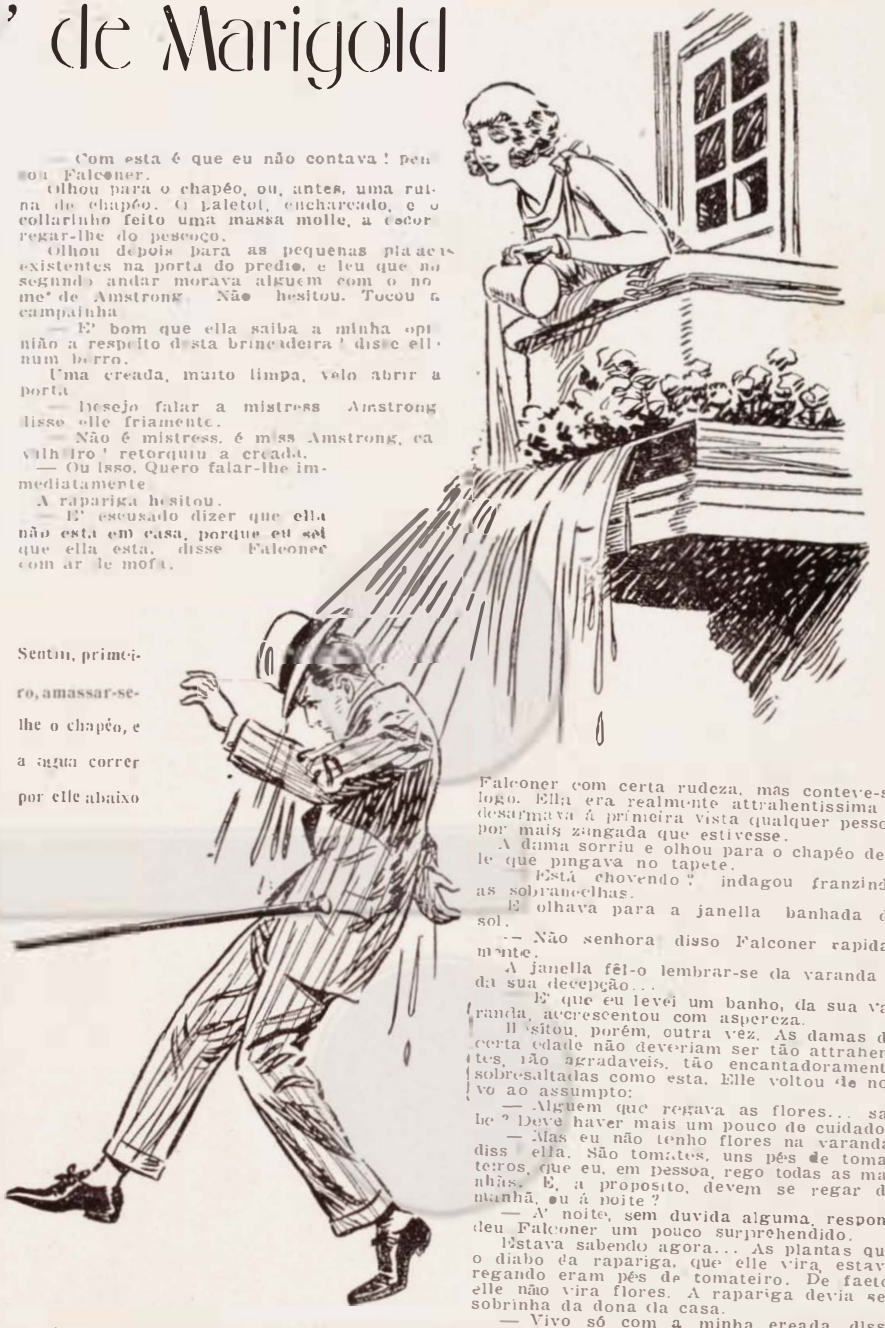
— Desejo falar a mistress Amstrong disse elle friamente.

— Não é mistress, é miss Amstrong, cavalheiro! retorquiu a creada.

— Ou isso. Quero falar-lhe immediatamente

A rapariga hesitou.

— E' escusado dizer que ella não esta em casa, porque eu sei que ella esta, disse Falconer com ar de mofa.



Sentiu, primeiro, amassar-se-lhe o chapéo, e a agua correr por elle abaixo

A rapariga mirou-o intrigada. Esquisito aquelle gentleman, de cabello a escorrer e a bocca num sorriso, a arder em brazas ao mesmo tempo. A's vezes, podia ser alguma personagem importante. Falou, por fim.

— Creio que miss Amstrong está repousando, mas é a mesma coisa. Faça o favor de subir.

Repousando! Só lhe faltava ouvir essa. Elle lhe ensinaria a repousar de maneira menos incommodativa para os seus semelhantes.

Falconer achou-se numa bibliotheca perfumada e observou, atabalhoadamente bastantes vasos de flores com falta de agua Abriu-se logo uma porta, deixando entrar para ali uma senhora de certa edade, de cabello branco cuidadosamente penteado, e de mãos delicadas. As faces, vermelhas, indicavam que ella vinha de dormir ou pouco menos, e os olhos azues, pareciam intrigados com o apparecimento daquella visita estranha. Com curiosidade, mas sem receio de especie alguma, pousou os olhos em Falconer, e disse:

— Eu sou miss Amstrong. Parece que a minha creada se esqueceu de tomar o seu nome.

— Meu nome não vem ao caso, começou Falconer com certa rudeza, mas conteve-se logo. Ella era realmente attrahentissima e desarmava á primeira vista qualquer pessoa por mais zangada que estivesse.

A dama sorriu e olhou para o chapéo delle que pingava no tapete.

— Está chovendo? indagou franzindo as sobrancelhas.

E olhava para a janella banhada de sol.

— Não senhora disso Falconer rapidamente.

A janella fêl-o lembrar-se da varanda e da sua decepção...

— E' que eu levei um banho, da sua varanda, accrescentou com aspereza.

Hesitou, porém, outra vez. As damas de certa edade não deveriam ser tão attrahentes, tão agradaveis, tão encantadoramente sobresaltadas como esta. Elle voltou de novo ao assumpto:

— Alguem que regava as flores... sabe? Deve haver mais um pouco de cuidado!

— Mas eu não tenho flores na varanda, disse ella. São tomates, uns pés de tomateiros, que eu, em pessoa, rego todas as manhãs. E, a proposito, devem se regar de manhã, ou á noite?

— A' noite, sem duvida alguma, respondeu Falconer um pouco surprehendido.

Estava sabendo agora... As plantas que o diabo da rapariga, que elle vira, estava regando eram pés de tomateiro. De facto, elle não vira flores. A rapariga devia ser sobrinha da dona da casa.

— Vivo só com a minha creada, disse miss Amstrong, como se estivesse lendo no pensamento delle. Como já disse, sou eu sempre que rego as plantas, e não creio que a Kate tivesse feito isso hoje. Quando o senhor tocou, eu estava deitada.

Falconer acabou pedindo desculpa, aliás sinceramente. Não devia abusar da boa fé demonstrada pela velha miss. Mas estava intrigado. Iria jurar que fôra do segundo andar.

— Aborreci-me com isto, disse elle.

— Naturalmente, acquiesceu miss Amstrong. Devem ter sido os inquilinos do primeiro andar. Boa gente, mas um pouco estouvada. Provavelmente, o senhor ia fazer alguma visita..

— Ia visitar minha tia, a viuva Brathwate.

Minutos depois, Falconer deixava a casa, ainda um pouco humido, mas menos amarfanhado e mais calmo. A creada operara um milagre no desgraçado chapéo e miss Amstrong, que conhecia a tia Madeline, promettera utilizar-se da sua advocacia em diversos assumptos.

Na rua, teve a má idéa de olhar para traz, e a agua continuava a pingar da varanda do segundo andar, onde elle distinguia agora perfeitamente, o canteiro de to-

mates. Franziu a testa e seguiu seu caminho.

A dama, depois delle sahir, ficou a pensar como elle era bom rapaz, como elle soubera conter o seu aborrecimento, e que bello sorriso era o seu. O pessoal do primeiro andar devia ser mais cuidadoso, sem duvida alguma!

— Eu esqueci dizer-lhe uma coisa, minha senhora, falou a creada. A senhorita Green está ahi. Chegou quando a senhora estava deitada e não quiz que a acordasse. Está na sala de visitas.

— Deve estar aborrecidissima de esperar. Não tens boa memoria, Kate. Põe os olhos em mim. Estou velha, mas não esquecida.

E encaminhou-se para a sala de visitas. No divan estava uma moça lendo um jornal illustrado, com o chapéo a seu lado e um cachorrinho rabugento aos pés. O cabello della era todo em caracoes, ruivo escuro.

— Minha querida Marigold, só agora Kate me disse que estavas aqui, exclamou a senhora beijando a moça.

— Fui eu que não quiz que ella a acordasse. Depois, parece que esteve conversando com um rapaz. Não é muito correcto isso... uma senhora ahi a sós com um rapaz, e o "Butler" tambem não gostou, porque tive um trabalho insano para o conter emquanto a visita ahi esteve.

— Um bello rapaz, afinal. Um pouco excitado quando appareceu, mas recuperou logo a linha. Entretanto, tinha desculpa a sua zanga, porque alguem o molhou de uma varanda cá do predio.

Os olhos de Marigold ballaram.

— Tomaram-n'o por algum Doce William, talvez... disse ella. Quem sabe mesmo, se elle não se chamará William?

— Não... O nome delle é Cliffe Falconer, disse a dona da casa com dignidade. Fiquei sabendo que é sobrinho de uma velha amiga minha.

Um subito pensamento lhe fez corar as faces delicadas.

— Minha querida, tu não regaste, por acaso, as plantas?

— Excellente para uma senhora edosa, chalaceou a moça. Uma "avó" com um rapaz na bibliotheca! Não podemos ir tomar o chá nesse logar santificado pela recente presença do estimavel mancebo?

E passou o braço á volta da cintura de Miss Amstrong. Depois emquanto caminhavam para a bibliotheca, foi dizendo:

— Mas, para que havia eu de regar as plantas se ellas estavam já regadas?

Falconer ficou sabendo que o negocio com a tia Madeline dizia respeito a uma transferencia de propriedade e á redacção de uma escriptura.

— Eu já redigi varias, disse ella, mas podem surgir difficuldades.

Era uma mulher alta com olhos vivissimos.

— Eu gosto de ti, rapaz, disse ella quando elle ia sahindo. Gostava que te casasses antes de eu morrer. Quereria ver a tua esposa.

— Talvez... Mas temos muito tempo ainda.

A velha Madeline abanou a cabeça. Já o não achava assim tão longe desse passo decisivo.

Falconer sahiu por fim, e sem saber por que embarafustou pelo mesmo caminho por que viera, embora o aehasse muito longo.

— Vou olhar outra vez para a tal varanda! pensou.

Era impossivel duvidar do que lhe dissera a dama, mas a lembrança daquelle banho forçado preoccupava-o ainda.

Proximo á rua da sua aventura, a physionomia tornou-se-lhe grave de subito e os olhos fuzilaram-lhe. Uma rapariga caminhava na sua direcção conduzindo um aggressivo cachorrinho. O cabello ruivo saia-lhe do chapéo, e no canto da bocca um sorriso de zombaria, egual ao que elle já vira na varanda... Tentou passar por ella, desdenhoso, sem lhe ligar a menor attenção, mas o Destino já decretára outra coisa.

De um restaurante proximo sahiu um canzarrão, que rodeou Falconer e se atirou ao cachorrinho. Foi um pandemonio. Pragas, latidos, berros, e a moça com o cordão do Butler sempre seguro.

— Largue-o! Deixe-o! gritou Falconer e ella assim fez.

Os dois animaes atiraram-se, então, um ao outro com furia, mas Falconer correu ao restaurante, voltou de lá com uma porção de pimenta e sacudiu-a nos olhos dos cachorros, justamente quando a moça, indignada, gritava:

— Elle vae matar Butler... "Seu" bruto!

Falconer não soube, nem se preoccupou em querer saber, a quem era dirigido tal epitheto. Ella, faces incendidas, de cabeça erguida, fulminou a multidão com o olhar e sahiu dalli, depois, com o seu tropicante e atordoado "Butler".

Falconer surprehendeu-se a seguil-a.

Voltada a primeira esquina, elle ouviu que ella dizia, sem voltar a cabeça, mas como se estivesse certa da sua presença alli.

— Eu não devia ter passado naquella rua, mas esqueci-me por vir a pensar noutras coisas. Aquelle horrendo cachorrão sempre se atira ao "Butler".

A moça dizia isto em tom indignado, colerico, e Falconer tentou consolal-a. Achou que o "Butler" não tinha razão de queixa, pois não fôra pêco na defesa da pelle.

— Que galanteria! O senhor com certeza é advogado! escarneceu ella.

Falconer olhou para a sua roupa, amarrotada, suja, com os signaes das patas dos cachorros, e um rasgão perto do joelho, podendo apenas dizer:

— ... ou vagabundo.

Ella olhou e sorriu, não tendo Falconer outro remedio senão rir tambem.

— Estou-lhe muito obrigado, por a senhorita se rir á minha custa! disse elle gravemente, e a moça riu então ás gargalhadas.

Passava um taxi e elle chamou-o, comprehendendo que se fosse a pé naquelle estado para casa, quando lá chegasse levaria uma multidão enorme atrás de si. Quando subiu para o auto ainda disse:

— Agora, se eu fosse a senhorita partia-me a cabeça com uma pedra ainda por cima!

—Sinto muito o que lhe succedeu! disse ella tornando a rir.

— Eu bem vejo! disse Falconer e entrou no taxi que logo rodou.

Falconer, em consequencia, soffreu um bom ataque de rheumatismo em um dos hombros. Perdeu um terno quasi novo, e teve que mandar o chapéo para o estalleiro. Foram tambem até certo ponto transtornados todos os seus negocios, por visões de uma cabeça ruiva e zombeteira, não isenta de attractivos, mas, com restricções.

— Deveria vingar-me! pensava elle maldosamente.

Tinha vontade de saber o nome della, pois sempre é bom saber-se o nome de um inimigo. E como fôra ella parar á varanda da Amstrong com um regador?

Era um problema interessante para elle que era homem de leis, assim como era natural que ella, por isso, lhe occupasse os pensamentos.

Dois dias depois ella appareceu-lhe no escriptorio, inesperadamente, com um bilhetinho da Sra Amstrong, assim: "apresento-lhe minha neta Marigold Green". Falconer julgou logo aquelle nome um absurdo, considerou-o mesmo offensivo.

Por seu lado, ella estava de uma jovialidade faiscante, a abanar-se despreoccupadamente com as mãos.

— Miss Amstrong pediu-me para lhe entregar isto.

E tirou de uma bolsa, absurda tambem, como elle nunca vira, uma porção de papeis amarrotados, numa bola, e deu-lh'os.

Elle fitou-a com uma expressão indescriptivel.

— Estão um pouco amarrotados não é? notou ella alegremente, e, sentando-se, cruzou as lindas pernas.

— Tiveram que tomar essa forma engraçada, para poderem caber na minha bolsa, epilogou ella.

— Já sei, disse Falconer. A sua bolsa está pouco acostumada a trazer coisas uteis, como esta.

— Mas, então, o senhor pensa que estas bolsas foram feitas para levarem coisas uteis?

Inclinou-se confidencialmente, e continuou:

— Estas não se fazem para isso. Depois, as bolsas para coisas uteis são sempre hediondas, não são?

Falconer, conforme poude, já conseguiu endireitar os papeis.

— A avó disse para o senhor os ler e dizer-lhe depois o que se póde fazer com elles, disse a moça, accrescentando logo:

— Eu disse á minha avó que a sua opinião deve valer alguma coisa.

Falconer jurgou perceber-lhe um sorriso de mofa, nas ultimas palavras.

— E'?! E porque disse tal coisa? perguntou elle pouco gentilmente.

— Pela paciencia com que eu o vi encarar a adversidade, respondeu com presteza... Chi! Mas que calor faz aqui.

Tirou da extravagante bolsa um frasco de perfume, desarrolhou-o e levou-o ás narinas. Depois, deitou um pouco nas mãos e num pequeno lenço rendado.

— Quer? Refresca muito... E' lilaz branco.

— Não, muito obrigado, disse elle seccamente.

Ainda que ella o irritasse, Falconer sentia-se fascinado. Viu-a collocar o vidro do perfume na secretaria, com cuidado, mas deixando mal posta a rolha, de modo que a essencia se devia evaporar sem duvida. Teve vontade de arrolhar bem o frasco, mas soube conter-se.

— O senhor vae ficar satisfeito quando souber que "Butler" não é dos peores, disse ella jovialmente.

— "Butler"? indagou Falconer com frieza.

— O meu cachorrinho, explicou a moça.

— Quer experimentar este perfume? Refresca muito.

E continuou a falar, interrompendo-se, por vezes, para aspirar o lenço.

— Ainda não tinha pensado nisso, mas, afinal, póde dizer-se que foi o senhor quem lhe salvou a vida. Depois "daquillo" esteve um bouco abalado de saude como é natural mas agora está quasi bom.

— Isso é uma felicidade para a senhora, notou Falconer sarcasticamente.

— E é mesmo, não pense que não. Tratei delle como uma enfermeira. Oh! Mas que calor faz aqui. A gente acaba ficando torrada.

Botou mais perfume nas mãos.

— Os tomateiros devem estar sequiosos, disse Falconer abruptamente.

Ella teve a graça de ficar confusa, mas respondeu logo, olhando para elle:

— A avósinha diz que elles crescem a olhos vistos.

— Espero que sejam regados com regularidade, mas não quando o sol estiver a dar nelles. Não é essa a hora propria para se regarem plantas, disse Falconer.

A pequena cahiu no laço.

— Mas pensa que eu não sei isso? Naquelle dia era a unica hora em que eu as

podia regar sem a avó saber. Oh! Mas o que é que estou dizendo...

Olhou para elle e elle para ella. Deu uma grande gargalhada, mas elle teve medo de imitai-a. .

— A avósinha não gosta de saber que se esqueceu de as regar! epilogou num tom differente.

— Já sei, disse Falconer, acrescentando logo: E agora sinto dizer-lh'o, mas tenho immenso que fazer.

— E eu estou lhe tomando o seu precioso tempo, disse ella levantando-se. Eu vou sahir já. Ah! E' verdade... A avósinha disse se o senhor poderia ir tomar chá lá em casa, na segunda-feira.

Falconer reflectiu um pouco e disse:

— Depende... Não tenho outro chapéo para estragar.

— Oh! Nesse dia eu não estarei deitando agua senão no bule do chá, disse ella, e sorriu zombeteira como das outras vezes.

Falconer já achou aquelle sorriso muito amavel...

— Eu tambem fui convidada, mas talvez não vá.

— Não faça isso! disse Falconer, que eu quero ver quo partida me vae pregar desta vez.

Ella abriu muito os olhos, mas um empregado de Falconer, entrando nesse momento, evitou que ella respondesse e Marigold sahiu.

— O Sr. Jimmy Turner está esperando, Sr. Falconer.

— Um momento emquanto eu procuro os papeis delle.

Mexeu na papelada que estava na secretaria e fez cahir qualquer coisa. Depressa ergueu todos os papeis que poude.

— Não, muito obrigado! disse elle seccamente.

Um forte odor a lilaz encheu a sala.

— Valha-me Deus! Elia deixou o frasco do perfume entre os papeis! gemeu elle.

O empregado molhava o lenço no perfume. Falconer num impeto acrescentou ainda:

— Alguns destes papeis teem de ser copiados de novo. Ao diabo, a rapariga!

O seu olhar encontrou o do empregado, e ambos os homens riram.

Jimmy Turner entrára e teve conhecimento da catastrophe.

— Coisas de mulheres de certas mulheres, disse elle. Não te livras deste cheiro nem daqui a uma semana.

Era essa tambem a opinião de Falconer.

Enorme, a tal moça... Até na ausencia o perseguia...

Apezar de tudo, quando sahiu para casa de Miss Amstrong, na tal segunda-feira, levou comsigo o frasco... mas cheio de novo. Esquecêra o nome do perfume, e escolhéra um outro que sua mãe usara muito, um perfume já fóra de moda.

Marigold estava na bibliotheca.

— Vamos tomar aqui o chá. Na sala de visitas abafa-se.

A avósinha já vem...

— Supponho que isto é seu! disse elle pondo o vidro do perfume deante della.

— Eu já sabia que o tinha deixado no seu escriptorio.

— E'. . mas o que não sabe é que elle se derramou e me estragou alguns papeis.

— Para outra vez terá mais cuidado, disse elia com o seu sorriso ironico. Faça favor de se rir. Não queira parecer que tem duzentos annos.

— E' que eu estou aprendendo a ter cuidado com uma porção de coisas. Regadores, cachorros que brigam e se enrolam nas pernas da gente, frascos de perfumes etc.

Mas acabou rindo, por que tinha mesmo que rir. A alegria della era em extremo communicativa.

Marigold cheirou o perfume e disse com um sorriso malicioso:

— Obrigada! Talvez vá visital-o outra vez.

— Mas "não" com frascos de perfume, disse elle.

Quando Miss Amstrong entrou encontrou-os camaradas. Via bem que o seu plano estava dando resultado. Uma boa idéa, a sua, de mandar Marigold ao escriptorio delle com os papeis. Ninguem deixaria de amar Marigold assim que a via, e um rapaz tão bello devia casar, pela necessidade de alguem para olhar por elle, para o afastar dos caminhos onde ha regadores que nos molham o chapéo, e por outras coisas mais.

Falconer vin Marigold á porta della dias depois e acceitou o convite para entrar. Ficou-lhe conhecendo o pae um homem pallido, invalido, que era artista, e ficou tambem conhecendo o atelier della pois Marigold "pintava um pouco".

— Não sei que partida me irá fazer hoje! riu elle ao sahir.

Mas, Marigold fitou-o horrorizada com um ar ao mesmo tempo innocente e reprovador.

Falconer, ao chegar em casa, notou uma nodoa de tinta na manga do paletot, mas não se surprehendeu. Podia ter sido peor. Olhou em volta da sua sala de visitas e reparou só então em que era frio o ambiente, austero, desconsolado, sem uma flor a dar-lhe alegria, a contrastar com a bibliotheca de miss Amstrong. Lêm todos os aposentos devia haver flores. "Malmequeres verdes" por exemplo. Achava agora que o nome de Marigold (malmequer) do mesmo modo que podia servir para uma flor o poderia tambem para uma moça, mas Green (verde) é que era absurdo. Tinha, entretanto, uma esperança de que ella não usaria toda vida esse nome.

Deu para não se importar com as partidas que ella lhe fazia. Achava-a cada vez mais terrivelmente seductora. Aquelle seu sorriso, aquellas gargalhadas! E pensava que casando com ella não lhe soffreria mais partida alguma. O escriptorio ajudava-o nesses pensamentos. Aquelle perfume derramado enchia ainda tudo com seu odor apezar dos esforços empregados para o expurgar. Nas horas vagas, elle aspirava-o encantado, quasi a vel-a ali sentada na poltrona escura, e retiniam-lhe ainda nos ouvidos as suas gargalhadas ironicas. Levantava-se e ia até á janella espairecer, mas, ás vezes, deixara-se ficar sentado a sonhar acordado. Assim estava hoje. Resolveu-se a estudar os papeis de miss Amstrong e muito satisfeito escreveu á velha senhora:

"Nos seus papeis falta uma carta, a que figura na lista com o n. 5. Não será possivel encontral-a?"

E, então, como elle suppunha, Marigold appareceu a trazer-lh'a.

— Desta vez socegue, Sr. Falconer.. Não lhe tomarei o seu tempo nem lhe deixarei o meu frasco de perfume. Papae está á minha espera alli na esquina.

Os olhos brilhavam-lhe, o cabello ruivo como sempre a espigar-lhe do chapéo e a bocca a abrir-se-lhe em sorrisos.

Falconer tentou ler a carta mas não poude. Marigold enchia, dominava o aposento tão triste habitualmente sempre.

— Está direito, é essa? perguntou ella.

— E' esta mesma! fallou Falconer.

Mas, espere.. Ha aqui uma nodoa de tinta na sua manga e isto não fica bem a um advogado que quer fazer carreira. Isto é, parece tinta.

Não tenha duvidas... E' tinta! disse elle solemnemente. E tinta que não sahe

Parece, disse ella com um pequeno tremor na voz, que o senhor apanhou isto...

No seu atelier, sim, atalhou elle. Diga isso que não se engana. Foi lá com toda a certeza.

Eu não vejo como possa ter essa certeza! retrucou ella indignada.

Não vê? disse elle sorrindo. Foi o unico em que eu entrei. Além disso, quem é que gosta de se divertir commigo?

Ella, então, num tom de pezar, respondeu:

— Está bem. O melhor então é ir-me embora, não aconteça por aqui qualquer coisa que o senhor possa attribuir a partida minha.

E o que é que vae fazer agora?

Agora?

Ella abriu os olhos, como de costume mas encontrou qualquer coisa nos de Falconer que a obrigou a baixal-os. Comtudo fallou ainda:

O senhor devia usar outro paletot.

Não posso. Actualmente estou com o guarda roupa muito por baixo

Então, como ha de ser? perguntou ella vivamente.

A senhorita é que podia encarregar-se de uma coisa... respondeu Falconer, dizendo logo: Por que não entra num "accordo" commigo A senhorita tem feito de mim o que tem querido e deve coprehender que o meu temperamento é...

Terrivel! interrompeu ella. Lembre-se daquella manhã em que subiu as escadas da avósinha de chapéo na mão, para se queixar... fa furioso.

— Eu ia o mais calmo possivel! corrigiu Falconer. Se não fosse isso, teria entrado por alli a dentro aos berros. Mas vamos ao que importa... A senhorita molhou-me, perfumou-me pintou-me e, ainda por cima,apossou-se-me do coração todo inteiro...

— Sim? atalhou ella.

E nos seus lablos assomou uma gargalhada.

— Eu gostaria de poder fazer uso da palavra para te explicar. mas nunca fui muito eloquente... disse Falconer.

Ella pareceu não se incommodar com isso...

E só depois delle a ter beijado é que poude soltar a gargalhada que lhe assomára aos labios.

Agnes Grozier Herbertson.

PALACIO DO ITAMARATY

Banquete offerecido a S. Ex. o Snr. Embaixador do Japão

Galanteria de marinheiro

A Duqueza de Devonshire, de caminho para Bath, notou que um marinheiro, homem rude, de phisionomia grosseira, a olhava com ar de admiração. No momento em que os postilhões iam montar a cavallo, o marujo approximou-se da carruagem, o cachimbo na mão, e pede á duqueza que lhe conceda uma graça.

— De que se trata, meu amigo ? — indaga a fidalga, sorrindo.

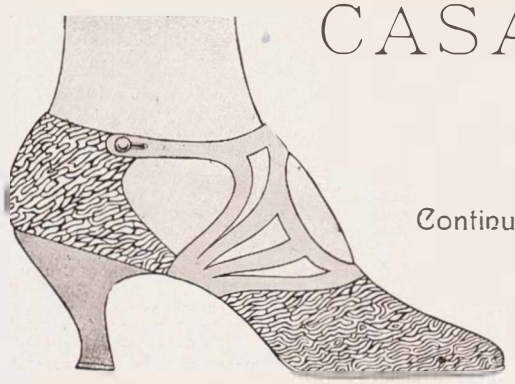
— Eu queria, madame, que tivesseis a bondade de permittir que eu accendesse o meu cachimbo nos vossos olhos !

Esse galanteio original não desagradou á duqueza, que possuia, effectivamente, os mais lindos olhos do mundo. E quando alguem, na côrte, a comprimentava pela sua belleza, ella sorria, exclamando

— Qual! Não vale o galanteio do meu marinheiro !

O SORRISO

O sorriso, que é uma descarga diffusa provocada por todos os sentimentos, linguagem de toda gente, tendo mais vocabulos de que os idiomas conhecidos e sendo comprehendido em todos os paizes, é tambem uma moeda falsa de curso forçado.



CASA ABRUNHOSA

Rua da Assembléa, 103 - Rio

Continua em franco successo este ULTIMO MODELO

em FAISÃO nas côres

Gris, marron, bège, preto,
azul-natier e verniz

FESTA DO CÃO

Dois lindos instantaneos obtidos no campo do America F. C. durante o certamen promovido domingo passado pelo Kennel Club

NA PRAÇA DUQUE DE CAXIAS

LISBOA ARTISTICA

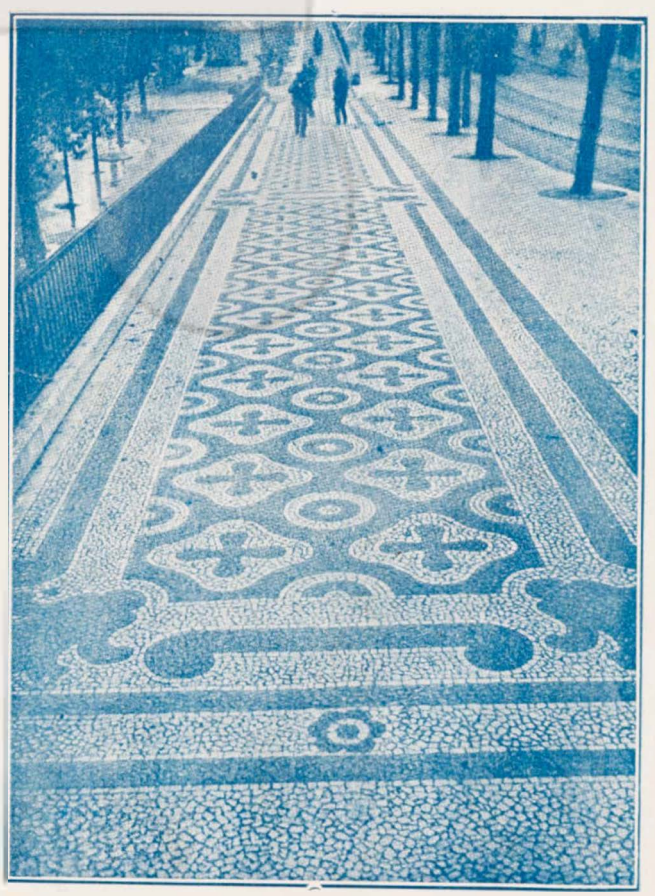
Os jardins publicos de Lisboa, salvo o famoso "Parque de Maria Luiza", em Sevilha, não tem rival em toda a Europa.

Pode-se affirmar tambem que o calçamento das ruas da cidade que o notavel poeta Thomaz Ribeiro chamou de "jardim da Europa á beira mar plantado", pelos seus interessantes arabescos, é o mais pittoresco de todas as cidades do mundo

O ornato das calçadas dos jardins, praças e ruas, produzindo um bellissimo effeito lembram os tempos em que a Grecia e Roma ditavam ao mundo conhecido a arte creada pela sua civilisação

No Brasil temos a Avenida Rio Branco, em que os passeios lateraes são do mesmo systema de Lisboa.

Foi esse calçamento executado por artistas portuguezes, contratados por ordem do saudoso prefeito Dr Francisco Pereira Passos, o remodelador da cidade



(_Ao bello espirito de Belmonte)

Arvore arrependida

Tanto subiu no azul, doudo anseio de gloria!
tramando, de cipós, uma escada imprevista,
que, sosinha, parou na escalada illusoria,
erguendo os braços para o poente de amethysta!

Tanto céu absorveu, de conquista em conquista,
sobre o mundo, deixado aos pés, feito de escoria,
que, afinal, sossegou na illusão pantheista!
cançada de agitar a fronde merencoria...

Atrás de um sonho vão, que não attinge nunca,
erra o espaço em redor das folhas mortas junca;
tinem de ouro e crystal as cigarras de agora!

E a ramagem, assim, tanta tristeza encerra,
que a gente cuida vêr uma fronde que chora
pendida para o chão com saudade da Terra...

Cassiano Ricardo

O Barqueiro Obsequioso

PAIZ do Ideal a terra do Romance, como não tem longitude, latitude nem fronteiras póde estar situado em qualquer parte. No dia em que começa a nossa historia e para as pessoas que nella tomam parte aconteceu estar elle situado na margem esquerda do Tamisa, entre Chertsey Bridge e Shepperton Lock. Isto é, pareceu, pelo menos, que começava ahi e é quanto se póde dizer, porquanto, chegando a terra do Romance até ao Arco Iris, impossivel será dizer com segurança onde elle foi acabar, se é que, de facto acabou.

Acabava de passar a Chertsey Bridge uma dessas embarcações pequenas, pintadas de côres alegres, das que se usam na navegação dos canaes, e dispunha-se a deixar-se levar ao sabor da corrente da agua. De um lado e outro da prôa o nome delle se ostentava, "Lucy" apenas, e, pelo que se podia deprehender, o commandante, a equipagem e o resto era tudo representado por uma só pessoa, um rapaz a fumar de cachimbo, sentado ao leme, um rapaz de boa apparencia, contrariando o juizo que toda gente faz de um barqueiro, imaginando sempre um sujeito de maneiras rudes, de baixa linguagem e sem educação.

De um modo ou de outro, devesse ou não devesse o barqueiro ser ou não o que dessa classe de gente se suppõe, o certo é que em nada disso pensava, na occasião, uma jovem sentada á beira do rio, com a bicycleta pousada na relva a seu lado. No que ella meditava, era no prazer que teria em dar um giro naquelle barco, até Kingston por exemplo.

Num dia quente como aquelle, com as estradas cheias de pó, o passeio na bicycleta não seduzia. Mil vezes preferivel uma volta pelo rio, fresco e cheio de sombra.

Assim, quando o barco lhe passava perto, quasi encostado á margem, Eileen Foster instinctamente, sem siquer pensar em quaesquer consequencias do seu gesto, obedeceu a um daquelles indomaveis impulsos a que a tia Mathilda chamava "maluquices" e, pondo-se de pé, gritou:

— O' do barco!

O rapaz que ia a fumar de cachimbo, sentado ao leme, olhou em redor de si e não lhe foi preciso bom golpe de vista para descobrir desde logo uma bella moça de cabello loiro-ruivo, de pé, na margem, a fazer signaes. Se eram signaes a pedir soccorro, ou os de um simples viajante que acena amigavelmente a outro que passa, não o soube elle nem o quiz apurar. Tirou logo o cachimbo da bôca e respondeu indagando:

— O que é que ha?!

Depois da sua primeira audacia, Eileen resolveu fazer outra maior, pensando em que "desgraça pouca é bobagem".

— Não posso dar um giro, no seu barco?

Vê-se por ahi como era uma pequena bem merecedora das coisas que della dizia a tia Mathilda.

O barqueiro pareceu hesitar um momento, mas, depois, deu uma volta ao leme. Rodou o barco, dois ou tres minutos, lentamente, e veio embicar de prôa na margem.

— Até aonde quer ir?

Perguntou o commandante e equipagem.

— Até Kingston!

— Está direito, l'óde entrar. O meu ponto final é em Battersea.

Poz uma prancha do barco para a terra, e só então reparou na bicycleta, abandonada na relva.

— Entre a senhorita primeiro, disse elle. Irei depois buscar a sua machina. Quer que a ajude a embarcar?

— Não senhor, eu cá me arranjo. Obrigada, replicou Eileen já em cima da prancha. Mas ainda bem não acabára de proferir essas palavras, quando um "oh" de espanto e susto lhe escapou dos labios.

A prancha era delgada, muito fragil, e Eileen começava a dansar, para baixo e para cima de maneira alarmante como uma gangorra. Quanto mais se afastava da terra, mais violento era o balanço, e ao chegar ao meio da taboa não sabia mais de que terra era. Agitava os braços desesperadamente, para manter o equilibrio e não cahir á agua.

Cahir dentro da agua, num dia quente como aquelle, não devia ser das peores coisas, mas com roupas apropriadas e não de vestido azul, meias de seda, sapatos parisienses e, sobre tudo, com um chapéo lindissimo.

— Oh! tornou ella a deixar escapar...

Já era quasi um appello.

Tentou firmar-se, a ver se conseguia manter-se sobre aquelle diabo oscilante, mas isso estava acima das suas forças, mesmo de uma outra qualquer pessoa que não fosse equilibrista no arame, ou pessoa pratica naquillo. Deu um grito de terror e — sem saber como viu-se desde logo segura por duas mãos musculosas e morenas e guindada — não ha outro termo — para o convés do barco.

— Agora vamos apanhar o seu brinquedo! disse o rapaz depois de deixar a sua envergonhada e alarmada passageira na escotilha.

Atravessou a prancha sem qualquer difficuldade apparente, apanhou a machina e voltou com ella á embarcação. Isto feito, retirou a prancha, pegou numa vara comprida fincou-lhe uma das pontas no fundo da agua e forçou com ella a "Lucy" a entrar de novo na corrente da agua, tomou depois a vara e tomou o seu logar ao leme.

Com essa curiosa observação das coisas triviaes que succede sempre ás grandes emergencias, Eileen notou que o timoneiro era realmente um bello typo, alto e bem constituido, cu tinha o cabello negro, e que os olhos... quando ia a ver-lhe os olhos elles encontraram-se com os seus que ella desviou rapidamente, absorvendo-se na contemplação dos panoramas que iam passando.

A prancha era delgada, muito fragil e Eileen começava a dansar para cima e para baixo, de maneira alarmante.

— Que dia quente! observou o rapaz.

Não era lá essas coisas de originalidade, a observação delle, mas Eileen achou pouco delicado não concordar e falou:

— Muito!

Reparou, então, que no joelho esquerdo do rapaz a calça tinha um grande remendo e no outro, no direito, um enorme rasgão. Deprehendeu por ahi que ou elle não tinha ligação alguma com mulher, ou esta seria muito desleixada, e que elle devia ser muito pobre para não ter podido comprar outro par de calças.

— Acha que o sol está muito quente? inquiriu elle num tom em que deixava perceber que se de facto estivesse, elle o faria mais moderado.

— Nem por isso! replicou Eileen.

E só então se lembrou de que ainda não lhe agradecêra ter elle evitado a sua queda da prancha.

— Eu estou-lhe immensamente grata começou ella, mas uma fumaça do cachimbo interrompeu-a.

Elle tomou a palavra:

— Nós costumamos receber passageiros nesta linha, mas ... e fitou-a gravemente — ia jurar que a senhorita não é passageira.

— Tem graça!

— Sim... A senhorita não comprou passagem, nem figura na lista de passageiros Portanto, ou faz parte da estiva ou pertence á tripulação

Falava tão seriamente que Eileen quasi julgou que elle falasse a valer.

— Mas, vem ao caso saber-se quem ella seja ou não seja? perguntou ella.

— Está visto que sim. Como passageira, poderia accionar-nos por damnos e perdas em caso de naufragio, encalhe ou outra qualquer occorrencia, excepctuado já se vê o caso de captura pelos piratas. Como membro da tripulação, só lhe restará o recurso de requisitar uma passagem para voltar á patria ao nosso consul, e, como pertencente á estiva, não tem direito de reclamação alguma correndo até o risco de ir para na Policia.

Percebeu ahi que elle pilheriava, não obstante não lhe notar no rosto a menor sombra de um sorriso. De qualquer modo porém, não podia deixar de se surprehender pois não esperava "aquillo" de um rapaz que ganhava a vida a lidar com um bote e usava umas calças daquellas.

— O senhor fala sempre assim? inquiriu ella com a tal ingenua franqueza, que a tia Mathilde tentava em vão corrigir.

— De certo que não. Em regra geral o barqueiro usa uma linguagem immunda, de baixo calão, e eu não fujo á regra. Mas na presença dos passageiros...

— Mas o senhor já disse que ella não era passageira.

E' verdade... Não me lembrava disso.

E o commandante do "Lucy" calou-se, parecendo reflectir sobre tal problema. De subito, desannuviou-se-lhe o semblante

— Não... Antes da ponte de Vauxhall não, disse elle, e continuou: A senhorita já ouviu algum barqueiro praguejar, antes de passar a ponte de Vauxhall?

— Não, senhor. Eu nunca ouvi barqueiro algum praguejar.

— Quer que a ajude a embarcar?

— Pois então vae ouvir hoje, explodiu o rapaz, triumbhante. Depois, inquiriu com interesse:

— Tomava uma chavena de chá?

— Tomava! exclamou Eileen, descobrindo de repente que tinha uma sêde horrivel

O commandante do "Lucy" curvou-se sobre a pequena "cabine" e chamou fortemente pelo nome de Smith. Não obtendo resposta, desistiu de continuar a chamar

— Esta provado... Smith não está ahi, disse elle gravemente. Ou não chegou a tempo de apanhar o barco, ou desertou, ou adormeceu e cahiu ao mar.

— Quem é esse Smith, perguntou a moça

— Quem era esse Smith, acho eu.

Não. E' ainda Smith, mesmo que tenha desertado, insistiu ella.

Lá para elle póde ser. Mas para nós não existe mais, para nós era o Smith, já não é mais Smith. Comprehende o que eu quero dizer?

— O senhor perguntou-me se eu queria chá... observou Eileen friamente.

— Oh! Sim... E' preciso ser delicado antes de Waterloo, quero dizer, da ponte Vauxhall... A senhorita já sabe. No emtanto, se quer o chá tem de descer á cabine. Lá encontrará fogareiro a kerozene e o meio de que precisar. Sabe lidar com esses fogareiros?

— Um pouco. Levamos um comnosco sempre, quando sahimos para o campo.

— Levamos?! — Quero dizer, quando vou ao campo com Harry...

— Harry?! Quem é esse Harry?!

— E' o meu... ia ella a dizer mas calou-se e riu maliciosamente, para dizer apenas:

— Não devo aborrecel-o com os meus negocios.

— Affirmo-lhe que isso em nada me aborrece! protestou elle com calor.

A respeito do tal Harry, presumo...

— Não! interrompeu a moça decidida Vou fazer o chá.

Levantou-se e desappareceu na cabine Era uma toca engraçada, com uma pequena mesa, prateleiras e armario. Ella accendeu o fogareiro, apanhou as chicaras e os pires e procurou o assucar. Depois, tendo já feito o chá, pegou numa bandeja, poz tudo em cima e surgiu na escotilha.

— Lembrei-me de que tambem tornaria uma chicara... suggeriu ella.

— Com muito gosto!

Elle contemplava-a sentado, emquanto a via deitar o chá.

— Assucar e leite? inquiriu Eileen, olhando para elle.

As duas coisas, faça favor. Ella deu-lhe uma chicara. Elle tomou-a das mãos della, mexeu o chá e provou.

Delicioso! exclamou. O desertor, o roragido ou falleci do Smith nunca fez um chá assim.

Appareceu nesse momento, á vista um barco muito maior que o "Lucy" conduzido por um homem e uma mulher. Ao passar por elles, o homem, que era quem ia ao leme, falou:

— Para aonde camarada?

— Para o Rio de Janeiro, Iquique, Valparaiso e Golden Horn replicou o commandante do "Lucy".

— E a guarnição á essa teléa? gritou o outro ainda, acrescentando qualquer coisa que, por felicidade talvez não se pôde ouvir no "Lucy".

— O senhor disse-me que ia para Battersea, exclamou Eileen.

— Foi para lhe inspirar confiança.

De repente, elle largou a chicara e o pires, com um repellão.

— Shepperton Lock! Toda gente no convés! gritou elle.

Eileen largou tambem a chicara e poz-se de pé.

— Ao "defesas" fóra da borda! ordenou ainda. Precisamos prevêr qualquer collisão.

Eileen conhecia muita coisa a respeito de embarcações e apressou-se a fazer o que o commandante mandava, emquanto um grupo de espectadores, de cima da muralha, lhe admirava a ligeireza.

— Agora disse o commandante depois de passar a ponte, vamos na maciota até Sunbury, se o tempo se conservar assim.

— E pensa que não? perguntou Eileen emquanto lavava a louça do chá.

— Depende do vento que encontrarmos, replicou o commandante judiciosamente. Nestas latitudes nunca se póde affirmar nada, e, além disso, estamos na época da monção. Nunca ouviu falar da monção?

— Eu não disse ella rindo, e o senhor?

— Até já assisti a uma. A monção é, assim..

Eileen descia para a "cabine", a arrumar os apetrechos do chá, e não ouviu o resto.

Chegavam agora a Sunbury Lock e Eileen foi chamada a ajudar o commandante, no governo do barco. Depois continuaram deslisando suavemente, ao sabor da corrente, passaram Malesey Lock, Hampton Court, avistando depois a ponte de Kingston.

— Onde é que quer saltar? indagou o commandante.

— Eu moro alli perto, no lado esquerdo a baixo da ponte. A casa tem um pequeno caes de desembarque.

— Está direito... Vou atracar.

Passaram por baixo da ponte e, então, Eileen indicou um desembarcadouro quasi occulto por umas arvores.

— Que porto vagabundo! gritou o capitão, fortemente, emquanto virava o leme de modo a fazer o "Lucy" approximar-se da terra

Mais perto da margem agora, Eileen teve um pequeno grito de terror. Sentados na relva, estavam seu pae, a tia Mathilde, seu mano Harry e umas pessoas chamadas Esmett com quem ella embirrava solemnemente.

— Nada de vagarezas! Salte depressa! gritava o commandante, á medida que o barco mais e mais se approximava da margem.

Depois, com um espalhafato e gritaria enormes que nada justificava, quando o "Lucy" ia a embicar no caes, correu para ajudar a passageira a descer, mas Eileen havia pulado já.

— A minha bicycleta agora, se me faz favor!

Num apice, a bicycleta foi desembarcada. Então, sem ligar ás caras assombradas das pessoas alli presentes, Eileen estendeu a mão ao barqueiro:

— Obrigada pelo bello passeio! disse ella Adeus!

— Até mais ver, companheiro! respondeu o rapaz com a bonhomia ironica do marinheiro, apertando-lhe a mão com um vigor desnecessario.

Afastou, depois, o barco e voltou para o leme. De novo o "Lucy" entrou na corrente, e elle olhou para a margem fazendo um gesto ainda de despedida de adeus, com a mão. Ella viu-o e, comquanto sentisse caminhar para si a tia Mathilda, correspondeu ao gesto do rapaz.

Eileen, fallou a tia Mathilda com a voz velada para as Esmett a não ouvirem, onde estiveste?

Num barco, respondeu a moça. Não me viu desembarcar?

— Num barco! repetiu como um éco a tia Mathilda, esquecendo por um momento os seus hospedes. E com um barqueiro, um individuo ordinario.

Naturalmente! Dentro do barco ha sempre um harqueiro. Ora a titia! escarneceu Eileen.

Chegavam as duas perto do grupo e a tia Mathilda mudou de assumpto, deixando para mais tarde a discussão.

Ouve cá, ó Eileen! Como diabo conseguiste tu embrulhar aquelle barqueiro para elle te trazer a bordo? fallou o mano Harry, com certa inveja e sem reparar que contrariava a tia Mathilda.

Pedi-lhe, está ahi!

Que grande sorte a tua! Só eu é que não arranjo uma coisa dessas, quando quero dar um passeio, papae! continuou elle dirigindo-se a um cavalheiro de boa apparencia, de vestes clericaes e polainas. Não acha, papae, que Eileen teve sorte?

— O viajante na estrada, replicou o deão placidamente, esquecendo tambem a tia Mathilda, tem certos privilegios reconhecidos, como, por exemplo o de pedir conducção em qualquer vehiculo E sendo o barco, em boa razão, considerado vehiculo, logo, póde ser applicado ao caso o mesmo principio.

Eileen! O melhor é ires para dentro, tomar o teu chá, disse seccamente a tia Mathilda.

— Já tomei, obrigada! respondeu a moça, accrescentando em ar de desafio: No barco!

* * *

Nessa noite, ao deitar-se, recordando a aventura, fallou de si para si:

Estou certa de que o meu Apollo não era um simples barqueiro.

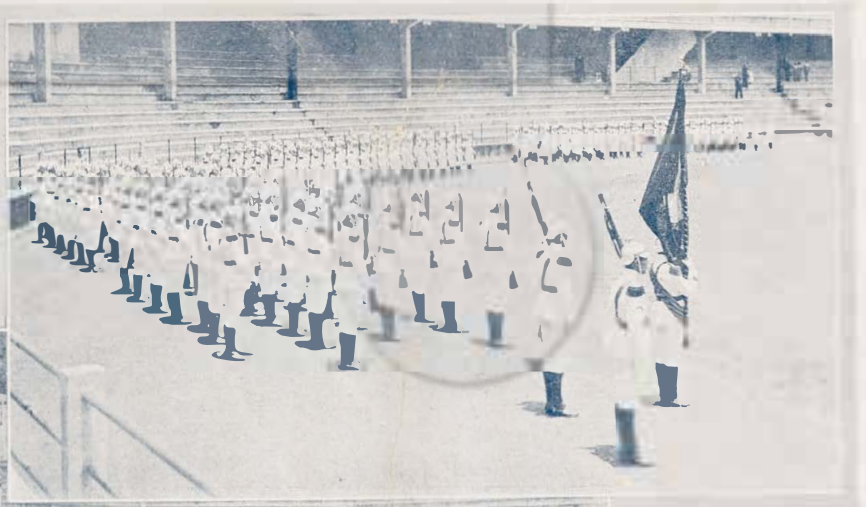
Chrismou-o, depois, de "Apollo do Leme" porque apezar de consideravelmente afastado desse modelo de belleza masculina, era alto, forte e um pouco hello.

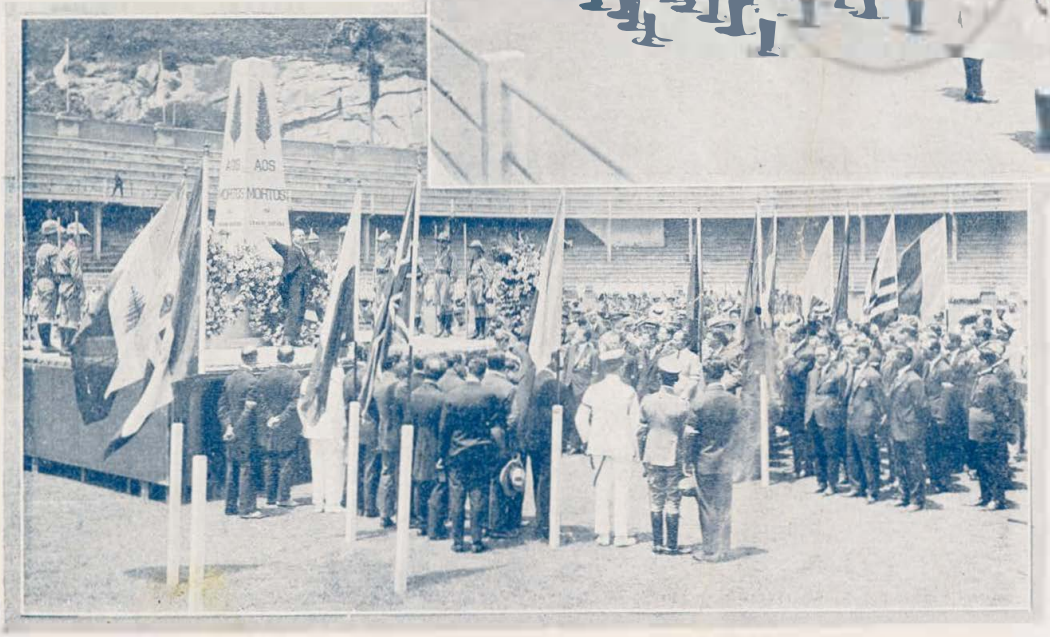
Mas, se não era harqueiro a valer, o que fazia elle então num harco, num barco que ia para Bathersea, num barco indubitavelmente empregado no commercio? Talvez elle fizesse aquillo por necessidade depois de algum desastre na sua vida, comquanto

ACADEMIA DE LETRAS

S. Ex. o Snr. Ministro da Justiça, Dr. João Luiz Alves, em companhia de varios academicos

Commemorando o 5.º anno da assignatura do Armisticio

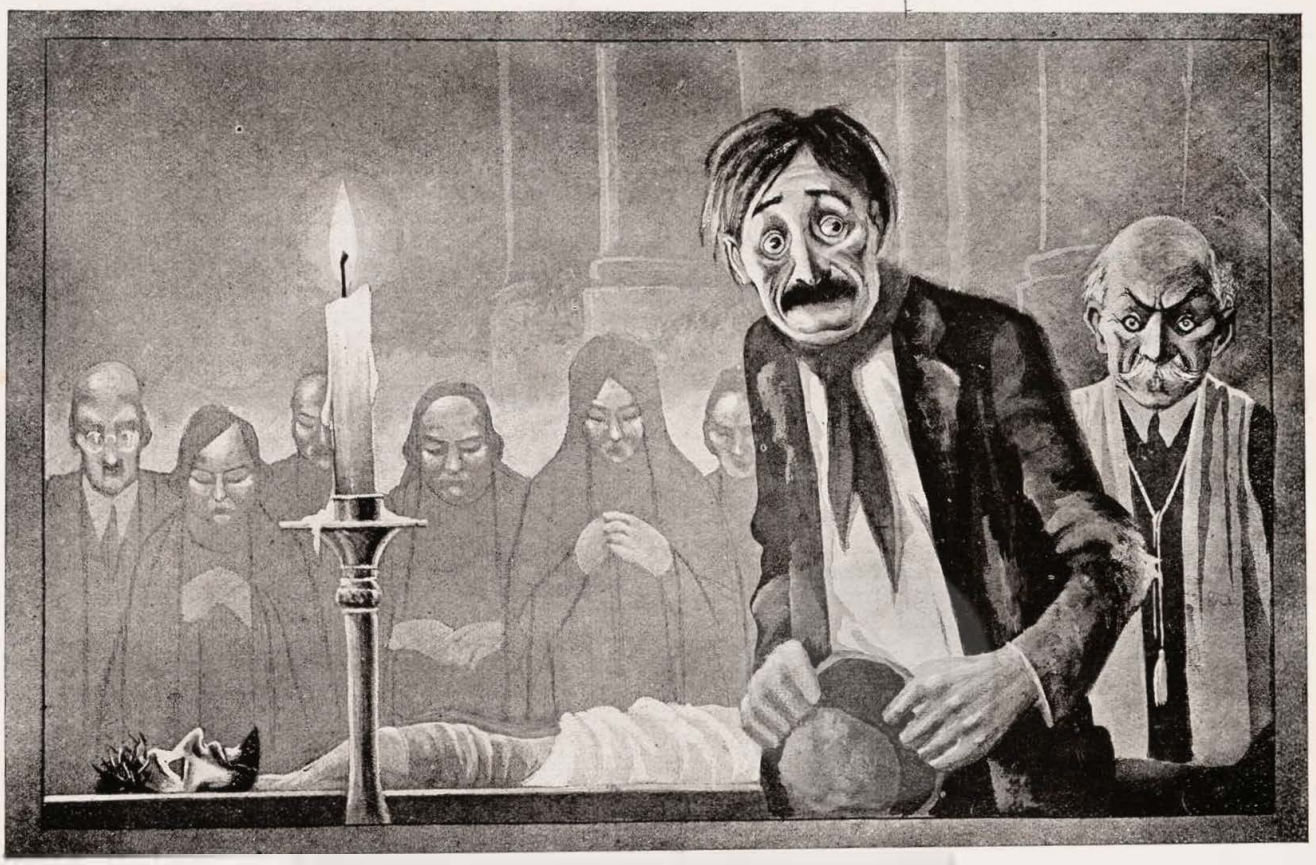




A Parada no Stadium

A Escola Militar em continencia.

O Dr. Goulart de Andrade discursando junto ao monumento erigido em honra aos mortos da grande guerra.



O Ladrão

(Especial para "Frou-Frou...")

..."Jesus de Nazareth, semi-nu', a mão direita estendida ao beijo impuro dos peccadores, jazia hirto num esquife negro, ao pé da sacristia".

GABRIEL MARQUES.

..."Que importa ahi que soffras ? Todos soffrem na terra; e no dia em que a miseria e a dôr, como o corvo soturno daquelle louco extraordinario, entram pela janella, a ultima aza da felicidade foge pela porta e perde-se na dolorosa certeza do passado. Vamos, Mario Savio, ergue a fronte e encara a vida; pinta um sorriso nos labios... o sorriso é a fidalguia da dôr...

E Mario estremecia. Eram boccas invisiveis no crepusculo excuso do seu tugurio que, de hora a hora, numa voz de supplica e exhortação, taes coisas lhe diziam. Sim, eram bocas que lhe falavam; era alguma coisa que vivia fóra do seu pensamento, que, nessa toada, lhe procurava os ouvidos... Pois ia elle lá pensar assim ? Não; que a sonata da esperança não cabe no coração do desespero.

Elle tornava da lucidez momentanea de animo ao marasmo taciturno que lhe entrara o coração, desde aquelle momento de perpetua lembrança em que lhe sahira, portas fóra, o corpo frio, e loiro, mudo e morto, da filha. Pois que lhe era tudo a Cecilia. Os seus treze annos de formosura soberba, davam-lhe ao amor paterno a certeza do céo, como lhe dera o seu adeus innenarravel a profunda experiencia do inferno...

E aquelle segredo na descida para o tumulo ? Ah! como lhe doiam, até então, as palavras que os labios de Cecilia, já invadidos pelos primeiros livores da morte, murmuraram, num soluço, aos ouvidos de sua amiga. Que mundo de fé ou desvairo foi entornado na taça daquelles ouvidos confidentes da morte ?

Elle, pae, elle pae e mãe daquelle lyrio murcho, nunca o pudera saber. Vira, apenas, os labios incertos da confidente, num tremor convulso de singultos suffocados, sussurrar, nervosamente, de arrepelão, como um grito que não echôa, a divina acquiescencia dum "sim". Vira-a tambem receber das mãos da quase morta, alguma coisa que elle julgou santa por sahir das mãos da filha, coisa que santamente o torturava no delirio de saber. Vira o envolucro do objecto mysterioso... Pois não conhecia elle e bem aquella boisinha bordada a seda verde pelo

O final do Conto do mez, por um lapso de paginação segue na pagina 44

capricho da filha e cujo conteudo nunca, até então, lhe fizera florir curiosidade ? Vira a amiga beijar longamente os olhos verdes de Cecilia, verdes como um oceano de luz, onde sossobrava, no horror eterno de um instante, a flotilha encantada da vida. Vira morrer a filha, vendo faltar-lhe a elle a propria vida. O mundo estremecera; rolara em chammas, num delirio violento de cinzas que um vendaval sacode, dentro do seu coração que se despedaçou, em silencio, occultamente, sacrificadamente. Vira a desgraça entrar-lhe as portas, despir o manto, olhar para tudo com medonha intimidade e, friamente, dizer — "Cheguei". Vira tudo, soffrera tudo, perdera tudo, morrera por tudo que lhe morrera, desde ahi.

Mas, a confidente ?

Nunca mais a vira...

Faltava-lhe a filha e a sciencia daquelle segredo, talvez a derradeira vontade daquelles treze annos que lhe davam, com humana felicidade, a mais completa certeza do céo. Faltavam, sim. Mas sobrava-lhe a saudade e nunca lhe minguava o pranto. Saudade dessas que não têm cura; lagrima dessas que rolam dos olhos para o coração, sob o mutismo ciliciado da face...

* * *

Cecilia, orpham aos tres annos, filha unica de Mario, morrera havia já um anno e, morrendo, deixára a terra entre crepes, afogada em luto, envolta em soffrimento, porque se fôra no mesmo dia em que a humanidade se veste de dó enche de magua a alma, para ir ás egrejas adorar o Divino Mestre, o Redemptor dos homens, deitado no esquife da redempção, com a fronte rasgada pela corôa de aculeos sangrentos.

Cecilia fechava os olhos para os encantos e delicias da vida, numa Sexta-Feira da Paixão.

* * *

E as casas dos fieis regorgitavam, outra vez, de crentes. A romaria piedosa novamente se realisava aos templos da fé.

Dentro da alma de Mario Savio tambem uma piedosa romaria de beijos e saudades ia se ajoelhar aos pés da imagem viva da morta. Havia tambem, dentro daquelle peito, vultos chorando sobre um esquife, um sacrario e uma santa e uma corôa de espinhos.

Mario, suffocado de dôr, cabellos flabellando ao vento, as vestes a olharem a riqueza e a felicidade alheias, pelos olhos rôtos e envergonhados de uma duzia de buracos, lá se foi caminho do que virá. Numa resolução inconsciente, attracção confusa e poderosa, — como essas que devem sentir pela luz as pupillas que só brilharam na treva, — acotovelando, empurrando, premindo, rangendo os dentes numa pavorosa contensão de nervos, foi elle dar, sabe lá como, no recinto de um templo.

Lá ao fundo, rigido, hirto, dizendo palavras de sangue pelas bocas das chagas, inteiriçado num esquife, jazia o Homem-Deus, a cujo redor, na profunda egualdade humana que, mysteriosamente, se verifica em todos os grandes momentos de dôr, se apinhavam as gentes.

Mario fitou, attonito, toda aquella exaltação, com a surpreza que, por certo, deveria sentir uma gotta loira de opala incrustada num diadema, perdido entre o regio estrellejar de enormes diamantes !

Num passo incerto, de automato, formigando o coração, semi-abertos os labios num grito que tivera pavor de se fazer voz, achou-se aos pés da Perfeição Suprema, o Sagrado Filho de Maria.

E fitava-o... fitava-o...

— E Maria ? E Maria ? pensou.

Seus olhos, phosphoreando, jogados, aos jorros, em demencia, para todos os lados, procuravam, anciosos, a imagem da Divina-Mãe. Ah ! que bem lhe comprehendia elle a infinita tortura, o desespero sagrado.

Pois, não estavam alli, frente a frente, duas tragedias supremas ? Não era, acaso, o sacrificado do Calvario humano aos pés do Martyr do Golgotha divino ?

— E Maria ? Onde está a imagem afflicta da Mãe Santa de Christo ?

Elle queria vel-a. Pois não era tambem o que viu o sacrificio da filha ? Sim, era elle, sobretudo, o que viu morrer.

Sentia lá dentro, lá no fundo do peito, a necessidade do olhar da Virgem-Mãe. Ah ! que lhe daria, ao menos, aquelles olhos, a ternura de um consolo. E procurava-a... procurava-a na apunhalante anciedade da procura vã !

Subito, as faces daquelle frangalho humano se transtornaram medonhamente, tomando, num livôr profundo, a côr do marmore lavado. Os olhos esbugalharam-se-lhe, desmedidos, na expressão tragica que antecede á furia e o seu corpo, dos artelhos á cabeça, estremeceu, epilepticamente, longamente, como um tronco sacudido pelo tufão até ao extremo do espongiolo... A boca, numa contracção titanica, entreabriu-se, num lento e terrivel rolar de dentes, deixando fugir, como uma aguia allucinada, um grito que era mais rugido, soturno, louco, rouco, pavoroso...

Toda aquella gente contricta, num desalinho de gestos, em tumulto, recuou, levada pela mão do espanto.

E elle, cujos olhos estavam cravados na corôa de espinhos do Senhor Morto, de um salto, impetuoso, como uma féra a quem roubaram o filho, desvairado, tremendo, atirou-se á cabeça do Redemptor, beijou-lhe as faces lividas e, mais rapido que o pensamento que lhe turbilhonava no cerebro, agarrou com as duas mãos, nervosamente, alguma coisa que repousava junto á sagrada cabeça e, mais alucinado ainda, recuou, engolphado no delirio de fugir !

O sacristão, porém, voltado da estupefacção, se lhe atirou ao encontro, segurando-o com ferreas mãos, a gritar :

— Ladrão ! Ladrão !

A esta attitude varios homens accorreram e detiveram aquelle que roubara Jesus... Alguma offerta valiosa que fizera um crente, talvez...

Mario Savio, sob o dominio de vinte mãos e uma infinidade de olhares severos, viu se lhe abrir aos pés, num abysmo, o solo que o queimava e, num curto tatalar de dentes, num estremeção, rolou como um páo, de chofre, inopinadamente.

Estava morto.

Entre as mãos apertadas como duas conchas de aço, occultava-se o que quér que fosse que roubára.

A custo, abriram-nas. Lá estava, amarrotada, em pedaços, uma bolsinha bordada a seda verde. Entre os fragmentos da seda, dois retratos minusculos estavam, machucados.

Alguem, um vulto de menina e moça (a confidente, quem sabe ?), com soffrimento inaudito, explicava :

— E' Cecilia... é Cecilia... a esposa e a filha daquelle homem...

E sob o olhar de infinita piedade com que o envolvia aquella gente, Mario Savio jazia para alli, inerte, inteiriçado, com uma subita expressão de gloria e de martyrio, elle que morrera sem conhecer o segredo fatal daquella santa, daquelles treze annos de formosura soberba, que lhe davam a mais profunda certeza do céo.

Wenceslao Brandão.

O SAPATINHO BRANCO

Eu guardo ainda um sapatinho branco de quando era menina, um sapatinho que em doces horas me guiava os passos, quando eu não era mais que uma boneca palradora, a desafiar a Dor com sorrisos côr de rosa. Santa reliquia que nos doces tempos illuminaste a face de minha mãe, embellezal-a-ias, estou certa, se ella pudesse despertar do frio marmore.

O' sapatinho branco! quem déra poder beijar comtigo, de novo, as violetas frescas, o suave musgo que a nascer começa, o verde trevo de pintadas folhas, as plantas de saborosos fructos, as avesinhas amariposadas, os pastos todos da nobre terra, submergir-te na agua fresca da ribeira e arrojar-te a seguir para entre o trigo doirado!...

Voltar depois chorando por tão grande peccado !

O' sapatinho branco das infantis horas ! Quem déra poder calçar-te de novo, para te tirar a mágua com que choras, de ver tua dona para a morte andando !

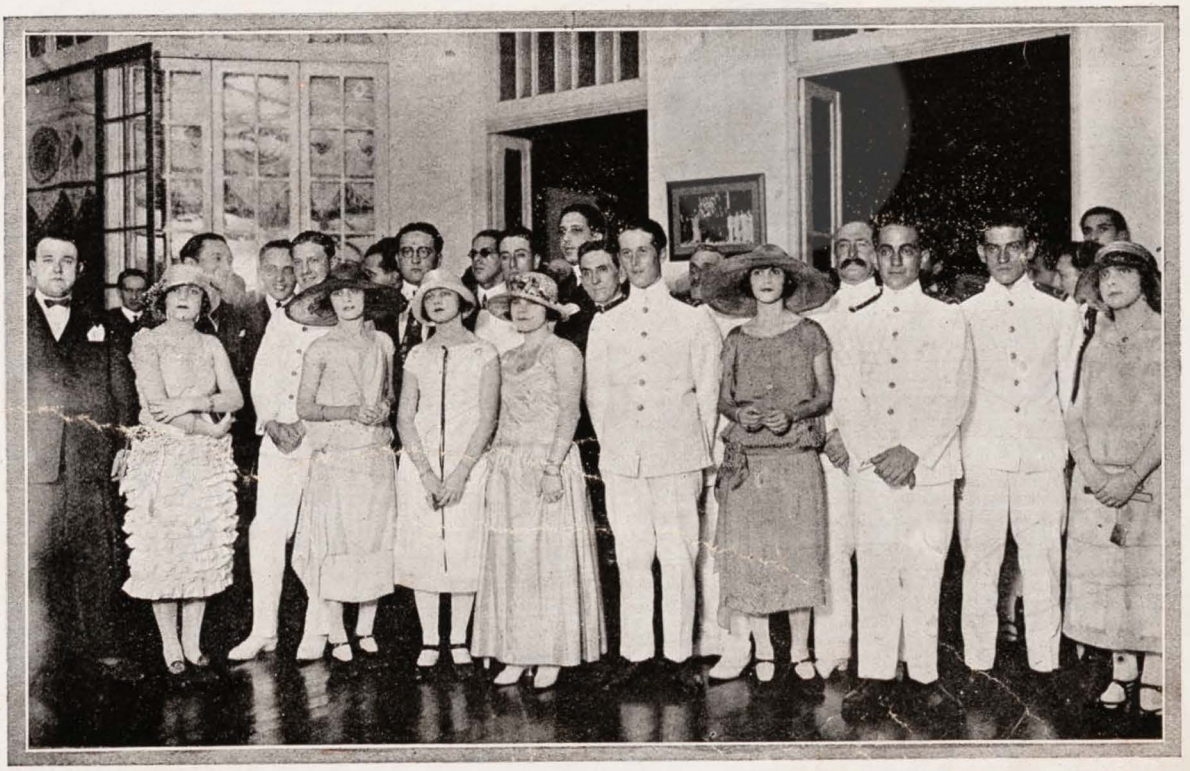
Quem cuidará do sapatinho branco quando *eu me fór*, de cabeça pendida, inerte o corpo, evadida a alma ?

O' sapatinho de doiradas horas ! Quem pudera calçar-te novamente, roubar-te deste mundo ás traições, e voar comtigo ás regiões boas, onde as almas, como a hostia consagrada são da côr de sapatinho branco!...

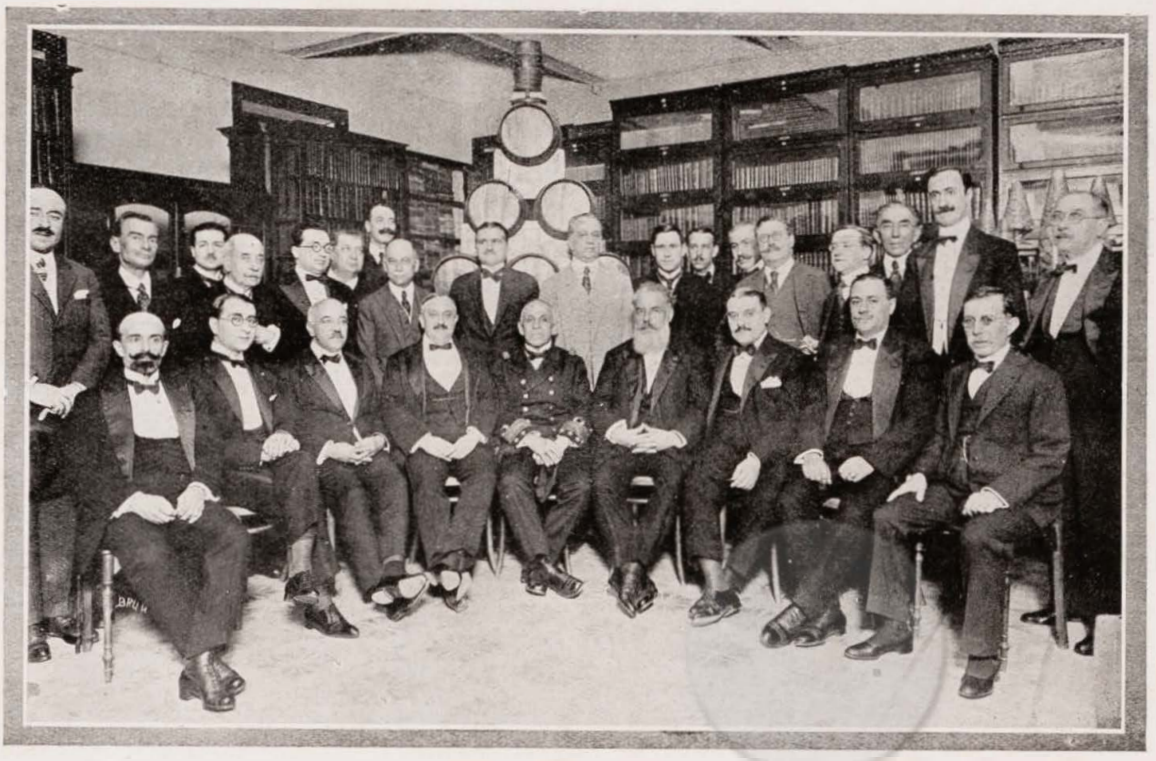
PELOS NOSSOS JARDINS

NA PRAIA DE BOTAFOGO

LEGAÇÃO DO URUGUAY



Recepção em honra da officialidade do Cruzador Montevidéo



Camara Portugueza de Commercio — Grupo tirado no dia da entrega do diploma de socio honorario ao Snr. Almirante Gago Coutinho

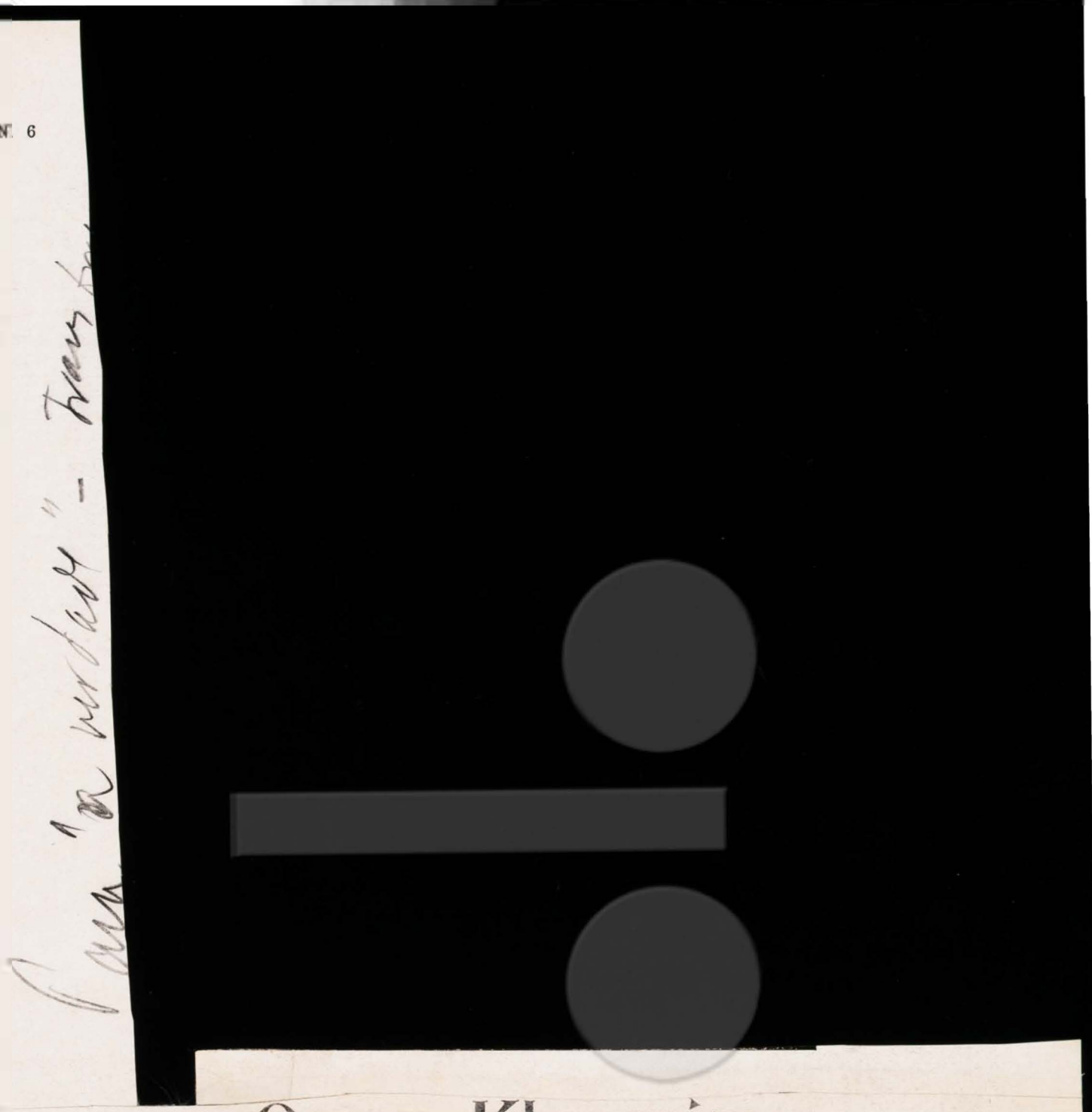
CAMPEONATO ACADEMICO DE FOOT-BALL

1.º Logar

Team da Escola Polytechnica

Campeão de 1923

2.º Logar — *Escola Militar*



Omar Khayyâm

Desenho de Sydney Joseph

A's minhas leitoras de certo não será extranho o nome de Omar Khayyám. Elle significa uma alta expressão de belleza, inconfundivel pela sua originalidade e pelo doce perfume da sua fresçura. Alguem o chamou "o Anacreonte persa". Nesse Anacreonte, porem, quanta suavidade, quanto sentimento, quanta serena e tranquilla innocencia! Eu desejaria que as senhoras lessem, com a mesma devoção com que eu leio, todas as noites, nas minhas horas de silencio e de solidão, os versos perturbadores e envolventes das "Rubayát":

"... E quando o gallo cantou, aquelles que se achavam em frente á taverna exclamaram: Abri a porta! Sabeis muito bem que não nos podemos demorar aqui e que, uma vez partidos, não voltaremos mais, nunca mais".

Não voltar nunca mais — eis ahi a chave da philosophia desse sensual, em cujo coração dormia a alma de um velho philosopho subtil. Sim, porque, minhas amigas, eu creio, como elle, que a gente não volta mais, nunca mais, da derradeira viagem. "O resto é o eterno silencio", disse Hamlet, referindo-se á tragedia do depois da morte. E o principe da Dinamarca, de cuja dôr profunda o genio de luminoso William fez um symbolo eterno, ao falar assim, falava a linguagem da sabedoria.

"O resto é o eterno silencio..."

Vinde commigo, sem receio, percorrer um a um, os canteiros todos do jardim olente de Khayyám. O seu per-

ainda cantou

o Anacreon-
n dia, do seu
miga para o

de Khayyám ?
minhas lindas

ão. E eu quiz

s do poeta :

est
est
ore,

s simples :
as, cantou como
leagro — e os
— a Vida sob o
agem pela face
omens, a gloria
a, tudo elle viu
ntes do Deus pe-
e sentiu, cantou
labios, aquelle
falou o ironico
verso. E a triste
eressou, nem de

eifei :
e me vou como o

s seus filhos tiri-
onde :

. Mas quem nos
cca de se homem
te Portas, Azrael

Na sua lyra heptacordia plangem e soluçam as vozes de muitos poetas. Ora elle nos lembra o creador do Dr. Fausto, ora Henri Heine, ora ainda o desventurado Leopardi, chorando no seu orgulho rebelde o drama negro do seu mundo interior, feito de sombras, como o jardim espi-

velava, taciturno !

Tenhamos, pois, para elle un ma e um sorriso.
Elle nos agradecerá de seu tumul o, em Nishapour.

Luiz André.

em VERNIZ, SETIM e PELLICAS

de varias cores

MODELOS ATTRAHENTES

de 34$ á 42$

RUAS : Ouvidor, 105 e 107 — Uruguayana, 9 e 33
Carioca, 38 — Camerino, 174 e 176

CINEMA CENTRAL

Damos aqui a fachada desse elegante cinema que é hoje um dos mais concorridos da Capital, onde se exibem os melhores films e em cujo palco se apresentam os mais celebres artistas com numeros de verdadeiro successo. Em 15 do corrente commemorou o Central o seu 4.º anno de existencia, tendo sido decorado a capricho, tocando á tarde e á noite duas bandas de musica, estando sempre repleto de tudo que ha de mais elegante. O Sr. Capitão Gustavo Pinfild, proprietario do Central, recebeu muitos telegrammas de felicitações e cumprimentos.

VIRTUDES ACADEMICAS

Certa vez, foram perguntar a Guizot a sua opinião sobre um candidato á Academia Franceza.

— Por mim, eu lhe dou o meu voto, pois que encontro nelle todas as qualidades para ser um bom academico. Elle é polido, veste-se bem, é condecorado, e não tem nenhuma opinião propria. Eu sei bem que vão argumentar para ahi que elle escreveu alguns livros; mas, que diabo! a gente não pode sre absolutamente perfeita!

A ACTIVIDADE DE MIGEL ANGELO

Miguel Angelo trabalhou toda a sua vida com tamanha sofreguidão, que se levantava diversas vezes durante a noite para empunhar o cruzel. Afim de poupar tempo, aclarando a obra com que lidava, e sem prejuizo das mãos, que deviam estar desoccupadas, fabricou elle um chapéo de papelão, no meio do qual fixou uma vela, que accendia quando ia trabalhar.

Ruinas de Heliopolis — A celebre cidade do sol, fructo do genio hellenico em terras da Syria, de que hoje só restam ruinas. Ao fundo distingue-se um pequeno lagarejo d'uns mil habitantes.

Reflexos Humanos

— O amor tem azas brancas, muito brancas, e a voz estranhas melodias das estrellas, disse a Mulher.

— O amor é lyrio pallido onde titilam lagrimas, e o seu aroma é o aroma do sol, disse o Homem.

— Não quero approximar-me do amor, que é fogueira onde as almas ardem, e porque me crava em mim os mais traiçoeiros espinhos. Eu já o experimentei ! interrompeu entristecido o Coração.

— Foge do amor ! Lembra-te sempre de que vieste a este mundo de dores, para carregares a cruz do teu cansaço, por culpa de um amor, sentenciou o Cerebro.

II

— Eu sou brisa do Céo ! disse a Mulher.

— A tua imagem tem cambiantes de entardeceres magicos, e teu halito exhala perfumes de nardos, murmura amoroso o Homem.

— Cada coração que vem de ti traz uma sombra e cada labio que bebeu o nectar do teu beijo, soffre a dor de uma ferida, fala o Coração.

— E's serpente de veneno. Passas rente ás almas, deixando nellas um signal inapagavel. Todos os homens são creanças, para ti. Brincas com o seu coração, enches a todos as chimeras, e quando o amor desperta foges triumphadora, disse o Cerebro.

III

— Eu sou como o condor. Admiro, dos cumes mais altos, a pequenez do mundo. Sou vencedor nas alturas e, quando desço, perco-me nas trevas desta dolente Vida, como se fosse um cego fascinado com as luzes deslumbrantes de uma humanidade perversa, disse o Homem.

— Quero-te na solidão da Terra. Teus labios, humedecidos pelas ancias do beijo, parecem-me o reflexo de um montão de cravos, respondeu a Mulher.

— E's extraordinario ! Talvez porque és condor nas alturas e cego na Vida. A's vezes choras por uma noiva longinqua e de outras praguejas por um amor que chega, disse o Coração envelhecido.

— E's um passaro errante allucinado com as estrellas. Tens alguma coisa de bom, mas, entre a tua bondade, a obsessão dos tristes abre os seus immensos olhos de demente. No fundo, és perverso e frivolo como os beijos de uns labios muito vermelhos, terminou o Cerebro.

E a Mulher e o Homem, sem ouvirem as palavras do Coração e do Cerebro, nas azas do Amor — que é uma mentira — julgam que a Vida passa rente ás suas almas semeando estrellas...

O ROUXINOL E A ROSA

CHORAVA um joven porque a sua amada lhe havia dito que, só corresponderia ao seu amor, se elle lhe trouxesse uma rosa vermelha, justamente no inverno, quando — no paiz septentrional em que isto se passou — os jardins nada produzem. Commoveu-se um rouxinol com os ais dolentes do joven enamorado e, voando do seu abrigado ninho, atravessou o bosque, chegou a um vergel e pousou sobre um rosal, dizendo-lhe :

— Dá-me uma rosa encarnada, e eu te cantarei os meus mais melodiosos cantos !

O rosal meneou a cabeça, e respondeu :

— As minhas rosas são brancas como as espumas das cachoeiras ou como as neves alpinas.

O passaro, entristecido, voou para outro rosal e fez egual pedido, obtendo esta resposta :

— As minhas rosas são amarellas como os cabellos das sereias, como as petalas do narcizo e os lampejos dos topazios. Procura meu irmão, o rosal que está plantado sob a janella do enamorado joven a quem queres valer.

Expoz a este rosal, o rouxinol, seus desejos, e elle lhe respondeu :

— Vermelhas eram as minhas flores, não ha duvida, mas os ventos as desfolhavam e a geada penetrou-me as veias. Não poderei dar mais flores por todo o resto deste anno.

— Mas uma só, apenas uma ! insistiu o passaro.

— Está bem ! replicou o rosal. Faça-se a tua vontade. Ha um meio disso se conseguir mas é tão deshumano, tão cruel, que eu não me atrevo a propôl-o.

— Fala !

— Se queres uma rosa da côr do fogo, deves formal-a com tuas notas musicaes, á luz da lua, e tingil-a com o teu proprio sangue... Terás que cantar para mim, a noite inteira, recostado sobre os meus espinhos. Os meus espinhos, ao cravarem-se-te, farão fluir o sangue do teu coração e, alimentadas com o teu sangue, as minhas veias produzirão a rosa.

— Está tratado !

Quando a lua assomou, no céo, o seu disco pallido, o rouxinol pousou no rosal e, apoiando-se nos espinhos, ali cantou a noite toda, a epiphania do amor de um formoso par. Apontou então, com o raiar da aurora, uma rosa de encontro aos espinhos, e o sangue brotou colorindo a branca, feiticeira. O rouxinol, porém, aconchegou-se mais flor como as pudicas faces de uma donzella ao receber o primeiro beijo do seu amado. O passarinho cantava sempre, continuava a cantar o amor triumphante por meio do sacrificio coroado pela morte, o amor que não se extingue nem mesmo na sepultura, e o apaixonado joven pôde offerecer á sua amada, em pleno inverno, uma rosa da côr do sangue...

Oscar Wilde

MADELEINE

Quadro de J. J. Henner

A Melancholia

Cada seculo tem novos sentimentos, porque cada seculo tem nova orientação.

As tristezas da humanidade seguem um caminho que se parece com o nosso, mas é mais amplo e mais seguro.

Desses sentimentos que hoje causam anciedade, amanhã receio e mais tarde impotencia, surge a melancholia que se adapta ao nosso ser de um modo inevitavel.

Estamos hoje beirando um pessimismo novo, que talvez logre acertar o mysterio das almas.

Os sabios passaram sem explicar a nossa melancholia.

A melancholia do homem, que parece bella, pode todavia se ennobrecer infinitamente, até que um ser de genio profira a ultima palavra da dôr que acaso nos purifique eternamente.

A melancholia é a guia mais segura da alma, que atordoada pelo goso perde toda a pureza : é a resignação que se trasforma em amor.

E' quando estamos melancholicos que sentimos mais houradamente essa mysteriosa força que nos domina e dirige.

Amar na alegria, qualquer espirito vulgar pode fazer ; mas amar na melancholia é um don da alma que está completamente saturada de amor.

Maeterlinck.

A margem do novo caso Da Vinci

Um novo caso Leonardo da Vinci apaixona, agora, os artistas de França. Uma outra "Belle Ferronnière" appareceu na America, intrigando os curiosos da pintura com a pureza de suas linhas e a harmonia de seu colorido. Trata-se, dizem os technicos mais minentes, não de uma copia, mas de um original authentico do mestre toscano, que Raffaelli nos descreveu como sendo "un grand, beau cavalier, elégant, de jolie figure, pratiquant tous les sports, tous les exercices du corps, musicien consommé, impropagner sur la lyre, et construisant, au besoin, un luth d'argent visateur, chanteur doué d'une belle voix et capable de s'accomde toutes piéces".

Não deixa de ser interessante recordar, aqui, a aureola de mysterio que acompanha o divino Leonardo na sua peregrinação pela Immortalidade. Elle, como Rembrandt e como Shakespeare, no conceito de Armand Dayot, tudo viu do mundo e dos homens, na ancia nunca satisfeita de penetrar o sentido intimo, ignoto das cousas. A idéa da Belleza, que era no seu coração limpida como um jorro de agua nascente, não lhe fechava os olhos para a Verdade, que elle sempre quiz e sempre buscou, cheio de fé, como um barbaro das Cruzadas. Quando seu pae, o notario Ser Piero, de Florença, o confiou a André Vernocchio, para que lhe ensinasse as artes plasticas, já elle era, aos vinte e dous annos, grande mathematico, grande grammatico, grande musico. E elle não foi somente isso, na sua vida gloriosa e longa: foi mecanico, engenheiro, escriptor, inventor; precedeu a Lamarck na classificação dos animaes em vertebrados e invertebrados, e a Copernico na theoria do movimento da terra; conheceu antes de Newton as leis da gravitação; prophetisou o emprego do vapor como força motriz, a attracção magnetica e a navegação do ar. Poucas vezes existiu, sobre a face da terra, um homem que, como elle, resumisse na sua sabedoria todos os conhecimentos scientificos, literarios e artisticos do seu seculo, e mesmo os avançasse — innovando, creando, predizendo. Mas — "vanitas vanitatum!" — de toda a sua prodigiosa actividade mental as gerações que lhe succederam no tumulto do tempo souberam apenas guardar — e que bem o souberam! — dous retratos lindos de mulher: a "Gioconda" e a "Belle Ferronnière..." Nas "faces sombrias e nos labios ondulosos como o arco do Amor" de Lisa Maria di Noldo Gheraldini, esposa de Francesco di Bartolomeo de Zenobi del Giocondo, e no olhar banhado de profundo mysterio da favorita do duque de Mantua, é que nós vamos encontrar o verdadeiro Leonardo, o Leonardo da Vinci cujo nome a posteridade não esqueceu e ainda hoje pronuncia com a mais dôce das venerações. Voltemo-nos, portanto, cheios desse encantamento suave que a Belleza faz nascer dentro de nossas almas, para essas duas figuras inspiradoras do Genio, e de joelhos, deante dellas, rezemos a prece do pagão deslumbrado.

Talvez seja banal a historia de Lucrezia Crivelli. Mas qual a historia de mulher que não é banal? Dama de honor de Beatriz d'Este, mulher de Ludovico Sforza, *o principe violento e magnifico*, substituiu com inexprimivel candura a Cecilia Gallerani, no capricho voluptuoso do seu amo, cuja barba loura foi uma das glorias mais puras do Renascimento italiano. Pouco durou o idyllio. E emquanto durou, Lucrezia não fez senão supportar, com sublime resignação, o temperamento tempestuoso de Ludovico. Um dos seus biographos escreve que ella foi o typo completo, ideal, da mulher da Renascença, essa epoca, diz elle, "a um tempo policiada e barbara, em que as intrigas terminavam nos copos de veneno traiçoeiro e os amores na ponta dos punhaes *vindicattori*".

De olhos prescrutadores, profundos, immensos como a sua propria desventura — olhos de Gioconda, lembrou alguem — a *signorina* Crivelli foi uma creatura simples, que só encontrou na sua belleza deslumbrante motivos de infinita desesperação. Ah! não fora a ternura dos seus grandes olhos pensativos, e não fosse a harmonia de estatua grega do seu corpo, em que á seducção maravilhosa da carne perfeita se juntava o perfume pagão da mocidade radiosa, e ella, talvez, não padecesse tanto.

Creio piedosamente que essa mulher pronunciou muitas vezes, de si para si, quando os aulicos do amante lhe feriam a modestia com os seus galanteios perturbadores, a phrase commovida daquella pequenina hetera atheniense — Bacchis, a toda — aroma, a toda — doçura, a toda — suavidade, ao depôr-lhe aos pés um satrapa da Persia os seus thesouros fabulosos: — "Não! Eu não os mereço. Eu não sou mais do que uma pobre cortezã..."

O quadro de da Vinci para o qual Lucrezia posou, e que hoje se encontra na Grande Galeria do Louvre, é, depois da "Gioconda", na minha humilde opinião, a obra maior do Mestre. Talvez se torne curioso repetir, aqui, a descripção que delle faz um moderno critico francez. Eil-a:

"Les cheveux, trés exactement divisés en bandeaux sur le haut de la tête, s'appliquent sur les tempes, bordant les yeux et se relevant vers les oreilles, qu'ils dissimulent: sur cette chevelure bien lissée et posée, comme un mince diadéme, une chaînette d'or fermée, au millieu du front, par un de ces cabochons ouvrés, qu'on appellait alors et qu'on appelle encore une *frronière*. D'où le nom sous le quel est connu le tableau".

Leonardo soube traduzir com o seu pincel maravilhoso a muda tragedia dessa amorosa desventurada, sobre cujo tumulo se poderia gravar aquelle dôce epitaphio de Meleagro: "O Amor lhe deu a Belleza, e Cypris a seducção; mas a sua elegancia lhe vem das Graças".

A mesma luz inquietadora que illumina o rosto soffredor de Lucrezia Crivelli transparece na mascara desdenhosa de Lisa Maria.

"Sur son front repose, escreve Théophile Gautier, cette sérénité d'une femme sure d'être éternellement belle et qui se sent supérieure á l'idéal de tous les poétes et de tous les artistes!

Conta-se que, ao posar para Leonardo, a Gioconda o fez contra a sua vontade. Por isso, nos intervallos das sessões fatigantes, musicos tocavam alegres *canzioni*, que não puderam, entretanto, desanuviar o tedio da esposa de Francesco di Bartolomeo, o qual se desenha nitidamente na "fixité inquiètante" e no "sardonisme surhumain" que Gautier tão bem notou nos seus olhos e na sua bocca.

Eu não quero terminar este meu leve passeio atravez o jardim florido de Leonardo, sem dizer para as minhas leitoras um pouco do enthusiasmo que despertam no meu coração essas duas interessantes figuras de mulher.

Lucrezia Crivelli e Lisa Maria di Noldo encerram todo um magnifico poema. E' o sorriso indifferente de uma e é o olhar mysterioso de outra que resumem, ao meu ver, a tragedia davinciana. E quando eu busco contemplar, na gloria do Mestre, a gloria da Arte e a gloria da Renascença, é sobre essas duas janellas humanas, banhadas do fulgor de um infinito mysterio, que eu me debruço, melancolico, a alma recolhida, o espirito enlevado.

Ellas exprimem, alem do mais, o triumpho de Belleza sobre a vaidade. Leonardo em vão procurou decifrar o enigma do Desconhecido, batendo a todas as portas, sacudindo das sandalias o pó de todas as estradas, ajoelhando-se deante de todos os altares, penetrando todos os templos. Lendo. Observando. Meditando. Os thesouros da sua sabedoria eram maiores do que os thesouros dos reis da terra. Emquanto, porem, como o doutor Fausto, elle mergulhava na Duvida, e padecia, a sua verdadeira obra, aquella que não morreria, a unica, a perfeita, agonisava no esquecimento e no martyrio — feita sorriso nos labios de Gioconda e feita soffrimento no olhar perscrutador de Lucrezia, as duas sombras gentis que passaram pelo seu caminho, e que elle não soube comprehender... Perdoem-me as leitoras essa confissão. Mas eu penso como o poeta da "Anthologia":

"Já a violeta floriu, já floriu o narciso, amigo das chuvas, e os lirios já floriram nas montanhas! Mas a mais amavel de todas as flores, a flor desabrochada entre todas, Zenophila, é como a rosa que exhala mil encantos.

O' campos, porque sorrides assim brilhantemente sob vossos mantos? Zenophila é mais bella que todas as vossas corôas...

Mathias d'Ayres.

A CANÇÃO DO VENTO

Quando sacodes rudemente as arvores e te philtras rugindo pelas fendas das portas humildes, gretadas como o rosto do camponez inculto, pareces um gigante colerico, avido de destruição; és o poderoso senhor das selvas, cujo bramido faz calar o das feras que farejam a presa. Mas, quando gemes docemente, a modelar uma canção de esquecimento e pena, és como a noiva solitaria, abandonada, que solta em melodiosos queixumes o seu protesto de amor e deixa pender a cabeça como a flor que o frio cortante abateu!

Na noite solitaria, na floresta sombria, no parque aristocratico, no pequeno jardim que as madre-silvas e os jasmins aromatizam, os suspiros do vento, que trazem comsigo queixas e arrulhos, evocações e nostalgias, commovem o coração enamorado e confundem suas mágoas com o gemido de uma dor humana.

Acompanha com o seu hymno sonoro os pensamentos de gloria, acalenta com a sua voz em surdina os sonhos de amor, desafia com o seu golpear cyclopico as furias do mar embravecido, e compraz-se, como um gnomo travesso, em amedrontar a ingenua phantasia das creancinhas imitando os uivos do lobo ou o piar da coruja agoureira.

O teu [illegible] imponente bramir são companheiros [illegible] um jardim sem flore[illegible]

Palhaço, eu vi um dia no mar, um dia de tempestade por signal, um barco fundeado. Branco como tu, airoso como tu, com velas em bico como esse carrapicho que tens no alto da cabelleira. Balançava, jogava sobre as ondas em contorsões lamentaveis, como tu sobre o palco da tua pobre barraca. Emfim, as nuvens eram como essas bambolinas, o bramir do vento, o rugir das aguas, as linhas negras do barco pintado de branco, tudo isso tem comparação com o que te rodeia, pois tu proprio és um barco de riso num oceano de pó.

Palhaço, tu tens um throno, que é o teu palco. E's principe. Tens carro, és rei. Tens alegria, és imperador. E para contemplares o mundo do mais alto cimo da tua tres vezes régia soberania, tens o que todos os poetas quereriam ter, uma janella que é só para teu uso, o arco de papel que unicamente se abre quando tu o atravessas com o teu craneo de meia lua.

Palhaço, dos teus amores com a lua, só sabemos que a lua te ama. Quando nas noites de verão gesticulas na praça publica, a sua luz branqueia-te o rosto mais que a propria farinha que usas; é a sua luz que faz brilhar as tuas lantejoulas.

Palhaço, por tua cabelleira branca e teu gorro negro, quando és Pierrot, pelos guizos quando és Arlequim, por tua corcunda quando és Polichinello, pelos teus retumbantes beijos quando a tarça exige que ames, pelas tuas lagrimas que vão abrindo sulcos na mentira branca do rosto, pelos soluços que alegram a creançada, pelas deslocações e saltos mortaes, pelas tuas bofetadas homericas que são o melhor chiste da noite, no circo, porque vives errante como um peregrino, eminente co[illegible] prodigo de palavras, desperdiçador de [illegible] co e titereiro, e sabes o segre[illegible]

isso parecesse improvavel. Por outro lado seu rosto bronzeado e audacioso, os braços musculosos e tostados pelo sol, pareciam indicar uma vida ao ar livre como ella imaginava que y vessem os barqueiros. Era, realmente, para intrigar.

E o caso é que, nos dias que se seguiram, Eileen passava as horas de que podia dispôr á beira do rio, olhando anciosamente para cada barco, ou grupo de barcos que passavam para cima ou para baixo.

Rio de Janeiro, Iquique, Valparaiso e o Golden Horn!

Que nomes mysteriosos! Que musica estranha a desses nomes que faziam pensar em sonhos romanticos e incendiam a imaginação! E... fosse isso atrevido, reprehensivel, indigno de uma moça, ou não... Eileen fechava os olhos para se imaginar nos mares de verão a fluctuar num velho galeão hespanhol com o seu Apollo ao leme!

Bella phantasia para um dia de calor mas um pouco perigosa talvez. O que não diria a tia Mathilda só em ouvir fallar que a moça pensára uma coisa dessas? Mas, apezar da tia Mathilda não poder saber a extensão que o barqueiro occupava no coração da sobrinha, esta parecia inquieta.

* * *

Um dia chegou, inesperadamente, um convite das Needhams, para Eileen passar com ellas, uma semana, na sua casa perto de Oxford.

Eileen chegou á tardinha, sabendo desde logo que estavam lá outros hospedes, jovens como ella. Depois, de fazer a nova "toilette" foi para o jardim, num grande jardim á moda antiga, com ruas alinhadas com pés de alfenas, tão altos que nada se podia ver por cima delles.

Passeava por um desses caminhos, quando viu um rapaz vestido de flanella branca, entretido a arranjar um atacador do sapato, que se desprendera. Terminada essa tarefa elle ergueu o busto e os olhos de ambos se encontraram.

Deus do céo! exclamou Eileen. O capitão do "Lucy"!

E a senhorita a minha passageira! Mas o "Lucy"... onde está? inquiriu a moça.

Creio que de novo em Pangbourne, respondeu o rapaz. Posso dizer-lhe, agora, acrescentou elle á guiza de explicação, que eu não era o commandante do "Lucy". Pelo menos não era o seu commandante official. Mas, como eu conheço o dono desse e d outros barcos arranjei para fazer uma viagem, a experimentar.

— Quer dizer, então, que o senhor não "é" barqueiro, isto "é" não "é" capitão?..

— Não... Ainda não, pelo menos.

Antes delle exblicar essa resposta um pouco ambigua uma das Needhams explodiu entre os dois.

— Oh! Voces conhecem-se, perguntou ligeiramente surpreheudida.

Não muito, disse Eileen. Encontramo-nos uma vez por acaso.

Então, é melhor eu fazer a apresentação. Eileen este é meu primo, o commandante Dick Merrydew, R. N. Você Dick fica conhecendo Eileen Foster.

Alguns dias depois, no mesmo jardim, sentadas muito proximas, num recanto esquecido, duas pessoas conversavam.

E passaremos a nossa lua de miel em um barco, dizia Dick, que era elle. Posso arranjar um emprestado com facilidade.

Com o dono do Lucy? Oh! Dick, poser mesmo o "Lucy"!

Bella idéa!

E aonde iremos, Dick?

Elle respondeu sem hesitar:

Rio de Janeiro, Iquique, Valparaiso e Gonden Horn!

(Traduzido do inglez).

ROLF BENNETT.

...bello Cachimbo A...

Um drama na Cordilheira

O transandino tinha deixado Mendoza vagarosamente, por uma ampla estrada arborisada.

Deixando ás margens as casas de variados estylos, quintas, florestas muito verdes, começou o trem a tomar velocidade, atravessando intermiaveis vinhedos, penetrando em seguida na arida planicie pedregosa, manchada de dunas floridas.

Em pouco tempo principiou a subir audazmente os Andes, vendo-se em baixo as aguas opacas do rio Mendoza, que deslisavam serenamente.

Assim que deixou em rapida fuga Cachanta e Potresillos, começou a varejar tuneis. A paysagem torna-se imponente. O comboio se confundia com uma immensa e desolada cidade de pedra. Com solavancos nada tranquillisadores corria por entre rampas, beirando abysmos enormes e profundos, que tinham artisticas sombras em suas muralhas de granito verde, rosa, amarello, azul.

Quando chegou a Uspallata, achou-se num grandioso circulo cercado por immensos penhascos tão altos, que pareciam tocar as nuvens com suas cristas de formas caprichosas. A aridez da paysagem era desoladora. Mas essa serena desolação da cordilheira, com seus aspectos taciturnos e sua solemne tranquillidade, dava á paysagem uma tetrica belleza subjugadora.

E o trem continuava transpondo o seu caminho. A neve começava a apparecer adornando os negros cerros de largas estrias abrilhantadas pelo sol, lembrando uma immensa pelle de zebra.

A falta absoluta dessa vegetação que adorna os pontos povoados das cordilheiras europeas, o silencio sepulchral que reponsava no logar, negavam-lhe todo o aspecto risonho.

Mas a paysagem era soberba, imponente e deslumbrante.

Era magnifico o contraste entre as elevações escuras de contornos singulares e as nevadas que derramavam fios de agua que se iam juntar ao rio, em baixo. Assim, emquanto um enorme promontorio negro perfilava no espaço o riso sarcastico do rosto humano, — ao seu lado se levantava uma massa branca, dando idéa de um jogo de organs para alguma extranha cathedral, immensa. Em cima o céo estava azul e branco e nos pontos altos as combinações da luz deslumbravam.

Apezar da primavera estar apenas em começo a temperatura era agradavel.

Os viajantes que iam no trem se enthusiasmavam diante da soberana belleza do espectaculo. A unica pessoa indifferente era uma menina, airosa criatura de cinco annos, de tez pallida, sedosos cabellos castanhos e olhos intelligentes, cuja graça e harmonia de movimentos contrastavam com certos arrancos, bruscos delatores de uns nervos excessivamente femininos.

Viajava com seu pae. Estava bem vestida e com natural elegancia. Movia-se constantemente. Ficava em pé, dirigia aos homens olhares de mulher. Censurava constantemente Perico, um grande boneco que lhe fazia companhia, servindo de filho, de noivo, de marido, segundo o capricho de sua dona, personagem tão accommodaticio e humilde que conseguiu toda a sympathia da caprichosa menina.

Nada commoda era porem a posição que levava Perico, que tinha as pernas rigidas e um braço desarticulado por isso tombou de lado, sobre o banco.

A menina levantou-o solicitamente, abraçou-o, beijou-o, e resolveu contar-lhe uma historia, afim de suavisar as suas magoas.

Quando estava em meio a historia, reparou que o boneco tinha os olhos fechados, por que a mola havia sahido do logar, na occasião em que tombara.

Chamou-o, sacudiu-o, e como não conseguiu nada atirou-o indignada sobre o banco, encostando-se em seguida á janella do vagão, a resmungar:

— Mas que falta de attenção...

O transandino continuando a devorar distancias, mostrando aos viajantes encantadoras paysagens, vendo-se numa das margens da linha o abysmo, ao fundo do qual corria um rio, chegara á fronteira, entrando n'um extenso tunel.

Emquanto o tempo em que o trem varava os Andes, a menina, como que arrependida do que havia feito, tomou Perico nos braços, para que não se assustasse, por sua vez instinctivamente se encostou a seu pae.

Quando voltou a luz, surgiu diante dos viajantes, como uma phantastica creação dos magos do Oriente, um assombroso panorama.

A cordilheira parecia desfeita em bruscos macissos, formando abysmos espantosos, cataratas, torrentes, quebradas e mil supprendentes pavorosas que estavam como crystalisadas na perfeita transparencia daquelle ar puro.

O mais impressionante era o denso e alvo sudario de gelo que cobria toda a desolada magnificencia dessa terra trabalhada por titans.

Os viajantes estavam absortos na contemplação do imponente, grandioso, monumental e magico espectaculo, tão terrivel como a propria morte.

— Está gostando, nenem? — perguntou o senhor á menina.

— Não posso ver nada papae, por que Perico não para de se mover. Não vês?

— E's tu que não fica um momento socegada.

— E' elle, e elle!

Perico era paciente e resignado, pensava pouco, mas desta vez não deixou de comprehender que sua dona, enervada pela longa viagem, buscava reacções violentas á custa de sua dura pelle.

A menina, cada vez que o trem atravessava um tunel, retorcia o braço do boneco, dizendo-lhe:

— As mães castigam os filhos quando elles são caprichosos. Não sou eu tua mãe?... Responde..

E puxou o cordel para que Perico pronunciasse o doce nome.

Elle não respondeu..

— Diga mamãe, teimoso! — exclamou a menina indignada — Puxando o cordel cada vez com mais força, arrebentou-o.

O boneco cahiu no collo de sua dona, que não podendo resistir ao seu impulso, atirou-o pela janella do vagão.

Ainda poude vel-o rolar sobre a neve, cahindo depois debaixo das rodas do trem. Aneborrontada olhou para seu pae, que nada observara, por estar tranquillamente distrahido com a leitura de um jornal. Então pôz a cabeça fóra da janella do vagão e disse:

— Idiota!

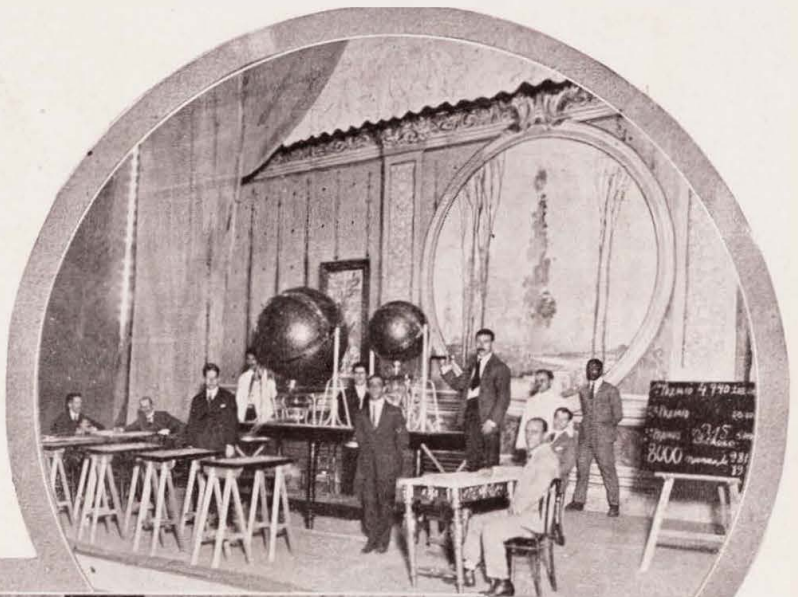
E o trem levou correndo a pequena viajante até os alegres e ferteis valles chilenos.

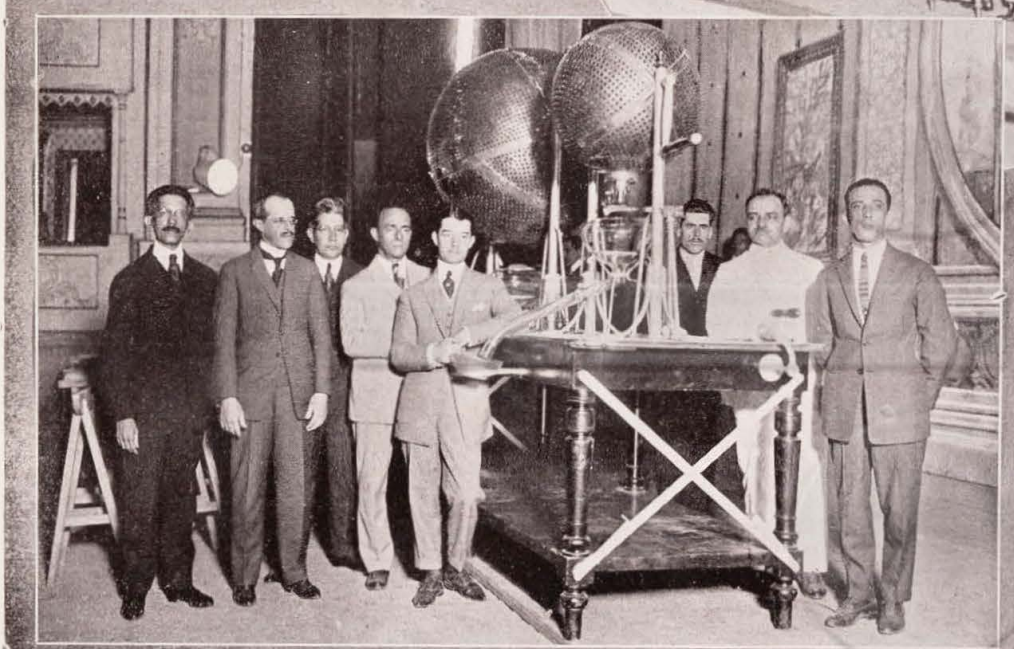
Carolina Adelia Alio

LOTERIA DA CRUZ VERMELHA

2.º Sorteio de 200:000$000

Realisado no dia 14 no Theatro Lyrico





O primeiro premio de 200 contos foi vendido em São Paulo de Muriahé:

o segundo de 20 contos em Pelotas:

o terceiro de 5 contos em São Paulo.

Em cima:

Durante o sorteio

No meio:

Funccionarios do Thesouro que procederam á extracção

Em baixo:

Um aspecto da assistencia

No dia 27 de Dezembro 1.000:000$000

JOGAM SO' 11.000 BILHETES

No Mundo Sportivo

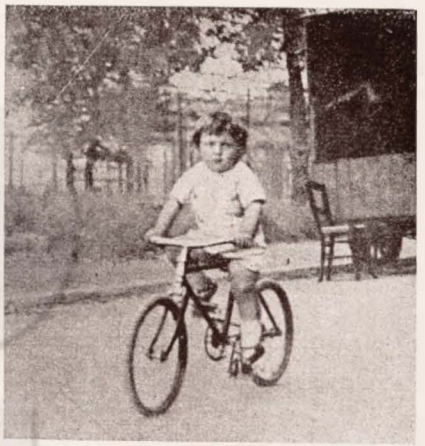
A MULHER E O SPORT

No Brasil a mulher, relativamente aos sports, está accorrentada a uma convenção, que presumimos mal orientada.

Nos torneios sportivos ella pode ser apenas espectadora e torcedora, mas não pode figurar como concorrente, rival, adversaria em luta com as suas antagonistas.

N'um paiz de clima tropical como o nosso, a mulher podia dedicar-se com vantagem sobre os outros paizes ao remo e natação, mais do que o tennis e equitação, sports estes tão preferidos pelo sexo fraco.

A natação, o principal dos exercicios physicos, onde se emprega unicamente o movimento com o minimo de força, fortalece o organismo, dando-lhe linhas e esculpturaes pelo seu movimento egual e uniforme, concorrendo assim para modular a plastica feminina de que o sexo fraco é tão cioso. O remo se bem que não tenha as mesmas qualidades que a natação, empregado moderadamente constitue um exercicio muito aconselhado. Entre nós alguns clubs de regatas contam em seu seio algumas sportwoomen, porem, infelizmente em numero muito reduzido. Ha tempos, um sportman que se occulta com o pseudonymo de Gilpo, tratando deste importante assumpto, em uma chronica, suggeriu a idéa de serem creadas, nas sociedades sportivas existentes no Brasil, secções especiaes para senhoras e senhoritas.



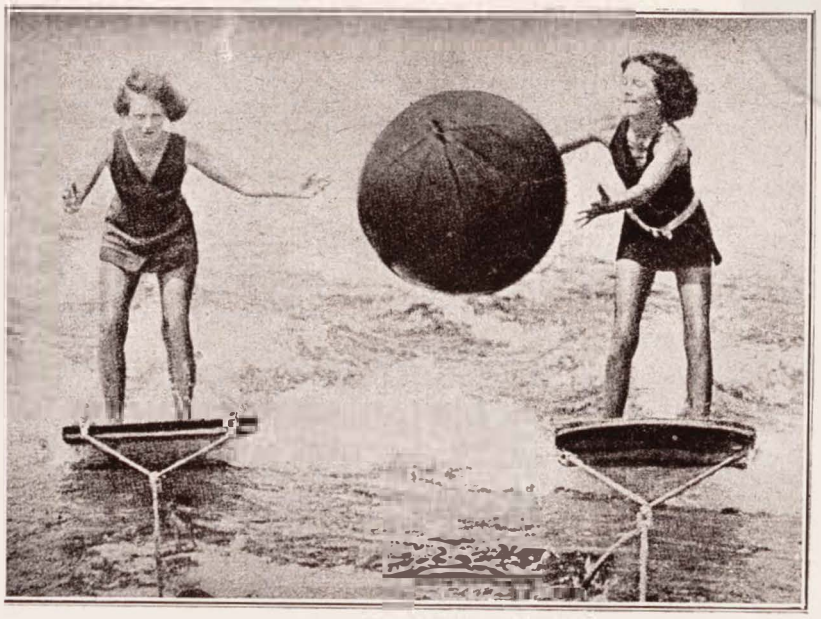
Um cyclista de 22 mezes

E' natural que uma pugna entre dois teams femininos, despertasse maior sensação do que o mais encarniçado match entre dois teams do sexo forte.

Dessa innovação só podem resultar vantagens consideraveis para o nosso elemento sportivo que teria desta fórma maior numero de socios, maior renda e prestariam inestimavel serviço á educação physica de nossas gentis patricias.

A victoria do feminismo nesse terreno só nos póde elevar no conceito geral das nações e os proveitos dahi resultantes para o sexo fragil serão incalculaveis sobre todos os pontos de vista.

A mulher não pode continuar a servir unicamente de expectadora.



Um novo sport: O pushing ball aquatico

Ultima creação em foot-ball

Os sportmen inglezes, fartos do classicismo do seu jogo predilecto, aquelle que crearam e todo mundo joga actualmente, com delirio e paixão, tentaram ultimamente o football em motocycleta.

O primeiro encontro, realisado no Christal Palace, em Londres, foi sensacional pelas

innumeras peripecias, correndo os que nelle tomaram parte grande risco, devido a velocidade, as evoluções da bola e as manobras rapidas que eram obrigados a fazer para guiar a machina, que em media corria 40 kilometros por hora.

Somente a notavel calma e o admiravel sangue frio dos inglezes, podiam concorrer para essa tentativa louca.

Apezar do tempo não estar muito seguro, a concorrencia de espectadores foi collossal, tendo sido o grupo vencedor acclamado delirantemente, e o "captain" levado em triumpho até a séde do club.

Nada é impossivel na terra...

Frank Kramer, o grande campeão cyclista, tocando em um apparelho montado no transatlantico que o conduziu á America.

SPORTS DE INVERNO

Na proxima estação invernosa, os sports de neve e gelo, em França, promettem grande animação.

O programma organisado pelo Officio de Turismo do Governo Francez é para os apologistas desses curiosos sports bastante tentador.

Haverá toda a especie de sports de inverno em Alta Saboia, no centro das florestas do Isére, em Aix-les-Bains, nos Alpes Maritimos, na Alta Garoma, nos Pyrineos Orientaes, no centro das altas planicies de Jura, no centro dos campos de batalha dos Vosges e em outros pontos elevados.

Tomarão parte aos torneios varios campeonatos internacionaes.

REGATA DA LIGA DOS SPORTS DA MARINHA

VENCEDOR DO CAMPEONATO DA PRIMEIRA DIVISÃO

VALESKA SURATT — DA "FOX FILM"

MARION DAVIES

As bellezas do Cinema

Marion Davies é das poucas actrizes que entraram para o cinema pela sua belleza, e nelle se têm conservado. Não nos lembra agora que poeta disse, um dia, não haver mulher feia na verdadeira accepção da palavra, pois que ha sempre, em cada filha de Eva, alguma coisa de irresistivel, de encantador, de mysterioso... Olhemos Marion. A bellissima estatua de carne parece respirar a frialdade do marmore. A mais doirada das illusões da mulher — o amor — talvez não lhe tenha feito ainda palpitar o seio, aos impulsos sabe Deus de quantos pensamentos bellos, mas, certo, no dia em que amar, ha de amar muito, ha de amar com verdadeiro amor, com esse amor que só vem uma vez e não morre nunca.

A lampada maravilhosa do cinema, no seu ron-ron insipido e monotono tem esse condão, o de nos mostrar, como expoente da arte das imagens, que a belleza da mulher é infinita, pela graça, pela elegancia e pela formosura. Admiremos, pois, em Marion Davies, esses tres dons, e compadeçamo-nos dos homens que a amam e têm amado, através da branca tela da projecção, onde ella passa a pisar corações e a esmagar sonhos...

Os Monstros...

Não queremos discutir se o typo existe na vida real, isto é, na realidade. Cinematographicamente, existiu e com boa acceitação da parte do publico. Felizmente, seu reinado foi curto, e hoje ninguem mais fala em Theda Bara e Louise Glaum, os dous typos da chamada mulher-vampiro, que no genero mais voga tiveram. Triumpharam pela novidade, melhor falando pela curiosidade das platéas, indistinctamente de homens e senhoras, A sua funcção de separar matrimonios, creando máguas e dores, deixando á sua passagem um caudal de amarguras, o estranho poder de fascinação para arrastar as victimas até se queimarem na sua chamma perversa, não sobreviveram. Tudo isso se espumou no horizonte do aborrecimento, e, hoje a Theda e a Glaum, não são sequer uma recordação. Eclypsaram-se com a sua obra!

THEDA BARA

AS NOIVAS DO CINEMA

A QUE TEM NOIVO

Parece uma princezinha doce Bella até ao incrivel. Imponente até ao inimaginavel.

Ao entrar sosinha na sala do cinema, os rapazes experimentam grata sensação e "cochicham", quasi em silencio, admirando-lhe a belleza e o porte. Os velhos sorriem maliciosamente. Uns e outros invejam talvez o noivo.

Este, é um mocinho sympathico mas sem nada de bonito. Que sorte a delle... Aliás, não se deve dizer sorte porque não é preciso ser bello para ter bello coração.

Ella, sentada, na sua poltrona, espera anciosa que as trevas da sala se façam... Agora... Apagaram-se todas as lampadas. Silencio. Sombras amaveis e boas envolvem tudo... Mas, por que está inquieta a bella princezinha? Não ha mais luz... Só trevas!... silencio!... O que quer ella mais?! E' que "elle" tarda... Eil-o, porém, que chega. Senta-se na cadeira ao lado, um leve aperto de mãos, rapidas palavras ditas ao rosado ouvido della e nada mais precisa para convencer a bella noiva de que o film não vale nada, e que nem deve olhar para a tela...

Linda a menina que tem noivo! Parece uma princezinha doce... Bella até ao incrivel! Imponente até ao inimaginavel...

A QUE JULGA TER NOIVO

Não é feia porque é vistosa. Tem o cabello doirado, a cutis como o jasmim, os labios ligeiramente pallidos, olheiras escuras, olhos muito azues. Julga que tem noivo, e está enganada.

Nunca vem só. Sempre com elle, e de braço dado.

Elle deve ter vinte annos. E' mais que sympathico, é bello. Feições correctas, distincção incomparavel. Quando o vê, ella enlouquece... Sente-se encantada, falando-lhe, porque é o seu noivo, mas... está enganada.

As amiguinhas invejam-n'a, e contam-lhe aventuras de que elle foi o heroe. Asseguram mesmo que já uma mulher se matou por elle, pela sua indifferença. Como não o amar, então? Como não o adorar, endeusal-o se elle tem tido tantas noivas?

Por isso mesmo, a menina que julga ter noivo está equivocada. Não tem noivo nesse rapaz hello, audaz e apaixonado, mas o amante indifferente e marvado, o que é uma lastima porque ella não é feia. Oh! Não virá longe o dia em que os seus olhos muito azues hão de deixar correr lagrimas de arrependimento por enlouquecer, agora, quando o vê, e se sentir encantada quando lhe fala, porque... vive enganada!

A QUE QUER TER NOIVO

Frequenta o cinema, sósinha sempre. Pobresinha! E' feia até ao risivel. Olhos pequenos, diminutos. Labios grossos. Bôca grande, dentes mal alinhados; disformes. Feia, em summa. Feiissima. Adivinha-se-lhe, entretanto, bondade de alma espirito sublime!

Nunca teve noivo! Quem vae querer a pobresinha? Fogem della, riem-se-lhe na cara!

Mãos!

Em troca, o seu coraçãozinho está sedento de amor, seus ouvidos anciosos de palavras de amor, seus labios avidos de beijos de amor!

Os rapazes não olham para ella. Passa deante delles como se nada fosse. Nem um olhar, um dito, um gesto... Nada!

No cinema, procura sentar-se junto "áquella que tem noivo", e póde, então, sonhar á vontade. Faz todo o possivel por ouvir o que o galanteador diz á noiva. Applica, o que elle diz, em si propria e intimamente, em silencio, pode amar. Pobre da mocinha que quer ter noivo! Ninguem a ama, e o seu coraçãozinho está sedento de amor! Os seus ouvidos anciosos de palavras de amor, os seus labios avidos de beijos de amor!

Lucifer.

— Que lindo vestido, hein?! — Não sei. Eu d'aqui só vejo uma saia.

Um contratempo imprevisto

O Thesouro

Da FOX

ELENCO:

Grant Malvern	Tom Mix
Helen Durant	Claire Adams
Fabian	Donald McDonald
Martinez	Hector Sarno
Sun Yat	Edward Peil

Dirigindo-se para o seu rancho á beira do deserto de Arizona, succedeu a Grant Malvern ter de acudir a um scientista de nome Quentin Durant, que estava sendo atacado por tres homens perto das ruinas em que costumavam abrigar-se os montanhezes. Mortalmente ferido, Durant teve tempo de confiar a Malvern aquillo que déra causa á briga, os papeis referentes ao logar em que existia certa mina, acompanhando os de um anel com uma inscripção secreta.

O grupo dos assaltantes não se conformou com a derrota, e quando Malvern, em São Francisco, se dispunha a cumprir sua missão, entregando a Helen Durant os papeis e o anel, viu-se aggredido pelos adversarios do scientista que lhe arrebataram os documentos.

Mortalmente ferido Durant confia a Malvern seu segredo

Trez bons amigos

A joia, porém, escapára, vindo Malvern a saber que Helen devia trazer no dedo um egual, servindo a apresentação do que usava seu pae para identificar o portador delle. Ora, a surra applicada em Malvern tivera por epilogo jogarem n'o ao mar donde foi salvo por um naviosinho á tôa que o carregou para a China, seu ponto de destino.

Entretanto, Fabian, chefe do bando assaltante, apresentava-se a Helena, como se fosse Malvern, tendo no dedo um anel identico ao que devia servir de senha entre pae e filha. A moça acreditou-o, julgando haver elle sido incumbido pelo finado para lhe servir de auxilio na procura do oiro e deixou-se conduzir pelo bando. Regressára, então Malvern e sabendo que Helen

Fatal

FILM

"Red" Pollock	George Seigmann
Quentin Durant	Tom S. Guise
Commodore Simpson	Edward Jobson
Miss Higgins	Ethel Wales
Mrs. Malvern	Minna Ferry Redman
Camera Man	Dan Clark

Malvern enjoa

No Café da Lanterna amarella Malvern desfaz-se de seus adversarios

a plaine e pulando desde logo para o cavallo que o esperava, emprehende a fuga pelo deserto fóra. Mas Malvern corre tambem. Não o deixa, não quer abandonar a presa. A certa altura consegue alcançal-o e de um salto joga-se-lhe para cima fazendo-o cahir da montada, e apoderando-se-lhe do sacco de oiro.

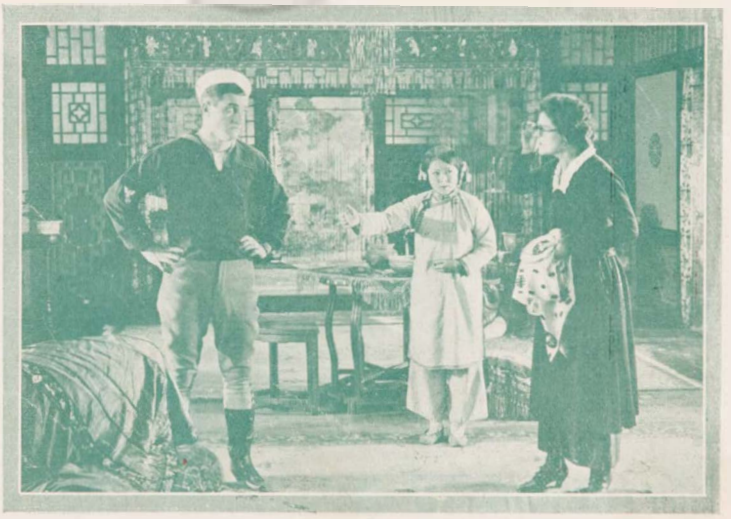
O resto adivinha-se...

Chegado como todos os paizes, o fugitivo corre desorientado pelas ardidas areias afóra, e Malvern volta para pôr no dedo de Helen, o anel, ao lado do que ali brilhava, ouvindo da parte della o convite de ser socio na propriedade da mina — tornando se parte tambem da sociedade da vida de Helen, logo a seguir.

estava prisioneira dos seus inimigos, no Café da Lanterna Amarella, para ali se dirigiu acabando por ter a mesma sorte da moça.

Por fim, conseguiram os dois, ajudados pela tripulação do barco que recolhera o rapaz no mar, escapar da prisão, num hiate ligeiro intentam a caça dos patifes. Estes, porém, levam-lhes dianteira e dirigem-se a toda pressa para o logar da mina em Arizona.

A luta que se trava entre os dois grupos é enorme. Os do bando dos ladrões vêem-se perdidos. O oiro, que já carregavam, de novo lhes vae ser tomado, sem duvida, e ha o desespero da fuga. O chefe do bando com um sacco às costas corre ligeiro e alcança



Malvern procura Helen

A BELLEZA E' DOM SUPREMO

...e quando a belleza do rosto está ameaçada pela imperfeição da cutis — sardas, espinhas, manchas, cravos, vermelhidões, empigens, asperezas, queimaduras pela acção do sol ou do vento — é dever de toda a mulher que deseja conservar um rosto attrahente, dar á cutis os cuidados hygienicos necessarios, devolvendo-lhe a perdida louçania, uniformidade e belleza

"POLLAH" — o creme que representa tudo o que a sciencia dermatologica encontrou de mais PRECIOSO para a cutis — evitará e corrigirá todas as imperfeições d'ella, aformoseando o rosto e conservando a frescura da juventude. **"POLLAH"** não contém gordura — é o creme indispensavel, tanto para a cura das imperfeições da cutis, como para branquear e adherir o pó de arroz.

Para effectivo emprego do Creme POLLAH, enviamos gratuitamente a quem nos enviar o "coupon", o livrinho A' ARTE DA BELLEZA, nelle se encontram todos os conselhos para a hygiene e embellezamento da cutis e cabellos. A' VENDA NAS PRINCIPAES PERFUMARIAS DO BRASIL.

Corte este "coupon" e remetta aos Srs. Repres. da American Beauty Academy — Rua 1º de Março, 141 — Rio de Janeiro — "FROU-FROU..."

Nome _____ *Cidade* _____

Rua _____ *Estado* _____

Sua Magestade a Moda

As ultimas Novidades

S. Magestade a Moda, com a notavel e a constante preoccupação de elegancia, a que o bom gosto não é de modo algum estranho, tomou uma nova orientação.

Isso unicamente para satisfazer a mulher moderna, que é inteiramente rafinée *e tem educação artistica que lhe permitte distinguir o desiquilibrio intencional que possa haver no centro do Bello, do desiquilibrio proveniente dum desejo de imitação do moderno, que nunca consegue mais do que marcar pelo ridiculo. Com raras excepções, as mulheres até aos ultimos tempos teem-se limitado, em materia de modas, a copiar os figurinos, não conseguindo, por isso, parecer mais do que manequins animados.*

E' necessario que a mulher tenha a sua psycologia propria e que ponha um pouco do seu espirito na escolha do vestuario para que não seja, apenas a escrava dessa deusa gentil e despotica que tem o nome de moda.

A proxima estação trará, ás elegantes novos modelos de tecidos e de guarnições

Segundo os ultimos figurinos o tailleur *ainda não perdeu o seu logar de grande senhor da elegancia, emquanto que o* robe-manteau *soffrerá sensiveis modificações.*

Uma das ultimas creações mais commodas e interessantes é sem duvida, o vestido abaixo. Compõe-se d'um casaco comprido que, quando o calor aperta ou se pretende variar basta ser aberto para ficar um lindo vestido inteiro.

Parece que a moda aboliu o uso dos chapeus grandes. As melhores revistas do genero, mostram-nos as toques *e as* cloche *como sendo o mais moderno.*

Um fabricante parisiense apresentou um modelo de luvas que despertou enthusiasmo pela originalidade. São de pellica branca e teem bordada uma pequena pan'era.

Alguns espirituosos affirmam maliciosamente que este ultimo adorno é o mais proprio para as mulheres, que teem qualquer cousa de fera...

"SAUDAÇÃO A PRIMAVERA"

Chale em Batik, creação de Mme. PANGON - Paris

ROBE DE DINER da S.te Blanche Lebouvier — Marie Louise D.ce — PARIS

ROBE et CAPE DU SOIR, creação de PHILIPPE et GASTON — PARIS

MODA INFANTIL — Creações da casa AGNÈS — PARIS

Os "Lacets"

Usam-se vestidos de rendas feita de "lacets" de seda, dispostos em motivos harmoniosos. Estas rendas, muito altas, são de côr. O "tête de nègre" dá resultados de grande belleza. Pregadas em transparencia sobre um fundo claro são encantadoras.

Já o "lace" de seda, diz uma chronista franceza, é admirado em toda a parte. Os vestidos de chás, de jantares, até de bailes adoptaram-n'o já. Mas é sobretudo nas corridas, accrescenta a jornalista, que o vemos triumphar. Será empregado não só para o vestido mas tambem para o casaco, a "écharpe" e o chapeu.

E' um adorno feminino por excellencia e possue a vantagem muito apreciada das mulheres — ainda as mais elegantes — de ser extremamente solido. Emfim, esta renda nova tem o merito de ser inédita. E' uma guarnição muito original, que lembra um pouco um tecido e pode ser empregado por qualquer maneira.

Os vestidos que a empregam não têm necessidade de outro adorno, porque basta lançar uma tunica pouco ampla sobre um fundo de setim para obter uma "toilette" encantadora.

Ornamentos do calçado

No calçado feminino a novidade está no ornamento, no qual se verifica arte e imaginação.

As parisienses elegantes que no boulevard dão a nota chic, apresentando ao mundo a moda, a suprema arte da belleza, resolveram andar ultimamente de sapatos ornados de ramos esmaltados, circulados de um grupo de rubis, que tem ao centro um grande rubi representando uma cereja, emergindo de folhas compostas de brilhantes.

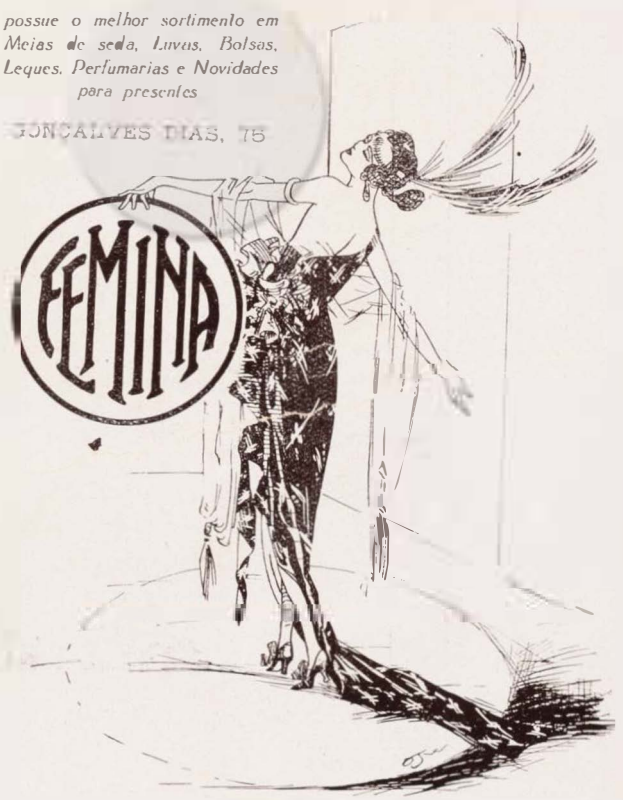
No fulgor tentador das pedras ha o que axe seja de maravilha.

Outras decorações invulgares e curiosas para o calçado de setim preto para baile, são beija-flôres compostos de pedras verdes e vermelhas com a cauda de penas condizentes e borboletas de tule com duas unicas pedras, brilhantes ou saphiras, nas azas.

"FEMINA"

possue o melhor sortimento em Meias de seda, Luvas, Bolsas, Leques, Perfumarias e Novidades para presentes

GONÇALVES DIAS, 75



MODELOS DE PARIS PARA CHAPEUS

SALOME, creação de BERENGÈRE

PAPILLON D'OR, creação de BERENGÈRE

LE RUBAN SUR LES CHAPEAUX

CREAÇAO DE GERMAINE

CREAÇAO DE LEWIS

CREAÇÃO DE LUCIE HAMAR

O JOVEN FAUNO

Era uma vez um duque, o duque de Tesea, que passeava com a bella Hyppolita, rainha das Amazonas, por um bosque nos arredores de Athenas. De repente, aos olhos extasiados de ambos, surgiu, sob a ramaria de plantas que á beira de agua cresciam, um joven fauno a fazer cocegas com uma haste perfumosa no rosto macarado de uma nimpha adormecida sobre o verde musgo.

— Para que fará o pequeno fauno caricias de tal modo no rosto da nimpha adormecida? exclamou o duque.

— Sem duvida, disse a rainha, para que ella desperte e lhe fale de amor.

Mas a nympha não despertava. O fauno, então, formou com as duas mãos uma especie de açafate, encheu-as de flores do bosque e deixou-as cair levemente, como chuva perfumada, sobre o peito da linda adormecida. Num gesto, indolente e fatigado, a nimpha afastou do peito as petalas das sylvestres flores.

O fauno insistiu. Saltou e bailou ao redor della, quebrando ramos, fez o barulho de uma manada de lobos em luta sobre folhas e ramos seccos, mas a nimpha dormia sempre. Apenas seu peito, de marmore pallido, arquejava como onda de alvissimo leite.

O fauno gritou, cantou, imitou as vozes dos animaes ferozes, dos passaros que brigam, que cantam, que brincam, que choram nos bosque perto de Athenas. Teve rugidos de leão, soluços de pomba. A nimpha, porém, não o sentiu. Continuou dormindo como a flor de lyrio em meio da neve.

O pequeno fauno, ahi, não se conteve. Caiu num pranto de enternecer as pedras.

O duque de Tesea, compadecido do semi-deus menino, empunhou na destra a sua reluzente espada que tantas vezes resoou, faiscante, em mil combates. Atacou com ella as pedras dos rochedos, fazendo estremecer todo o bosque de Athenas. Semelhava a epica luta de heroes e deuses e o eco corria, de quebrada em quebrada, como o derradeiro grito de um guerreiro vencido. Mas as palpebras da dormente continuavam cerradas como as de uma estatua cahida sobre a verde relva.

— E' que não comprehendem! murmurou a rainha.

E, approximando-se do duque de Tesea, beijou-o na bôca longamente, ardentemente.

Ao rumor do beijo, a nimpha despertou, enlaçou nos braços o joven fauno e um beijo, ardente e humido, fez estremecer o semi deus menino e todo o bosque de Athenas.

FOGÕES A GAZ ALLEMÃES

da afamada Fabrica

Junker & Ruh, Karlsruhe

Fogões "OTTO"

Unicos Depositarios: OTTO SCHUBACK & C.

Esmaltado de branco, ferragens nickeladas, solidas, elegantes.

Queimadores patenteados — Grande economia no consumo

Unica casa que tem todos os sobresalentes e pessoal habilitado para lidar com os fogões

Vende-se a dinheiro e a prestações.

Exposição permanente á Rua Theophilo Ottoni, 95 — Tel. N. 6773

Fogões de mesa de 1, 2, 3 e 4 boccas com fornos á parte

SANITOL O Sabonete Preferido para o banho e toilette

ALBUM FAMILIAR

O Pó de arroz

A escolha do pó de arroz, á primeira vista, parece não apresentar grandes difficuldades ás senhoras.

Entretanto, muitas que usam pó de arroz, tornam-se feias, simplesmente por ignorancia. Algumas ha que ficam mascaradas.

E' evidente que á loura e á trigueira não convem o mesmo pó; afim de realçar bellezas tão diversas a sua côr deve ser perfeitamente differente; mas, entre esses dous extremos ha uma infinidade de cambiantes de que é necessario fazer um estudo minucioso para se chegar a concluir qual a sombra mais propria á côr do cabello, dos olhos e da epiderme de cada uma.

Exposta á intensa luz do sol só uma tez de grande alvura pode supportar o pó de arroz completamente branco, comtudo, á luz artificial, fica bem em todas as pelles, menos ás de um trigueiro pronunciado, especialmente no pescoço, collo e braços.

As trigueiras de cabellos e olhos pretos devem usar uma cambiante creme carregado, emquanto que as de cabellos e olhos castanhos necessitam de uma côr mais clara.

O pó de arroz levemente rosado assenta admiravelmente na mulher sem typo definido.

Ha duas especies de trigueiro: o pallido, azeitonado, transparente, sem qualquer vestigio de côr nas faces e o moreno ligeiramente rosado.

Para o primeiro aconselha-se o créme carregado, para o segundo a côr de carne

As senhoras córadas e com tendencia a ruborisarem-se, devem evitar rigorosamente todo o pó rosa, desde o mais vivo até ao mais pallido, porque em taes casos, o rosto toma um horrivel aspecto de mascarada.

O pó ocre é adequado ás pessoas trigueiras e excellente para se empregar nas praias e no campo, visto proteger a pelle e impedil-a de ficar lustrosa, que é um crime de lesa esthetica.

Para as horas vagas

Quatro lindos modelos de almofadas que as nossas gentis leitoras poderão confeccionar sem grande trabalho e dispendio

Os cabellos

Uma cabelleira vaporosa e brilhante é um dos multiplos encantos de uma mulher, e saber conserval-a deve ser por isso um dos grandes cuidados do sexo fraco.

Offerecemos duas formulas que muito bem podem ser experimentadas para a lavagem dos cabellos e fricções do couro cabelludo:

Enxofre precipitado, 10 grs. Agua destillada, 50 grs., Alcool a 95°, 10 grs., Agua de rosas, 50 grs.

Com uma dessas fricções diarias, massagem do couro cabelludo, banho de sol e repouso, o cabello readquire todo o seu vigor. Se este processo tornar os cabellos lisos e grossos, é facil ondeal-os e annelal-os com a seguinte formula: Gomma arabica, 100 grs., Agua de rosas, 400 grs.

Os cabellos devem ser de preferencia pentcados ou escovados para traz e não para a frente.

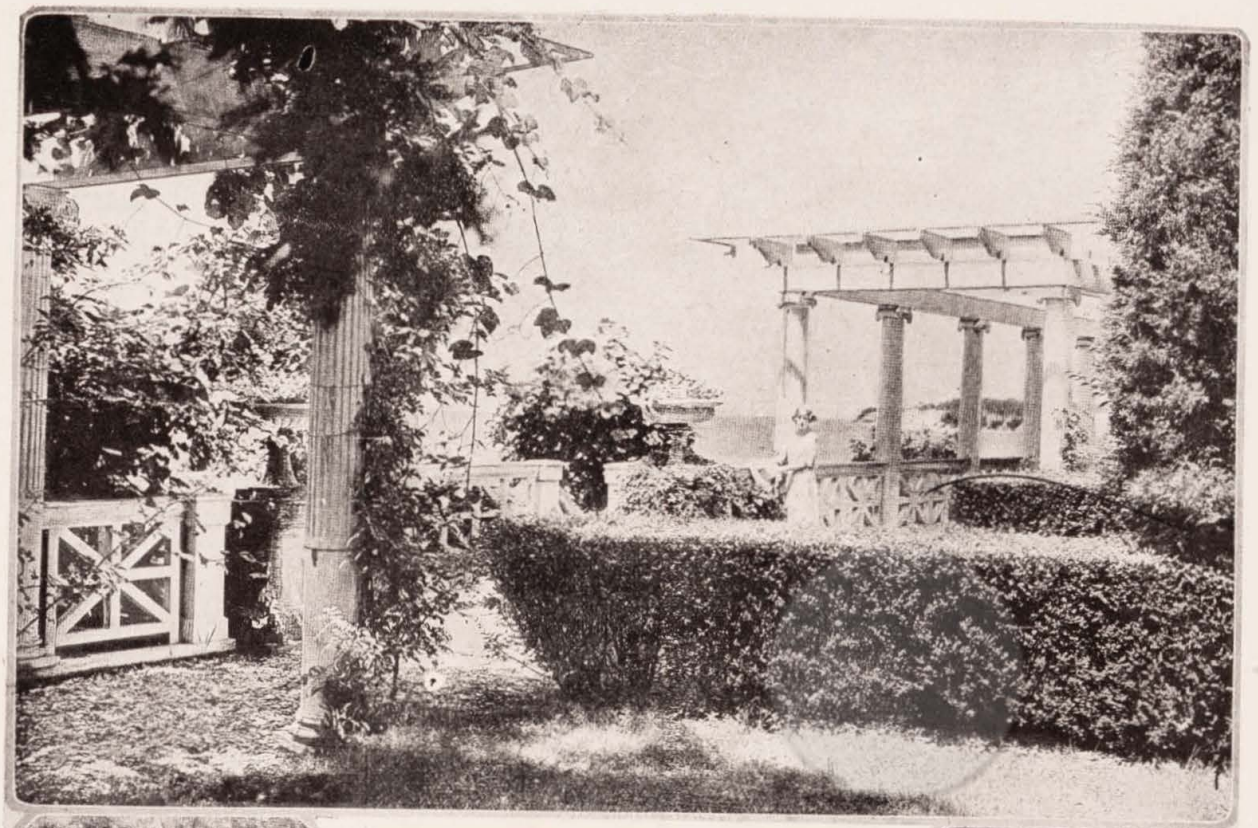
Ao deitar-se convem fazer duas tranças. O ferro de frisar é sempre prejudicial. Se os cabellos continuarem a cahir depois de tudo isso .. é porque então a saude não é boa.

Loção para frisar o cabello

	grs.
Agua de rosas	250
Alcool ..	42
Glycerina	7

Na mulher uma cousa: A belleza

E' sabido e nós iá o dissemos que Lucia, da comedia franceza evoluiu no palco pela sua belleza epidermica, Olga Salam, dansarina, da mesma maneira chegou ao auge da Gloria e a popularissima Pola Negri, não só pela sua especial maneira de representar, mas pela sua belleza se tornou o idolo da scena muda. E assim apreciamos oue a todo momento em se fallando da mulher resalta logo a imagem de uma Venus em belleza! Sem duvida, é este predicado a arma com que toda mulher desfere o golpe de victoria sobre o homem. Curioso é dizer, e o fazemos a bem das leitoras, que tanto Lucia como Olga e Pola Negri adquiriram a belleza usando o crême de cêra purificado da Soc. Frank Lloyd.

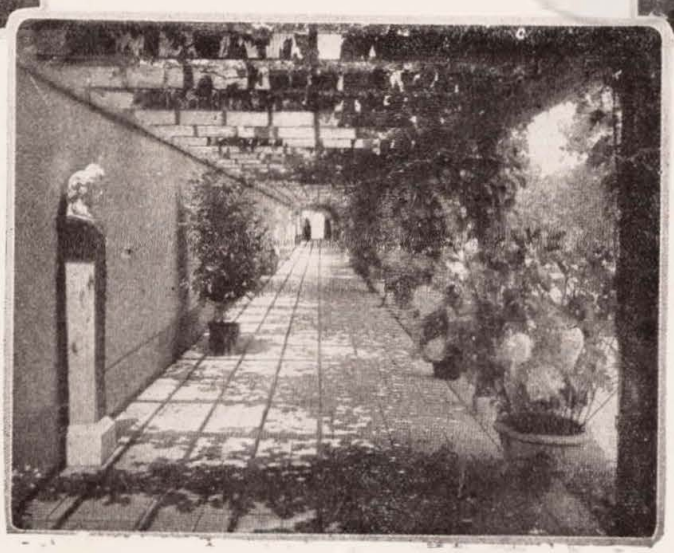


Uma balaustrada coberta de vidro que tem como scenario o mar! Quem não evocará em seguida recordações da antiga Grecia? E para completar a illusão, as columnas jonicas dão uma nota classica ao jardim de uma casa construida de accordo com o estylo grego.

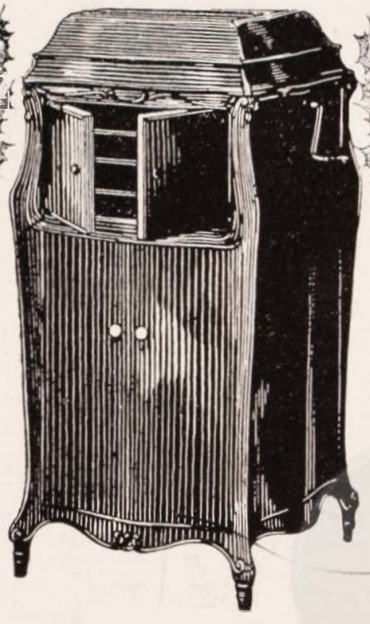
A ARTE NO JARDIM

A importancia da balaustrada na architectura de paisagens

Terraço ladrilhado com cobertura de vidro sustentada por artisticas balaustradas, vendo-se no chão deliciosas silhuetas traçadas pela sombra da folhagem



Uma das missões da balaustrada é realçar a belleza dos jardins, como se verifica nas gravuras



O presente d'uma

VICTROLA

é um presente para TODA A FAMILIA. Todos encontrarão n'ella algo que enternega o coração, tempere o sentimento e fortaleça o espirito.

Para os adolescentes proporcionará constante deleite, ao mesmo tempo em que os introduzirá em todas as manifestações da arte musical.

Para os outros, os mais velhos, quando chegarem a casa, cançados das labutas diarias, a Victrola estará prompta para distrahil-os e refrescar as suas mentes fatigadas.

Permitta, pois, que a sua familia tenha um Natal como nunca d'antes. Dê-lhe algo cujo valor perdure e seja sempre uma fonte inesgotavel de satisfação.

Temos modelos os mais variados ao alcance de todas as bolsas.

ESCOLHA HOJE MESMO A SUA VITROLA!

UNICOS DISTRIBUIDORES

PAUL J. CHRISTOPH Co.

99, Rua do Ouvidor
RIO DE JANEIRO

45, Rua São Bento
SÃO PAULO

"HIS MASTER'S VOICE"

JOIAS ANTIGAS — O estatuario

Arranca o estatuario uma pedra dessas montanhas, tosca, bruta, dura, informe, e depois que desbastou o mais grosso toma o maço, o cinzel na mão, e começa a formar um homem. Primeiro, membro a membro, e depois feição por feição até á mais miuda: ondeia-lhe os cabellos, alisa-lhe a bôca, avulta-lhe as faces, torneja-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos. Aqui desprega, ali enruga, acolá recama, e fica um homem perfeito e talvez um santo que se possa pôr no altar. — *Padre Antonio Vieira.*

A JAZZ-BAND

Parece que a "jazz" essa musica tão disparatada, que todos nós conhecemos, tem, entre outras, a virtude de enfurecer os animaes.

E' pelo menos o que affirmam respeitaveis homens de sciencia da Universidade de Colombia, professores do Museu Americano de Historia Natural, que fizeram experiencias a respeito no porque zoologico de Nova York.

As provas começaram com um "fox trot" executado na gaiola dos macacos. Foi medonho o alarido desses intelligentes quadrumanos. Enfurecidos, sacudiam furiosamente as barras de ferro da prisão, e alguns mostravam tal desespero que quasi arrancavam lagrimas aos espectadores.

Os leões, esses, quando a "jazz-band" começou a tocar para elles, deram saltos formidaveis, de juba eriçada, com evidente intenção de destroçarem os musicos se o pudessem fazer.

Os hipopotamos, logo aos primeiros compassos de um "one step" mergulharam no tanque em que ali vivem e só voltaram á tona de agua quando a "banda" se afastou.

ELIXIR
DE
INHAME
DEPURA - FORTALECE - ENGORDA
TÃO SABOROSO COMO QUALQUER LICOR DE MESA

PO DE ARROZ
MEU CORAÇÃO
O MAIS ADHERENTE E DE PERFUME MUITO AGRADAVEL
-- Producto da Comp. de Perfumarias Beija-Flor --

PREÇO: Caixa grande.. 2$500
„ pequena $500

Á venda em todo o Brasil
PERFUMARIA LOPES
Praça Tiradentes Ns. 36 e 38 e rua Uruguayana N. 44 RIO
J. LOPES & Cia.
Grandes exportadores de perfumarias nacionaes e estrangeiras.

Loção MEU CORAÇÃO -- Superior ás melhores

A Historia de MANON LESCAUT

Do ABBADE PRÉVOST

(Continuação)

Julguei que não seria impossivel occultar esta perda a Manon, e que pela industria, ou a favor do acaso, poderia prover ás nossas necessidades, sem que ella de modo algum sentisse a menor falta.

— Contei, dizia commigo mesmo para me consolar, que vinte mil escudos nos bastariam durante dez annos. Suppunhamos que os dez annos estão decorridos, e que nenhuma das mudanças que eu esperava na minha familia tem acontecido. Que partido tomaria? — Não sei, mas o que faria então quem m'o impede de fazel-o agora? Quantas pessoas vivem em Paris, que não teem nem a minha instrucção nem as minhas qualidades naturaes, e que no emtanto devem a ellas o seu modo de vida?!...

A Providencia, ajuntei ainda reflexionando, nos differentes estados da vida, não dispoz tudo tão sabiamente? A maior parte dos grandes e dos ricos não passam de um nescios. Isto é claro para quem conhece o mundo alguma cousa. Ora nesta distribuição ha uma justiça admiravel. Se juntassem o talento á riqueza seriam demasiadamente felizes, e o resto dos homens demasiadamente miseraveis. As qualidades corporaes e espirituaes são concedidas a estes para se tirarem da miseria e da pobreza. Uns teem parte na riqueza dos grandes servindo de instrumento aos seus prazeres, outros servem para instruil-os, procuram fazer delles alguma cousa, o que na verdade é bem raro conseguirem-n'o, mas não é esse o fim da sabedoria Divina: terão sempre um fructo dos seus trabalhos, tal qual o de viverem á custa daquelles a quem instruem; e de qualquer modo que se tomem os homens, sempre acharemos um excellente rendimento para os pequenos na toleima e ignorancia dos ricos e dos grandes.

Estas considerações acalmaram-me alguma cousa. Resolvi primeiro ir consultar Lescaut, o irmão de Manon, que conhecia perfeitamente Paris e de quem tive bastantes occasiões de observar que o seu dinheiro não provinha nem dos seus bens nem tão pouco da paga do rei. Apenas me restavam vinte pistolas que milagrosamente tinha mettido na algibeira. Mostrei-lhe o estado das minhas finanças e os meus receios, pedindo-lhe ao mesmo tempo me aconselhasse se haveria para mim um partido a escolher, entre o de morrer á fome ou de fazer saltar os miolos de desespero. Respondeu-me que o suicidio era o recurso dos tolos; e que quanto a morrer de fome só quem assim o querla assim o tinha; que estava na minha mão o examinar de que seria eu capaz, e que em todo o caso contasse com o seu auxilio e conselhos em todas as minhas emprezas e tentativas.

— Isso na verdade é bem vago, senhor Lescaut, respondi eu: a minha situação pede remedio mais prompto e energico; pois que quer que eu diga a Manon?

— A proposito de Manon, o que é que lhe causa tanto receio? Não tem na belleza e figura da minha irmã um meio de pôr termo a todos os receios, no momento em que assim o quizer?

Uma rapariga, com aquella cara, com aquelle todo, emfim como ella, deveria sustentar-se a si, a mim e ao senhor.

Lescaut cortou-me a resposta que tanta impertinencia e infamia mereciam para continuar, dizendo-me, que antes da noite me garantia mil escudos a partilhar entre ambos, se eu quizesse seguir um conselho; que elle conhecia um homem tão liberal no capitulo dos prazeres, que estava bem certo que nada lhe custaria a dar os mil escudos para obter os favores de uma mulher como Manon.

Fiquei abysmado.

— Tinha-o em melhor opinião, respondi-lhe eu: parecia-me que o motivo que o senhor tinha tido para me "honrar" com sua amisade, era um sentimento totalmente opposto áquelle que agora patenteia.

Confessou-me impudentemente, que sempre tinha pensado do mesmo modo, e que sua irmã, tendo uma vez violado as leis de seu sexo, não obstante havel-o feito com o homem que mais amava, não se tinha comtudo reconciliado com ella senão na firme esperança de tirar partido da sua má conducta.

Só então é que pude julgar que ambos haviamos sido embaçados pelo Senhor Lescaut.

Por muito má impressão e profundo desgosto que taes palavras me causassem, a immediata necessidade que eu tinha do seu auxilio forçou-me a responder, rindo-me, que um tal conselho era o ultimo meio a empregar, meio de que nunca usaria, senão na ultima extremidade, e portanto pedia-lhe que me apontasse um outro remedio menos desesperado.

Propoz-me então, de me aproveitar da minha juventude e figura elegante com que a natureza me havia dotado, para alcançar ter ligação amorosa com alguma velha dama libertina e liberal.

Este expediente, que me teria levado a ser infiel a Manon, não teve ainda o meu voto. Fallei do jogo como do meio mais facil e mais conveniente á minha situação.

Respondeu-me que o jogo com quanto fosse um bom recurso, necessitava ser explicado; que emprehender jogar, só com as esperanças usuaes do ganho, era o meio de completar a minha ruina; que pretender exercel-o só e sem auxilio, usando dos "leves meios" que um homem habil emprega para corrigir a falta de fortuna, seria occupação demasiadamente perigosa; que havia um terceiro meio, e era o da sociedade, mas que a minha juventude fazia-lhe receiar que os senhores confederados não me julgassem ainda com as qualidades necessarias e proprias para a liga. No emtanto prometteu-me os seus bons officios e protecção para com elles; e o que eu nunca teria esperado de tal individuo, offereceu-me dinheiro, para quando me achasse totalmente desprovido delle. A unica graça que porém lhe pedi no momento, foi de não dizer a Manon a perda que acabava de ter e o objecto desta nossa conversa.

Sahi de sua casa muito menos satisfeito do que quando para lá entrei; arrependi-me até de lhe ter confiado o meu segredo. Elle não tinha feito nada em meu favor, que eu pudesse obter sem a minha indiscripção; e temia muito que elle não faltasse á promessa de nada descobrir a Manon.

Tinha tambem motivo para receiar, attendendo á declaração dos seus sentimentos, que Lescaut não estivesse resolvido a tirar partido de sua irmã, segundo as suas proprias palavras, arrebatando-m'a, ou pelo menos aconselhando-a a deixar-me, para tomar novas relações com outro amante mais rico e mais feliz.

Sobre isto fiz mil reflexões, que outro fim não tiveram senão atormentar-me e renovar o desespero em que de manhã me abysmara.

Muitas vezes me veio á idéa escrever a meu pae fingindo uma nova conversão, afim de obter delle algum dinheiro; mas vinha logo em seguida a lembrança, que apezar de toda a sua bondade, tinha-me conservado encerrado seis mezes numa estreita prisão, pela minha primeira falta, e bem certo estava que depois de um escandalo tal como o que a minha fugida de São Sulpicio deveria ter occasionado tratar-me-ia ainda mais rigorosamente.

Emfim esta confissão de pensamentos e reflexões, de ancledades e incertezas, trouxe-me finalmente uma ideia que num instante derramou o socego no meu espirito, admirando-me de que ha mais tempo não me tivesse lembrado della: foi a de recorrer ao meu amigo Tiberge, no qual bem certo estava de encontrar sempre o mesmo zelo e amizade.

Nada ha tão admiravel, nada faz mais honra á virtude do que a confiança com que em geral nos dirigimos ás pessoas cuja probidade é geralmente reconhecida: sente-se que não ha risco a correr: e se nem sempre as achamos m circumstancias de nos prestarem auxilio, leva-se a convicção de que ao menos encontraremos nas suas palavras, bondade e sympathia pelas nossas desditas.

Olhei como effeito de protecção do céo, o ter-me lembrado de Tiberge, e resolvi fallar-lhe antes do fim da tarde. Voltei immediatamente para casa para lhe escrever um bilhete e mandar-lhe apontar um logar proprio para a nossa conferencia. Pedi-lhe silencio e discripção, como um dos mais importantes serviços qne me poderia prestar na situação em que me achava.

A alegria que a esperança de vêr o meu amigo me inspirava, de algum modo vendou os signaes do pesar, que Manon não poderia deixar de lêr em meu rosto. Fallei-lhe da nossa desgraça de Chaillot, como de uma bagatella que de modo algum a devia inquietar: e Paris sendo o logar do mundo onde ella se achava com mais prazer, em nada a contrariou o ouvir-me dizer que ahi ficariamos até que tivessem reparado em Chaillot alguns ligeiros destroços do incendio.

Uma hora depois, recebi a resposta de Tiberge promettendo ir ao logar que eu lhe designava para a entrevista. Esperei com a maior impaciencia por esse momento, ainda que bem envergonhado de ter que me apresentar diante de um amigo, cuja presença era já uma reprehensão de todos os meus desvarios.

A boa idéa que formava da bondade do coração de Tiberge, e os interesses de Manon, deram-me forças, animaram-me a affrontar resoluto um tal passo.

Tinha-lhe pedido que fosse ao jardim do Palacio Real. Quando cheguei já elle lá estava, e apenas me avistou correu a abraçar-me, apertando-me muito tempo entre seus braços e derramando copiosas lagrimas.

Disse-lhe que me apresentava na sua presença envergonhado e cheio de remorsos por causa do meu mau comportamento e ingratidão; que a primeira cousa que lhe supplicava era me dissesse se ainda podia consideral-o como amigo, tendo tão justamente merecido perder a sua estima e affeição.

Respondeu-me no tom mais terno e amavel, que nada seria capaz de o fazer renunciar a esta qualidade; que as minhas desventuras e, se eu lh'o permittia, as minhas faltas e erros, tinham duplicado a sua ternura para commigo; mas ternura amargurada do mais profundo pesar, justamente como se deve sentir por quem nos é caro e que vêmos correr á sua perda sem lhe podermos prestar soccorro.

Sentamo-nos num banco. — Ai! continuei eu com um suspiro partido do intimo dalma; a tua compaixão deve ser excessiva, se me asseguras que é igual ás minhas desventuras e desvarios. Tenho vergonha de t'os patentear, pois que a causa não é gloriosa; mas os effeitos são tão tristes, que não ha precisão de ser tão meu amigo como tu és para se ficar commovido.

Pediu-me como signal de amisade que lhe contasse, sem o menor disfarce, tudo quanto me tinha acontecido depois da minha partida de São Sulpicio. Satisfil-o, e, longe de alterar a mais leve cousa da verdade, ou de diminuir o vulto ás minhas loucuras, para as tornar mais desculpaveis, fallei-lhe da minha paixão com toda a força que ella me inspirava. Representei-lh'a como um desses revezes ditados pelo destino inflexivel, que cavam a ruina de um miseravel ente, e dos quaes é tão impossivel defender-se a virtude, como é o bom senso evital-os. Fiz-lhe uma pathetica pintura dos meus desgostos do meu desassocego, da desesperação em que me achava, e daquella em que ia cahir, se os meus amigos me abandonassem tão barbaramente como a fortuna: emfim, por tal forma enterneci o bom Tiberge que de certo elle estava tão acabrunhado e compadecido dos meus soffrimentos, como eu pelo xecesso da oppressão dos meus males.

Não se cançava de me abraçar exhortando-me a que tivesse coragem e resignação; mas como elle baseava os seus conselhos na minha separação de Manon, fiz-lhe comprehender claramente que essa separação era o que eu olhava como o maior dos meus infortunios, e que estava disposto não só a soffrer o ultimo abatimento da miseria, mas até a mais cruel morte, antes do que receber um remedio para mim mais insupportavel do que o complexo dos meus males.

— Explica-te então; em que te posso eu valer, se te revoltas contra todas as minhas propostas? Não me atrevi a dizer-lhe que era da sua bolsa que tinha necessidade; mas Tiberge, comprehendeu-o emfim, e ficou algum tempo calado e pensativo, como quem hesitava na resolução a tomar. Não julgues, tornou-me elle bem depressa, que a minha distracção provenha de resfriamento de zelo e de amisade; mas em que alternativa me

collocas tu, se tenho necessidade ou de recusar o unico auxilio que tu acceites ou de offender o meu dever concedendo-t'o; pois não será tomar parte nos teus desatinos o dar-te meios de nelles perseverares?

No emtanto, continuou Tiberge, apoz momentos de reflexão, imagino que é provavelmente o estado violento onde a indigencia te lança, que não te deixa escolher a melhor senda a trilhares. Para que se avalie a virtude e o bom senso é necessario a tranquillidade do espirito.

Vou tratar de alcançar-te algum dinheiro. Permitte-me, porém, meu caro cavalheiro ajuntou Tiberge abraçando-me, que te imponha só uma condição: é a de me dizeres aonde moras, e que soffras com paciencia os meus sermões para de novo te conduzir ao aprisco da virtude, que sei amas, e do qual só te afasta a violencia das paixões.

Concedi-lhe do melhor grado o que elle desejava, pedindo-lhe que lastimasse a malignidade da minha estrella, que tão mal me fazia aproveitar dos conselhos de um amigo virtuoso. Levou-me depois a casa de um banqueiro, seu amigo, que me adiantou sob a responsabilidade de Tiberge cem pistolas; pois, como já disse, o meu amigo não era rico, e não tinha aquella somma de sua. O beneficio de Tiberge valia mil escudos, mas como era o primeiro anno que o possuia, ainda não havia recebido o seu rendimento, e era do fructo futuro dos seus trabalhos, que elle me fazia este adiantamento!

Senti todo o preço da sua generosidade. Fiquei commovido a ponto de deplorar a cegueira de um amor fatal, que me obrigava a postergar todos os deveres. Alguns momentos teve a virtude bastante força para se erguer altiva contra a minha paixão; mas infelizmente esta lucta, este combate, durou pouco e foi ligeiro como a scentelha electrica. Um olhar de Manon ter-me-ia feito precipitar fóra do céo, qual o novo Lucifer, e admirei-me, ao achar-me de novo junto della, que pudesse ter considerado vergonhosa uma ternura tão justa para com um ente tão encantador.

Manon era creatura de um caracter extraordinario. Nunca mulher, na sua posição, teve menos amizade do que ella ao dinheiro; mas não podia estar tranquilla um momento quando o receio de que elle lhe faltasse, a vinha atormentar. Eram os passatempos e os prazeres as suas primeiras necessidades; nunca teria gasto um soldo, se se pudesse divertir sem o gastar. No emtanto, ainda que ella me tivesse amor até ao extremo e eu fosse o unico que pudesse fazer-lhe sentir as doçuras desse amor, estava certo até que a sua ternura não seria assaz forte contra os receios da indigencia. Ter-me-ia preferido ao mundo inteiro com uma fortuna mediocre; mas não duvidava que Manon me abandonasse por algum novo B..., logo que me não restassem mais do que constancia e amor para lhe offerecer.

Resolvi assim regular a minha despeza particular por tal modo, que estivesse sempre em estado de provêr ás suas exigencias, privando-me antes de mil cousas necessarias do que fartar-lhe a ella mesmo como superfluo. A carruagem era o que me dava mais cuidado pois não tinha meios de poder sustentar um cocheiro e cavallos.

Patenteei todos os meus receios ao senhor Lescaut, não lhe occultando que tinha recebido cem pistolas de um amigo. De novo este me tornou a repetir, que se eu quizesse tentar os azares do jogo, não desesperava de que, sacrificando uma centena de francos para fazer a bocca doce aos seus associados, eu não pudesse ser admittido, pela sua recommendação na liga dos industriosos. Por maior que fosse a minha repugnancia em enganar alguem, deixei-me arrastar ao crime por uma cruel necessidade.

Lescaut apresentou-me nessa mesma noute, como um dos seus parentes, ajuntando que eu estava tanto mais disposto a conseguir os meus fins, que tinha necessidade dos maiores favores da fortuna. Comtudo para fazer conhecer que a minha miseria não era a de um pobretão, disse-lhes que eu estava disposto a dar-lhes de ceiar. O offerecimento foi acceito com enthusiasmo e tratei-os como principes. Fallaram muito tempo da gentileza da minha figura, e das minhas "felizes" disposições. Pretendiam que haviam muito a esperar de mim, pois que tendo eu na physionomia o que fosse que denotasse um homem honrado, ninguem desconfiava dos meus artificios. Emfim agradeceram ao senhor Lescaut o ter procurado á ordem um noviço com o meu merito, e encarregaram um dos "cavalheiros da mesma", de me dar em alguns dias as instrucções necessarias.

O principal theatro das minhas "gentilezas" devia ser a hospedaria da Transylvania, onde havia uma banca de "pharão" e varios outros jogos carteados e de dado. Esta espelunca pertencia ao principe de R.. que então habitava em Clagissy, e a maior parte dos officiaes do seu regimento eram filiados na nossa associação!

Affirmal-o-hei, para minha vergonha!! Aproveitei-me em pouco tempo das lições do meu instructor. Adquiri sobre tudo immensa perfeição em empalmar as cartas, de modo tão perfeito que enganava os olhos mais perspicazes, e arruinei, sem dar mostras de tamanha traficancia, uma boa quantidade de jogadores honestos e leaes. Esta perfeição extraordinaria adiantou tanto o progresso da minha fortuna, que me achei em poucas semanas com sommas consideraveis, além daquellas que de boa fé partilhava com os meus associados.

Então não receei descobrir a Manon a nossa perda de Chaillot, e para a consolar, ao annunciar-lhe esta zanguinha, aluguei uma casa opulentamente mobiliada, para onde fomos habitar.

Tiberge durante este intervallo não havia deixado de me fazer frequentes visitas. A sua moral e os seus sermões, eram interminaveis.

A toda a hora pregava-me que eu na vida que então levava não fazia senão obrar de mal em peior para a minha consciencia e para a minha honra e fortuna! Recebia os seus avisos com amisade, e ainda que não tivesse a menor tenção de os seguir, agradecia-lhe interiormente os seus conselhos, porque bem conhecia o sentimento de affeição que os dictava. Algumas vezes o motejei na presença mesmo de Manon exhortando-o a não ser mais escrupuloso do que um grande numero de bispos, e outros padres, que sabem perfeitamente conciliar uma amante com um beneficio. — Vê continuava eu, mostrando-lhe Manon, e dize-me se ha faltas que uma tão bella causa não justifique?

Tiberge enchia-se de paciencia e callava-se, e até mesmo a levou mui longe; mas, quando viu que as minhas riquezas iam em augmento, e que não só lhe tinha pago as suas cem pistolas, mas além disso, tinha alugado uma nova casa e dobrado a minha despeza, engolphando-me cada vez mais nos prazeres, mudou então inteiramente de tom e de maneiras. Queixava-se da dureza do meu coração; ameaçando-me com os castigos do céo, e predizendo-me uma parte das desgraças, que infelizmente não tardaram em acontecer-me.

— E' impossivel que as riquezas que servem para alimentar os teus desatinos sejam adquiridas legitimamente. Assim como as alcançaste, do mesmo modo as perderás e fica certo que a punição mais terrivel que Deus poderia dar, seria o deixar-te gozal-as tranquillamente. Todos os meus conselhos, ajuntava ainda Tiberge, teem sido inuteis: e bem prevejo que não tardará que elles se tornem importunos. Adeus ingrato e fraco amigo. Possam os teus criminosos prazeres fugirem, e desvanecerem-se como o fumo! Possa a tua fortuna e o teu dinheiro naufragar sem recurso, e tu, então só e nu, sentir a validade dos bens que tão loucamente te embriagam! Será então que me has de achar prompto a estimar-te, e a servir-te: mas rompo hoje todas as ligações comtigo, e detesto a vida que levas!

Foi mesmo no meu quarto e diante de Manon que elle fez esta arenga apostolica. Levantou-se para se retirar. Quiz retel-o, mas Manon impediu-m'o dizendo que Tiberge era um doudo que forçoso seria deixar sahir.

Um tal discurso, porém, não deixou de me impressionar. Noto assim as diversas occasiões em que o meu coração sentiu uma queda para o bem, pois que é a estas recordações que eu devo uma parte da força moral que tive nas mais desgraçadas circumstancias da minha vida; as caricias porém de Manon dissiparam alguma cousa o desgosto que esta scena me causara, e continuamos na nossa vida de prazer e de amor.

O augmento constante das riquezas reconhrou a nossa affeição. Venus e Pluto nunca tiveram escravos mais felizes, nem mais submissos e ternos. Meus deus! para que chamaram ao mundo um logar de miserias, quando nelle se podem gozar tão bellas e doces delicias! Pena é serem tão passageiras; e que outra felicidade ambicionariam os mortaes, se ellas fossem de eterna duração. A minha felicidade teve pois a sorte commum: a de durar pouco, e de ser seguida de amargos pezares.

Tinha ganho sommas tão consideraveis ao jogo que cuidei finalmente de collocar bem o meu dinheiro, para de futuro ter bons rendimentos. Os meus criados não ignoravam a minha felicidade, sobre tudo o criado do meu quarto e a aia de Manon, diante dos quaes muitas vezes conversavamos sem desconfiança. A aia de Manon era uma linda rapariga e o meu criado particular estava della enamorado; e ambos tinham de tratar com amos jovens, que imaginaram poder enganar facilmente. Conceberam esse designio, e executaram-n'o tão desgraçadamente para nós, que ficamos collocados num estado donde nunca mais nos pudemos levantar.

Uma noite fomos ceiar com Lescaut, já passava da meia hora quando voltamos para casa. Chamei o meu criado, Manon a sua aia: nem um nem outro appareceram. Os outros criados responderam-nos, que os não tinham visto em casa depois das oito horas e que ambos tinham sahido depois de haverem feito transportar algumas caixas, isto segundo as ordens que elles diziam terem de mim recebido.

Presenti uma parte da verdade, mas não formei uma ideia tal, por maior que o roubo tivesse sido, de que não fosse excedida pelo que descobri ao entrar no meu quarto. A fechadura tinha sido forçada e o dinheiro roubado com todo o meu fato. Emquanto, só, reflexionava neste incidente, Manon correu toda assustada dizer-me que a mesma pilhagem havia sido feita nos seus aposentos.

Realmente o golpe pareceu-me tão cruel que só um esforço extraordinario de razão é que me impediu de me entregar desatinadamente aos gritos e lagrimas. O temor de communicar o meu desespero a Manon fez com que eu affectasse no rosto grande tranquillidade. Disse-lhe, rindo, que me vingaria em algum "pato" na hospedaria de Transylvania; no emtanto ella pareceu-me tão sensivel á nossa desgraça, que a sua tristeza teve maior força para me affligir do que a minha alegria fingida teve para impedir della se acabrunhar. — Estamos perdidos, clamou-me ella, derramando copiosas lagrimas. Em vão me esforcei para a consolar por meio das mesmas caricias. As minhas proprias lagrimas trahiram o meu desespero e consternação. Com effeito estavamos nor tal modo arruinados, que nem tinhamos uma camisa! Tudo nos tinham roubado.

Resolvi mandar chamar immediatamente Lescaut. Este aconselhou-me que fosse mesmo naquella hora a casa do intendente geral da policia e do preboste de Paris. Apresentei-me em ambas as partes, para maior desgraça minha pois independente de que os passos que dei e os que obriguei a dar a estes dois officiaes de policia não surtissem resultado algum, dei tempo a Lescaut de conversar com sua irmã e de inspirar-lhe, na minha ausencia, uma horrivel resolução.

Fallou-lhe de G . M . velho libertino que pagava com mão larga os prazeres sensuaes, e fez-lhe uma pintura tão lisongeira das vantagens que Manon teria em se amancebar com elle, que, perdida de razão como ella se achava pelo nosso infortunio, promptamente accedeu ao que seu irmão lhe quiz persuadir.

Esta "honrosa" venda foi concluida antes do meu regresso e a execução ficou retardada para o dia seguinte, isto para que Lescaut pudesse primeiro prevenir G... M

Achei-o esperando-me em minha casa: Manon deitára-se, tendo dado ordem ao criado de me dizer que estando mui doente e fatigada me pedia que a deixasse só durante aquella noite. Lescaut sahiu depois de me ter offerecido algumas pistolas, que eu acceitei.

Eram perto das quatro horas da madrugada quando me deitei, e assim mesmo muito tempo estive pensando nos meios de restaurar a minha fortuna, de sorte que a adormecendo já com o sol nado não pude accordar senão perto do meio dia.

Levantei-me rapidamente para ir saber da saude de Manon; disseram-me que ella tinha sahido uma hora antes com seu irmão, que a tinha vindo buscar numa carruagem do aluguer. Ainda que este passeio dado com Lescaut me pareceu mysterioso violentei-me para suspender o curso das minhas suspeitas. Deixei decorrer algumas horas, que passei a lêr.

Emfim, não sendo já senhor da minha inquietação, passeava descompassadamente por toda a casa. Foi então que vi no quarto de Manon uma carta fechada, que estava em cima da mesa. O sobrescripto era para mim; a letra era della. Abri a carta tremendo convulsivamente; a qual era concebida nos termos seguintes:

"Juro-te, meu caro cavalheiro, que amo-la és o idolo do meu coração, e que não ha no mundo outro que eu possa amar tanto como te amo a ti; mas não vês, meu querido bem, que, no estado a que ficamos reduzidos, a fidelidade seria a mais louca das virtudes?

"Julgas que se possa ser terna, apaixonada e alegre quando a fome nos bate á porta? A fome seria capaz de causar-nos alguma surpreza bem fatal; quem sabe se eu no momento em que julgasse suspirar de amor daria talvez o ultimo suspiro? Adoro-te, fica certo disso; mas deixa-me por algum tempo o encargo de tornar a montar a nossa fortuna. Desgraçado do que me cahir nas mãos! trabalho por tornar o meu cavalheiro rico e feliz. Meu irmão

te dará noticias da tua Manon, e dir-te-á quanto ella chorou vendo-se obrigada a deixar-te por algum tempo."

Depois da leitura desta carta, fiquei num estado difficil de descrever, porque ainda hoje ignoro quaes os sentimentos que então me dominavam. Foi uma dessas situações unicas, nunca sentidas até então: não seria possivel narral-as a outra pessoa, por que ninguem seria capaz de formar dellas idéa exacta; e sabe Deus quanto custa o podermos explical-as a nós mesmos, por que sendo as unicas do seu genero, a memoria não as liga ou póde comparar com outra qualquer, nem as approxima de nenhum sentimento conhecido.

No emtanto fosse qual fosse a natureza dos sentimentos que então me agitavam devia haver nelles um amalgama completo de dor e despeito, de ciume e vergonha. Bem feliz teria sido se nesse composto não tivesse entrado na maxima parte o amor.

— "Manon ama-me quero acreditál-o: mas seria mister, exclamava eu que ella fosse um monstro para me odiar? Que maiores direitos se podem ter sobre um coração, do que eu sobre o della? Que me restava a fazer depois de tudo o que lhe sacrifiquei? E no emtanto abandona-me! e a ingrata julga-se a coberto das minhas arguições dizendo que não cessa de amar-me!

"Tem medo da fome!... que grosseria de sentimentos, e como é triste a retribuição que dá á minha delicadeza! se eu não temi essa fome — eu, que me exponho a ella voluntariamente por Manon, renunciando á minha fortuna e ás doçuras do lar paterno; eu que me prohibo de ter até o necessario para satisfazer as suas menores vontades e caprichos!!

"Adora-me; diz-me ella. Se me adorasses, ingrata, bem sei de quem seguirias os conselhos e não me terias abandonado sem ao menos me dizeres adeus! E' a mim a quem se deve perguntar qual é a dôr que se sente ao separarmo-nos da mulher, ao idolo que adoramos!

As minhas lamentações e queixas foram interrompidas por uma visita que de certo eu não esperava: — a de Lescaut.

— Carrasco! digo-lhe levando a mão ao punho da espada, onde está Manon? que fizeste della.

Este movimento fél-o recuar, e respondeu-me que se era assim que eu o recebia quando vinha dar-me conta do serviço mais consideravel que me poderia ter feito, ia retirar-se e nunca mais tornaria a pôr os pés em minha casa.

Corri á porta do quarto, que fechei mui cuidadosamente mettendo depois a chave no bolso.

Não imagines, repliquei voltando-me para elle, que pódes mais esta vez zombar de mim, enganando-me com as tuas artimanhas e historias: defende a tua vida ou dizme onde é que está Manon.

— Ora como é apressado! atalhou Lescaut. E' esse o unico motivo que me traz a sua casa. Venho annunciar-lhe uma felicidade em que decerto o cavalheiro não pensava, e reconhecerá de certo depois de ouvir-me que me é devedor de grandes obrigações

Quiz ser esclarecido immediatamente.

Contou-me que Manon, não podendo conformar-se com a ideia de que um dia havia de chegar em que ella não tivesse de comer, e sobretudo não podendo conciliar comsigo mesma a necessidade em que se achava de restringir as nossas despezas e modo de vida, tinha-lhe pedido de a apresentar a Mr de G. de M. que passava por homem generoso.

Lescaut não teve pejo algum de me dizer que um tal conselho fôra elle o primeiro a dar-lh'o, e que tambem fôra elle quem preparára assim Manon para esta traição!

— Levei-a a casa de Mr. de G. de M.. continuou o irmão de Manon, hoje de manhã, e este homem ficou por tal modo encantado de sua figura e belieza, que a convidou logo a ir fazer-lhe companhia por algum tempo na sua casa de campo, onde elle foi passar alguns dias, e como conheci logo num relance quanto este arranjo deveria ser vantajoso para o cavalheiro, fiz-lhe perceber que Manon havia soffrido perdas consideraveis, e por tal modo excitei a sua generosidade que hoje mesmo lhe deu já duzentas pistolas. Agradaceudo-lhe o presente, disse-lhe que o futuro acarretaria grandes necessidades a Manon, pois que a rapariga tinha-se encarregado de sustentar um joven irmão, que nos tinha entrado em casa, depois da morte dos nossos paes, e que se elle a julgava digna da sua estima não a deixaria soffrer por amor dessa pobre criança, que a tinha amava com tanto amor como a si propria. Esta narração enterneceu-o bastante a ponto de prometter alugar uma casa para o senhor e para Manon: é o cavalheiro Des Grieux esse pobre orphão, a quem Mr. de G. de M... prometteu vestir e sustentar, fornecendo-lhe todos os mezes quatrocentas boas libras, que fazem no fim do anno, se a taboada não mente, quatro mil e oitocentas libras Deu ordem ao seu intendente, antes de partir para o campo, que procurasse uma casa, afim de que á sua volta, Manon a achasse prompta. Tornará então a ver minha irmã, que me encarregou de o abraçar mil vezes, assegurando-lhe que o ama mais do que nunca.

Sentei-me, pensando neste extravagante destino que me impunha a minha estrella; achei o meu espirito dividido entre sentimentos tão oppostos e por conseguinte numa incerteza tão difficil de determinar, que fiquei muito tempo sem responder ao tropel de perguntas que Lescaut me fazia uma atraz das outras. Foi nesse momento que a honra e a virtude me fizeram sentir mais uma vez o peso dos remorsos; foi então que deitei os olhos para Amiens, para a casa de meus paes, para São Sulpicio, emfim para todos os logares onde tinha vivido na innocencia e com honradez. Que abysmo me não separava agora dessa vida feliz e socegada! Não via essa felicidade celestial senão como uma sombra, que attrahia ainda os meus desejos e causava-me pesares mas era fraca em demasia para excitar os meus esforços.

— "Porque fatalidade dizia eu, me tornei tão criminoso! O amor, uma paixão tão innocente, como se mudou para mim numa fonte de desatinos e miserias?! Quem me impediria de viver tranquillo e virtuoso com Manon? Porque não havia eu de desposal-a antes de ter obtido della a menor concessão?

"Meu pae, que tanta amisade e ternura me consagrava, não o teria consentido se eu lh'o houvera pedido com todas as instancias legitimas?

"Ah! de certo que sim, meu pae mesmo tel-a-ia amado como uma mulher encantadora, mui digna de ser esposa de seu filho: seria feliz com o amor de Manon, com a affeição de meu pae, com a estima das pessoas virtuosas, com os bens da fortuna, e com a tranquillidade da virtude.

(*Continua*)

A CAMISARIA PROGRESSO

Tem sempre grande stock em tecidos finos quer para confecção, quer em artigos já confeccionados.

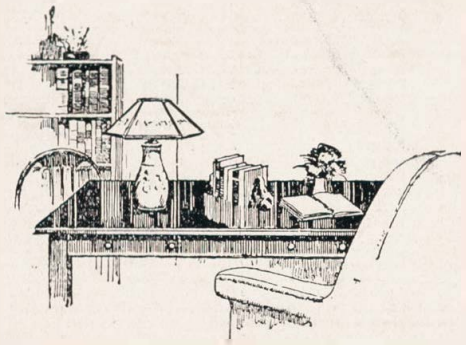
GRANDE VARIEDADE EM CAMISAS E CEROULAS PORTUGUEZAS

Troca-se ou restitue-se a importancia paga por qualquer mercadoria que não corresponda á espectativa do comprador.

PRAÇA TIRADENTES, 4

OFFICINAS PROPRIAS

Phone C. 1880



Gabinête Feminino

para

As nossas gentis leitoras

FLOR DO AR — Esperar ainda? Não, querida, já esperaste demais. Se elle não cumpre com o seu dever tens a obrigação de o chamar á ordem. Tens-lhe muito amor. Já o beijaste? Naturalmente sim e torna-se-te doloroso renunciar a essas pequenas doçuras da vida. Mas... depois? Se essa tua situação ambigua se prolonga uns dias, mezes, annos, aonde poderás tu chegar? Primeiro — estou certa disso — permittiste que te acariciasse as mãos depois que te beijasse os labios. Já deixaste que elle te apertasse contra o peito. O que é que tolerarás agora? Elle não é teu noivo, não te disse ainda que o viria a ser... O que esperas tu, então? Julgas que podes passar toda a vida numa situação dessas? Apressa-te, querida, define a tua situação! Apressa-te! Evita, agora que podes, o teu arrependimento posterior.

OLHOS LINDOS — Na tua edade é muito cedo. Não acceites cortejador. Perderias teu tempo sem chegar a nada definitivo. Por emquanto estuda. Pedes-me conselho, não é? Estuda, repito. O teu melhor noivo, para agora, é o estudo. Lá chegará a epoca do teu noivado verdadeiro, e com elle as dores infinitas e as angustias inolvidaveis. Por emquanto, é cedo. Deixa-te de noivos.

DOROTHY CREN — Que razão tens tu para duvidar da fidelidade delle? Não m'o dizes na tua carta. Se acaso te deu motivos para pensares que "não quer", quaes são esses motivos? Toma cuidado. Não te deixes levar por coisas irreaes. Pensa bem. Um erro nesse sentido póde ser fatal para a tua vida. Lembra-te de que a verdadeira felicidade só existe na mutua confiança, na fé compartilhada, na certesa de que é impossivel o engano ou a traição. Se duvidas, se enches a tua vida de temores, se pensas continuamente que elle te abandonará um dia, como queres tu encontrar a ventura nos seus carinhos? Ouve, minha filha. Apezar da opinião que tu tens dos homens affirmo-te que elles correspondem sempre á nossa confiança, quando vêem de nossa parte a sinceridade necessaria para serem felizes. Pensa bem, Dorothy.

FLAVIA — Não... Não te deves entregar ao desespero. Não é logico, nem justo siquer. Conversa um pouquinho comtigo propria mais calma e verás. Se elle se deixou cachizar pela "outra" é signal de que não sabia dar valor á riqueza e á qualidade do teu carinho. E se não sabia dar valor a isso, melhor é que se vá e tu te esqueças delle. E' mesmo melhor que se dê agora isso e, não, depois, entendes-me? Dizes tu que não te pódes sobrepôr á dôr! Que enorme ficção a tua! Assim fossem todas as dôres a supportar na vida! O tempo apaga, dissipa as dores, como o sol esgaça as nuvens. Espera. Não tens, mãe, pae, irmãos, um lar, em summa? Não vale isso tudo um sacrificio? A mulher que não sabe dominar suas dores, nunca foi joven, porque a juventude é precisamente valentia, coragem, dominio, força. Se queres odial-a a "ella" odeia-a. O odio costuma ser fecundo, mas o desespero e o suicidio não servem de nada. E's moça. Por que não acreditas, então, que o teu coração voltará a amar? Flavia! Juro-te que daqui a cinco annos nem siquer a lembrança do passado haverá mais em ti.

TRISTE — Mui bonita a tua carta! O querer demasiado costuma prejudicar-nos a nós que vivemos predispostas ao sonho e á ficção. Demonstra-lhe a intensidade do teu amor e se isso não te fizer triumphar arma-te de coragem para esquecel-o. Para grandes males, grandes remedios!

CHILA — Quando se tem a edade que tu me dizes ter, essas questões do "primeiro amor" são de fundamental importancia. Mas, menina! Estás certa de que "isso" é o amor. Não confundas o que póde ser uma sympathia de teu espirito, que quer ser mulher — chrysalida que tenta ser mariposa — com o amor, alguma coisa mais profunda do que tu me expões na tua carta.

MADAME DORAT